

ALTAS INSTÂNCIAS DO PODER SAEM DE LISBOA

Eanes na Beira Baixa Soares no Nordeste

Uma semana marcada por um acto partidário de forte significado político na situação actual — o PCP propondo nada menos que a demissão do Governo, a dissolução da Assembleia da República, a suspensão das leis que ali foram aprovadas recentemente e a realização de novas eleições gerais dentro de três meses — acaba assinalada por pouca movimentação. O facto não é sem precedentes, mas não deixa de ser assinalável. Todavia, é pre-

ciso registar que duas altas instâncias do Poder não se encontram hoje e amanhã em Lisboa: o Primeiro-Ministro vai ao Nordeste Transmontano e o Presidente da República ao Fundão.

A deslocação de Mário Soares ao Nordeste faz-se a título partidário, o que não significa que não tenha uma inevitável conotação governamental. Soares partiu esta manhã de Lisboa na companhia de, entre outros, António Barreto, Raul Rego, Jaime Gama

e Rosa Gomes, e vai a diversas localidades como Freixo de Espada à Cinta, Moncorvo, Mirandela e Sanfins.

A deslocação de Ramalho Eanes é amanhã e o Chefe do Estado vai presidir à sessão de encerramento do I Encontro dos Emigrantes das Beiras, que se realiza hoje e amanhã no Fundão. Pouca comitiva: o chefe da Casa Civil, o assessor para a Comunicação Social, o ajudante de campo.

Uma visita sem apar-

to, que pode, no entanto, estar impregnada de forte significação. Lembra-se que o interesse de Eanes pela emigração e respectivos problemas tem sido visível em numerosos actos e afirmações. Amanhã, o Presidente estará entre um milhar ou mais de trabalhadores portugueses no estrangeiro, e não só na sessão: também no almoço-convívio, que se anuncia para o ar livre nos arredores da vila.

ENCONTRO DO FUNDÃO (Pág. 2)

EXPLOÇÃO DE MOATIZE

Divulgada identidade dos portugueses mortos

O Ministério dos Negócios Estrangeiros tornou pública a lista dos cidadãos portugueses que perderam a vida nos trágicos incidentes ocorridos na mina moçambicana de Moatize. São eles: Manuel António Carneiro de Almeida, Manuel Mendes Pereira, José Maria Rodrigues Soares, António Augusto de Sousa, eng. Henrique Jorge de Sousa Pontes, eng. Sérgio Correia Rodrigues, eng. Carlos Alberto Sousa Martins e eng. António José Santana Pereira.

Encontram-se hospitalizados António Alves de Jesus e Artur Ribeiro.

Trabalham ainda na referida mina os seguintes cidadãos portugueses, que ficaram ilhados: José Maria, Manuel Moreira, Francisco da Conceição, Alcino de Sousa, António Alves Pereira, Serafim Capote Pássego, José da Silva Baptista, Artur Leitão, Manuel Dias Rocha, António Palma Tendeiro, Jaime dos Santos Bernardino, Joaquim Dias Mota, António Ta-

vares, Fernando Amaral, Alfredo Amaral, Mário Bentes Cabrita, Oscar Felgueiras, Eduardo Coutinho, Manuel Lopes Agra, Eduardo Pereira Leite, Carlos Alberto Vidal, João Caeiro de Abreu, António Justino Coutinho, Emília Miranda Coutinho, José Cardoso, Joaquim Cardoso e Artur Palrão.

«A Embaixada de Portugal em Maputo» — refere ainda o MNE — tem estado em contacto permanente com o Minis-

Continua na pág. 16



Mais um fim-de-semana com sol na região de Lisboa: a cidade começou a despovoar-se logo de manhã, como documenta a foto da «bicha» na Praça de Espanha para os autocarros da Caparica. Por seu turno as praias da «Linha» encheram-se como um ovo, fazendo prever um colossal «engarramento» no regresso, ao fim da tarde



A mãe de Rui Gomes à saída do 1.º TMT de Lisboa, depois da leitura da sentença

Estudante Rui Gomes mais 22 dias na prisão

Com a condenação do réu terminou ontem o julgamento do estudante Rui Gomes, preso desde há 22 meses, primeiro como declarante e depois como arguido e que terá de ficar mais 22 dias na prisão.

Põe-se assim fim legal — se a defesa e a acusação não recorrerem — a um processo que, pela forma como se iniciou, pelas arbitrariedades praticadas durante a instrução e pelas debilidades demonstradas pela acusação, se esperava que tivesse outro desfecho. Para aqueles que seguiram com atenção o desenrolar do caso Rui Gomes, a sentença (decidida por maioria pelo tribunal) era inesperada. E se, porventura razões jurídicas presidiram à deliberação do tribunal, dificilmente se poderão afastar do espírito dos observadores os condicionaisismos políticos que cercaram todo o processo, desde as atitudes do juiz Saraiva Coelho, que insistiu na manutenção da prisão de Rui Gomes porque este afirmara ser antifascista (o que se-

ria um índice de perigosidade), até aos lamentáveis incidentes que marcaram a primeira audiência do julgamento e que viriam a saldar-se pela perda de uma vida — a do operário Luís Caracol, de apenas 17 anos de idade — quando pretendia exercer o legítimo direito de assistir à sessão.

Aliás, a denúncia da arbitrariedade, que se revelou na prisão e no sequestro de Rui Gomes (como afirmara Louis Joinet, da Liga Internacional dos Direitos do Homem) e da brutal intervenção da «Polícia de Choque» no passado dia 13 de Julho, preencheu o comício ontem à noite realizado na Voz do Operário.

Os oradores, entre os quais se salientam os deputados Aires Rodrigues e Acácio Barreiros, chamaram a atenção para a escalada repressiva que estaria a verificar-se, ameaçadoramente semelhante à que era conhecida dos antifascistas antes do 25 de Abril.

(Pág. 5)

**“Expresso”
prevê nova
desvalorização
do escudo
(8 por cento)**

Para lá dos insistentes desmentidos com que o Governo tem respondido às notícias da nova desvalorização do escudo, hoje esta é dada como muito provável, e da ordem dos oito por cento, pelo «Expresso».

Segundo este semanário, a desvalorização do escudo seria já um ponto assente a anunciar ainda por toda a próxima semana, através da TV, pelo ministro das Finanças, Medina Carreira. O problema residiria apenas em acertar agulhas quanto ao montante exacto da desvalorização e à forma como se vai processar.

Para complementar as medidas de 25 de Fevereiro, o «pacote n.º 1», muitas medidas restritivas, vulgo de austeridade, estariam na calha, no mês quente em que os portugueses gozam férias. O «pacote n.º 2», poderá trazer também, na opinião do «Expresso», o aumento da gasolina, dos transportes e de outros produtos.

Em comunicado recente, recorde-se os Sindicatos dos Trabalhadores de Comércio informaram que o custo de vida durante o corrente ano, aumentaria em Portugal na ordem dos 47 por cento. A austeridade vem chegando sempre a quem mais viveu nela.



AGENDA SEMANAL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete
PONTO
sete

Todos os dias, o leitor fica a saber por certos órgãos da Comunicação Social que «segundo observadores políticos» aconteceu isto e há-de acontecer mais aquilo. O «Sete-Ponto-Sete», que incluímos nesta edição do «DL», acha que é altura de revelar quem são esses observadores e como são duros as suas condições de trabalho. Além daquele tema, o «Sete» publica ainda as habituais secções de Cinema, Livros, Música e Televisão.

mo dia 17, com um vasto programa cultural e recreativo, em que merecem destaque a pintura de murais, projecção de filmes e «slides» e ainda debates sobre cooperativismo, Reforma Agrária e poder local.

post-scriptum

A filosofia da «Carta Aberta»

Com o evoluir do processo da chamada «Carta Aberta» verificou-se que afinal alguns dos seus subscritores eram homens honestos. Mal informados, impulsivos certamente por um idealismo generoso, fruto duma politização incipiente, acabaram por descobrir que haviam sido vítimas dum logro e não lhes restou outra alternativa senão desligarem-se de todo esse processo. Exemplo esclarecedor forneceu-o José Luís Gaspar, um dos principais dinamizadores do movimento «cartista».

Como é evidente, apenas restam os «lacaio do patronato», certamente na mira de, com o seu servilismo, conseguirem inverter os seus papéis na sociedade, passando de explorados a exploradores.

Um dos mais fiéis defensores da «Carta Aberta» tem sido o Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito do Porto ou, melhor, a sua direcção. Na verdade, e dando de barato que a sua posição não fosse sobejamente conhecida, bastaria acompanhar regularmente a leitura do seu boletim (des)informativo «O escriturário» para concluirmos pela afirmativa. Através deste, facilmente deduzimos os objectivos que pretendem atingir, com as suas tiradas filosóficas. Vejamos por exemplo, o editorial do n.º 15, da responsabilidade da direcção, que nos fornece este elucidativo naco de prosa:

«Brasil ou Chile, União Soviética ou Checoslováquia são exemplos que os trabalhadores não podem esquecer.

São exemplos que nos lembram um passado bem recente, são exemplos que a cada passo devemos ter na frente dos olhos para evitar que o fascismo, com um sinal ou outro (o sublinhado é meu) venha de novo agripiar os trabalhadores portugueses, submetendo-os a novas formas de submissão».

Não há dúvida amigos que todos esses pasquins que por aí proliferam não teriam escrito melhor.

Porém, se o exemplo apresentado não fosse suficientemente elucidativo, relativamente ao serviço de quem está o STEDP ou, melhor, a sua direcção, bastaria a célebre «Carta (aberta) para Garcia» para nos esclarecer, publicada no mesmo número de «O escriturário».

Que objectivos pretende atingir a direcção do STEDP com a «Carta para Garcia»?

Muito simples: que os trabalhadores portugueses trabalhem, trabalhem, sempre cada vez com mais afínco, sem discutir as ordens do patrão, sem fazer greves, enfim... como carneiros.

E tudo isto para quê?

Mais simples ainda: ajudar a recuperação capitalista em curso, para satisfação dos capitalistas, dos monopolistas, dos latifundiários, dos exploradores dos trabalhadores, em suma, para que o capitalismo possa sobreviver.

José Ferreira
GAIA

«Estrela do Guadiana dá exemplo de trabalho»

No passado dia 4, o Diário de Lisboa, publicou uma carta do filho do almirante Sousa Uva, que comentava e desmentia um artigo publicado no referido periódico intitulado «Estrela do Guadiana dá exemplo de trabalho», nomeadamente a classificação do almirante Uva de «absentista» e de «amante de caçadas», dando a pretensa carta-rectificação a ideia de que os trabalhadores devem estar gratos pela obra de Uva.

Como conhecedor do terreno pisado e agora especulado, e com o espírito de contribuir para uma verdadeira informação, começarei por dizer que na realidade, a forma como o sr. Uva, bem como sua excelentíssima esposa sempre trataram os trabalhadores da Portela da Brava, merecia uma gratidão imensa. Os «trabalhadores de merda» — epíteto lançado pela sra. Uva quando das suas últimas visitas à herdade — têm-se, contudo, escusado a embarcar nessa gratidão que, decerto, já teria posto os Uvas a cavar dias a fio na horta, com um pouco de almoço na barriga, que era o que o sr. almirante fazia enquanto se deliciava com o bom queijo caseiro enquanto a excelentíssima esposa dava-se ao trabalho de esconder as melhores laranjas para que parecesse que as que dava aos trabalhadores eram de qualidade superior.

Gratidão? Porquê? Pelo sr. Uva dar trabalho a um grupo de trabalhadores que devia ser dobrado, enquanto tantos penavam pelo caminho do desemprego? Por trazer até à Portela da Brava, em «Mercedes» pretas, de cortinas cerradas, Tomaz e companhia, mostrando deste modo, aos trabalhadores em que se transformava o «amor» do seu trato?

Por organizar caçadas que davam trabalho a dez «secretários» e dez «batedores» pagos a 35\$00 por dia, e duas criadas pagas a 20\$00 por dia (dados da caçada de 19-12-65)?

Por lançar sementes à terra apenas para que as perdessem tivessem que comer?

O que «espreme» os Uvas e restantes «compagnons de route» é verificarem que a consciência dos trabalhadores e a sua unidade, viceja, como ramos de videira.

Aristides Teixeira
LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

Folhetim Artístico

José-Augusto França

A morte de Cândido Costa Pinto

Uma notícia triste chegou do Brasil: a da morte de Cândido Costa Pinto, que para ali foram em 1963, numa emigração desesperada. Muito em desespero, de resto, sempre viveu este pintor talentoso e hábil, sonhando alturas.

Conheci-o em 1938, creio, na Figueira da Foz, donde ele era natural e nesse ano expunha caricaturas e desenhos. Caricaturas-retratos, bem modelados, muitas vezes dele próprio — mas não o que apareceu, à data da morte, num jornal lisboeta, e que era retrato de outra pessoa. Triste homenagem!

Nisso e na publicidade teve Cândido uma primeira carreira, e os seus cartazes bem pensados eram notáveis — mas ficaram sempre um tanto à margem da produção corrente, por exigências do autor que se adaptava mal aos usos do meio. Foi também ilustrador de jornais, preso a ideias de um nacionalismo espiritual que, nos anos 30-40, o fizeram caricaturar agressivamente Hitler e Estalines, e ver Portugal defendendo-se do comunismo internacional. Depois, foi autor de dezenas de capas famosas, da colecção policial «Vampiro», dos Livros do Brasil — numa espécie de imaginação surrealista que praticava em pintura e o aproximou do movimento, em Paris, em 1947, com um quadro que, por excesso de erotismo, Breton recusou na grande exposição desse ano. O Museu de Arte Contemporânea de Lisboa, que nunca quis comprar quadros de António Pedro nem de António

Dacosta, conserva, dele, talvez a mais notável obra que realizou: «Aurora Hiente», já de 42, como única amostra do primeiro surrealismo português.

É em função do seu empenho surrealista que Cândido Costa Pinto ficou na história da pintura portuguesa de meados do nosso século, mas de uma maneira equívoca, ou antes equivocada.

É preciso saber que o grupo que se formou em Lisboa, em fins de 1947, nasceu de sua própria iniciativa, recém-chegado de Paris e logo contactando com jovens artistas que no neo-realismo praticado começavam a encontrar limites de expressão poética; e com António Pedro depois, ele próprio não há muito regressado de Londres e da BBC e de convívio com o grupo surrealista londrino. Mas outra espécie de equívoco rebentou então — quando os próprios contactados o acusaram de ter exposto no SNI um quadro, na altura famoso, «Em Lisboa há bacalhau», que não era propriamente surrealista mas alegórico e algo líricamente popularista. Expor no SNI era então, depois da falência das «eleições livres» reclamadas em 45, marca indelevel que as «Exposições Gerais de Artes Plásticas», ligadas ao MUD, esclareciam. Lá expusera também Cândido, em 47, ao lado de António Pedro — mas depois quisera ainda expor no Palácio Foz. Porquê, dificilmente o explicou e foi penosa a cena de que me lembro bem: uma certa independência profissional apreçoada, uma certa busca

de vantagens materiais também, uma confusão espiritualista de «cima da política» então, ou desde então, inadmissível — como a longa crónica dos independentes e dos dependentes provaria, em bocotagens e colaborações, à ou com a política do Estado Novo. De resto, a PIDE, açulada pelo «Diário da Manhã», entrevistara com apreensão de quadros na «Exposição Geral» de 47 e os jogos ficaram para sempre feitos, até Abril de 74.

Cândido ficou então isolado, voltou ao SNI, lá obteria o Prémio Sousa-Cardoso em 51, mas a melhor época da sua pintura estava finda — e, em especulações matemáticas (com que pretendia concorrer Almada Negreiros) e experiências técnicas secretíssimas e de pigmentos e «média», encaimou-se para um misticismo que lhe estava no fundo da personalidade e em Kris'namurti encontrara já radicação ou justificação; o seu pequeno ensaio «O Complexo Conceitual» foi disso explicação confusa. Ainda veio a reclamar prioridades no surto da pintura abstracta em Portugal, batendo-se desastrosamente numa marginalização que lhe era fatal, por si próprio e pelo meio que orgulhosamente hostilizava. Entre as pessoas ligadas ao movimento surrealista e depois ao abstraccionismo, teve sido a única ou das raras que o escutavam, recebendo-lhe pacientemente longas cartas justificativas, e convidando-o, em 54, para fazer uma exposição na Galeria de Março, que foi a última ou das últimas manifestações pessoais com que

interviu na vida artística portuguesa.

Mas de Cândido Costa Pinto ficaram alguns quadros que, como a «Aurora Hiente», marcaram posição no surrealismo lisboeta, depois da exposição de Pedro Dacosta em 40 e antes das manifestações do Grupo Surrealista e dos seus dissidentes, em 49. Entre ambas as datas Cândido praticou um surrealismo que em 47 critiquei num ataque que ele discutiu lealmente. Surrealismo equivocado, disse atrás — e o equívoco estava num espiritualismo evasivo tanto quanto no próprio movimento genético das composições, partindo de ideias havidas e depois expressas de uma alegoria de chave pronta, ou laboriosamente fornecida pelo próprio artista. O que era o contrário da surpresa orgânica do surrealismo, ou seja da poesia desejada e em contornos irredutíveis. Por isso mesmo teve a pintura de Cândido uma certa aurea a que uma técnica minuciosa, extremamente cuidada de execução, brilhante de efeitos e habilíssima parecia dar razão. E dava, perante admiradores pouco informados — que nas capas da colecção «Vampiro» continuaria a satisfazer-se.

De Cândido veio, por assim dizer, o surrealismo possível, sabendo-se das impossibilidades que o outro teve, desde António Pedro e Dacosta, até à geração de 47-49. E veio agora, do Brasil, a notícia da morte de um homem de triste destino, vítima de muita coisa portuguesa. De cuja pintura, porém, e de todo o modo, importa fazer uma exposição retrospectiva.

DIREITO DE FAMÍLIA E CONSTITUIÇÃO

Que lugar para a mulher? (2)

LAURA LOPES



O trabalho modificou o antigo estatuto da conjugalidade

Quanto aos deveres recíprocos dos cônjuges, o Código Civil de 1967 estabelece apenas a fidelidade, a coabitação e a assistência. O projecto acrescenta dois deveres fundamentais: o respeito e a cooperação.

O dever de coabitação — apesar do projecto permitir (seguindo a Constituição que o faz num âmbito, quanto a mim, mais amplo) que os cônjuges tenham residência própria — impõe-se para que seja salvaguardada a unidade da vida familiar.

O dever de assistência aparece no projecto com um conteúdo diferente do Código Civil, compreendendo a obrigação de prestar alimentos e a de contribuir para os encargos da vida familiar, mantendo-se durante a separação de facto apenas, em princípio, em relação ao cônjuge culpado ou principal culpado da separação. Uma inovação surge quando se propõe que o tribunal possa «excepcionalmente e por motivos de equidade, impor esse dever ao cônjuge inocente ou menos culpado, considerando, em particular, a duração do casamento e a colaboração que o outro cônjuge tenha prestado à economia do casal».

Aparentemente, o projecto, na parte final desta disposição, parece visar a mulher sem independência económica, a vulgar doméstica, casada há muitos anos, quando a unidade da vida familiar se rompe. Mas se ela for o cônjuge inocente ou menos culpado, terá sempre direito a que o marido continue a prestar-lhe assistência? Perante a proposta de alteração apresentada pelo projecto, a

resposta é negativa pois o juiz, por motivos de equidade, poderá condená-la à prestação de alimentos ao marido, se a duração do casamento tiver sido longa e ele tiver contribuído de modo relevante para a economia do casal. Mas também a mulher poderá ser condenada a essa prestação se for ela considerada a única ou principal culpada. Pergunta-se: quais as possibilidades da mulher nas condições apontadas, sem independência económica (e volto a frisar que a grande maioria das mulheres casadas está nessas condições), cumprir essa obrigação? Eis como o projecto, levando às últimas consequências a igualdade dos sexos, se alheia da realidade

de social, propondo uma disposição que, na prática, não poderá ser aplicada.

Quanto ao dever de cooperação, afirma o projecto que importa para os cônjuges «a obrigação de socorro e auxílio mútuos e a de assumirem em conjunto as responsabilidades inerentes à vida familiar que fundaram».

E muito vaga esta noção de cooperação entre os cônjuges e as palavras *socorro* e *auxílio* ou são meramente repetitivas do mesmo conceito de ajuda, ou *socorro* tem aqui um significado deprimente e humilhante, contrário ao espírito da Constituição. E que significa *assumir em conjunto as responsabilida-*

des inerentes à vida da família?»

AJUDA MÚTUA

Quanto a mim, a cooperação entre os cônjuges deve consistir na obrigação de se ajudarem mutuamente em tudo que lhes diga pessoalmente respeito e de, numa conjugação de esforços, conforme as possibilidades concretas de cada um, cuidar dos filhos e participar nas tarefas domésticas. Impõe-se esta última cooperação pois não só se deve reconhecer o valor social e económico do trabalho doméstico como ainda é necessário impedir que os trabalhos mais humilhantes e escravizantes recaiam unicamente sobre a mulher, apesar de aproveitarem a toda a família. Deste modo desaparecerá, de facto, a imposição do governo doméstico à mulher, estabelecido no artigo 1677.º do Código Civil.

O projecto, no entanto, refere-se a essa cooperação na disposição intitulada «Dever de contribuir para os encargos da vida familiar», mas com pouca clareza, com receio de avançar muito, diluída no dever da contribuição monetária. Assim, diz o n.º 1 do artigo 1676.º com a nova redacção proposta pelo projecto que estudamos:

«O dever de contribuir para os encargos da vida familiar incumbe a ambos os cônjuges, de harmonia com as possibilidades de cada um, e pode ser cumprido, por qualquer deles, pela afectação dos seus recursos aqueles encargos e pelo trabalho despendido no lar ou

Continua na pág. 4

Processo disciplinar a Pinheiro de Azevedo

O vice-almirante Pinheiro de Azevedo vai ser objecto de um processo disciplinar na sequência de uma participação feita pelo Presidente da República. Motivo: uma carta da qual foi o Primeiro-Ministro do VI Governo Provisório, dirigida ao general Ramalho Eanes e publicada recentemente no semanário «Tempo». A carta — disse um porta-voz de Belém na oportunidade — continha afirmações consideradas falsas e induzia «juízos ofensivos da personalidade e da acção do Presidente», pelo que se tornou desde logo passível de procedimento disciplinar.

O processo será instruído

pelo almirante Souto Cruz, chefe do EMA, não nesta qualidade, mas na de oficial mais antigo da Armada.

Entretanto, numa entrevista publicada ontem no semanário «O País», o vice-almirante Pinheiro de Azevedo comenta a «carta aberta» em questão e diz que ela se dirigia, «não ao Presidente da República, mas ao general Eanes», «o que», diz, «é muito diferente». A lém disso o vice-almirante Pinheiro de Azevedo justifica a publicação da carta pela necessidade de dar «explicações, que são devidas ao povo português, sobre as razões de ter deixado de fazer parte do Conselho da Revolução».

MANUELA EANES À REVISTA «ELA»

Reconstruir Portugal não é tarefa para um só homem

A reconstrução de Portugal — «Nação onde se destruiu quase tudo e onde, ainda hoje, nem todos participam efectivamente no esforço de renovação do País» — não pode ser tarefa de um só homem, afirmou a dr.ª Manuela Eanes, esposa do chefe do Estado, numa entrevista concedida à revista «Ela — Donas de Casa», a propósito do primeiro aniversário da eleição do seu marido para o cargo de presidente.

Ao apreciar a actuação do marido, que se processa num «tempo extraordinariamente duro, cheio de preocupações e sacrifícios», Manuela Eanes considerou que ela se desen-

volve «num verdadeiro espírito de missão», que obriga o presidente a um «empenhamento total na solução mais justa dos problemas» e a sacrificar, a maioria das vezes, as suas horas de descanso.

Noutro ponto da entrevista, comentando a sua recente visita a Espanha acompanhando a comitiva presidencial, Manuela Eanes, depois de referir que a visita correrá o melhor possível e sempre «num ambiente de grande cordialidade», afirmou ainda que ficara «a conhecer melhor o povo espanhol, que nos recebeu com muito carinho».

INAUGURADA HÁ ONZE ANOS

Ponte do Tejo só fica paga em 1987

Passam hoje onze anos sobre a data da inauguração da Ponte 25 de Abril, sobre o Tejo, que na altura levou a designação de «Ponte Salazar».

Inaugurada pelo então presidente Américo Tomás, no dia 6 de Agosto de 1966, a ponte veio concretizar a aspiração secular do eng. Miguel Pais, que em 1876 apresentara o primeiro projecto de uma ponte sobre o rio, na zona de Lisboa, entre o Montijo e o Grilo.

A Ponte 25 de Abril, cujo tabuleiro de 1.013 metros de comprimento a coloca em sétimo lugar entre as maiores pontes suspensas de todo o mundo, foi iniciada em 5 de Novembro de 1962 e concluída menos de quatro anos depois. O seu custo subiu a cerca de 4 milhões de contos.

Ao longo destes onze anos, já passaram sobre ela cerca de 95 milhões de veículos, que deixaram nas portagens mais de dois milhões de contos. Prevê-se que o pagamento total da ponte deverá estar satisfeito até 1987, dado que ao custo total de 4 milhões de contos, há a acrescentar dois milhões para encargos de juros.

3.000 OPERÁRIOS

Substituindo praticamente o transporte de veículos em «Ferry-Boats» entre as duas margens, a ponte conheceu um tráfego sempre crescente. Em 1967 transitaram por ela mais de 3,5 milhões de veículos enquanto que em 1976 foram mais de 14 milhões os que a utilizaram.

A manutenção da ponte e as despesas com o pessoal atingiram em 1976, cerca de 30 mil contos, enquanto no mesmo ano as receitas das portagens ascendiam a mais de 292 mil contos.

Neste momento está em estudo a instalação de novo tabuleiro sob a ponte para a cons-



Lisboa «respira» para o Sul através da sétima maior ponte suspensa do mundo

trução de via férrea, dupla, o que fará com que a Ponte 25 de Abril passe a ser a maior ponte suspensa do mundo para tráfego misto, rodoviário e ferroviário.

O comprimento total da ponte e do viaduto é de 3.222 metros, constituindo os acessos rodoviários uma auto-estrada com uma extensão total, nas duas margens de 22 quilómetros.

Na construção da ponte e acessos foram escavados 6,5 milhões de metros cúbicos de rochas e solos, fabricados e moldados 300 mil metros cúbicos de betão e fabricadas e montadas 82 mil toneladas de peças de aço.

Na obra chegaram a trabalhar simultaneamente cerca de três mil operários portugueses. Ao longo dos trabalhos de execução da ponte morreram quatro operários.

Que lugar para a mulher?

Continuação da pág. 3.

na manutenção e educação dos filhos».

É certo que o dever de contribuir para os encargos da vida familiar deve compreender-se dentro do conceito de cooperação, mas, aqui, de cooperação no aspecto económico e monetário. E como pode suceder, e sucede na maioria dos casais portugueses, que um dos cônjuges — a mulher — só possa contribuir, cooperar, para a satisfação dos encargos da vida familiar com «o trabalho despendido no lar ou na manutenção e educação dos filhos», está-se, em parte, a dar valor económico a esse trabalho, reconhecendo o que atrás afirmamos.

Porém, este dever de cooperação introduzido neste artigo provoca uma certa confusão jurídica, pois o n.º 3 do mesmo afirma que «não sendo prestada a contribuição devida, qualquer dos cônjuges pode exigir que lhe seja directamente entregue a parte dos rendimentos ou proventos do outro, que o tribunal fixar». Mas se a contribuição consistir apenas «no trabalho despendido no lar ou na manutenção e educação dos filhos», como se fará? A não ser que se interprete o n.º 1 do artigo 1676.º proposto, de outra forma, o que a sua letra consente, mas que resultará numa impossibilidade de aplicação porque a realidade social não o permitirá.

QUE REMUNERAÇÃO?

Estipula esta disposição que o dever de contribuição dos cônjuges para os encargos da vida familiar pode ser cumprido «pela afectação dos seus recursos a aqueles encargos e pelo trabalho despendido no lar ou na manutenção e educação dos filhos» (sublinhado meu). Supondo naturalmente que o legislador pensa em recursos económicos, pois no n.º e se refere aos «rendimentos ou proventos», ele exige, assim, que a contribuição dos cônjuges a que se refere a proposta do projecto seja constituída por rendimentos ou proventos e pela realização de trabalhos domésticos! A aplicação prática deste preceito resulta impossível, pois a maioria das mulheres portuguesas não auferem rendimentos nem proventos, não possui bens, não tem qualquer ocupação remunerada.

Parece-me, portanto, que o n.º 1 do artigo 1676.º deveria

impor aos cônjuges o dever de contribuir para os encargos da vida familiar de harmonia com as possibilidades e capacidades económicas de cada um. No entanto, quando algum deles só contribuisse com o seu trabalho no lar e na manutenção e educação dos filhos, o outro deveria contribuir por si só para a subsistência da família, sem prejuízo do dever de cooperar naquele trabalho e no cuidar dos filhos.

Esta alteração implicaria também uma alteração no n.º 3, pois só o cônjuge cuja contribuição consistisse em trabalho doméstico poderia exigir ao tribunal a entrega da parte dos rendimentos ou proventos do outro, necessária para a manutenção do lar.

As modificações que aponto não modificariam o princípio da igualdade dos cônjuges dentro do casamento, cujo respeito se verifica na proposta do projecto.

No direito ao nome, o projecto inova: «Cada um dos cônjuges conserva os seus próprios apelidos, mas pode acrescentar-lhe apelidos do outro até ao máximo de dois». Quer dizer, continuando a não obrigar a mulher a usar os apelidos do marido, vem permitir que, quer o homem quer a mulher, acrescente ao seu apelido de família, apelidos do outro.

Em caso de viuvez conserva esses apelidos e pode mantê-los mesmo depois de segundo casamento. Havendo separação judicial de pessoas e bens, cada um dos cônjuges conserva os apelidos que tenha adoptado, o mesmo sucedendo no caso de divórcio se o ex-cônjuge o consentir ou o tribunal o autorizar. Em qualquer destas situações, «o cônjuge que conserve apelidos do outro, pode ser privado pelo tribunal do direito de os usar quando esse uso lese gravemente os interesses morais do outro cônjuge ou da sua família».

Com uma preocupação constante de respeitar o princípio constitucional da igualdade dos cônjuges, o projecto de alteração do Código Civil ao direito da família vem inovar num aspecto das relações pessoais entre marido e mulher, que não é fundamental. De facto, a lei portuguesa é das poucas leis do mundo capitalista, que não impõe à mulher casada a adopção dos apelidos do marido, concedendo-lhe um direito que contrastava com a inibição quase absoluta de direitos a que a legislação fascista submetida a mulher casada.

Trinta mil contos para os Têxteis

Com vista a facultar os meios indispensáveis a um equilíbrio financeiro e ao cabal desempenho da sua missão, o Governo decidiu conceder ao Instituto dos Têxteis subsidios

até ao montante de 30 mil contos. A medida é justificada face à crise da indústria têxtil e à situação altamente deficitária do referido Instituto.

Ruth Escobar autorizada a sair do Brasil

A actriz portuguesa Ruth Escobar, que há dois dias fora impedida de sair de São Paulo pelas autoridades policiais brasileiras, as quais lhe apreenderam o passaporte, quando pretendia embarcar num avião para Madrid, foi finalmente autorizada ontem à noite a abandonar aquele país.

Segundo alguns observadores, as recentes tomadas de posição de Ruth Escobar a favor do movimento estudantil de São Paulo e do dramaturgo Plínio Marcos, este envolvido num processo que as autoridades federais lhe moveram, estariam na origem da apreensão do passaporte.

Durante o período de re-

tenção do passaporte da artista, e de acordo com um telegrama da ANOP, a embaixada de Portugal em Brasília e o consulado português em São Paulo seguiram atentamente as iniciativas tomadas para solucionar o problema e levaram também a cabo várias diligências no mesmo sentido junto do governo brasileiro.

Quando foi retida no aeroporto de S. Paulo, Ruth Escobar, que se encontra radicada no Brasil há 16 anos, preparava-se para partir para Espanha, com escala em Lisboa, a fim de se encontrar com o conjunto folclórico de «Capeiristas» brasileiros, do qual é empregada.

Trabalhadora da Orisul suspensa por não gostar da «Lei Barreto»

Uma trabalhadora da União de Cooperativas de Descaque de Arroz (Orisul), em Alvalade do Sado, foi suspensa das suas funções por se ter manifestado contra a «Lei Barreto».

O motivo da suspensão deve-se ao facto de Ermelinda Patrício, a trabalhadora em causa, ter defendido a Reforma Agrária dos ataques de um outro elemento da cooperativa que expressava uma posição de apoio à «Lei Barreto». A conversa ficou por aqui. No entanto, quando a trabalhadora

regressou ao trabalho na segunda-feira (a discussão tinha sucedido num sábado), foi informada de que estava suspensa por tempo indeterminado.

O grave da questão é que o marido de Ermelinda Patrício, operado há cinco meses, não se encontra em condições de recomeçar o trabalho. Neste momento o casal, com uma filha pequena, atravessa uma difícil crise, visto que não possui outra fonte de receita a não ser o ordenado da mulher.

o melhor filme de
INGMAR BERGMAN

CONSIDERADO POR 90 CRÍTICOS DE TODO MUNDO
NO ESCRUTÍNIO DA REVISTA «SIGHT AND SOUND»
COM UM DOS 10 MELHORES FILMES DE SEMPRE!



A MÁSCARA
Persona

BIBI ANDERSSON / LIV ULLMANN

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

DOPPELFILME



2.ª SEMANA

RUI GOMES EM CAXIAS ATÉ AO DIA 28

"É mais livre o condenado do que aqueles que o condenaram"

Rui Gomes foi ontem condenado a 2 anos e dois meses de prisão maior e a três meses e sete dias de multa e a 250 000 diários, mais dois meses de prisão maior, por decisão do 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa.

A pena imposta a Rui Gomes beneficiou de um perdão no que respeita à multa e aos dois meses de prisão, (referentes ao crime de falsas declarações), sendo a outra abrangida por um perdão de 90 dias. Por esse motivo, o estudante sairá do Forte de Caxias no próximo dia 28 de Agosto.

Reagindo à decisão do Tribunal, presidido pelo coronel Alvarenga, e que tinha como juiz-auditor o dr. Gonçalves Pereira, os advogados de defesa do réu, em declarações aos jornalistas, denunciaram «a injustiça da sentença». Luis Filipe Sabino, afirmou que «a única decisão que a defesa consideraria justa, legal e necessária seria a que se traduzisse na total absolvição do réu. Deixa-se à consideração da opinião pública, afirmou ainda «dos democratas, dos defensores dos Direitos do Homem e da imparcialidade, isenção e independência dos tribunais portugueses, a gravidade da sentença agora proferida».

Por seu turno A madeu Lopes Sabino, interrogado sobre se a defesa iria recorrer da sentença para o que tem um prazo de cinco dias, afirmou-nos:

«Se não recorreremos não é porque nos conformemos com esta decisão, que é claramente contrária ao que aqui se passou, mas apenas porque nós consideramos, e este julgamento só nos veio dar razão, que não há qualquer espécie de possibilidade de ser feita justiça aqui em Santa Clara, ou em qualquer outro tribunal militar».

Antes da leitura da sentença, Rui Gomes fizera uma extensa declaração em que denunciou veementemente os motivos de natureza política, que provocaram a manutenção da sua prisão durante 22 meses, primeiro como declarante (o que à face da lei penal é completamente ilegal) e depois como suspeito, enquanto o processo se perdia — disse ele — nas gavetas da secção de Justiça do Quartel-General da Região Militar de Lisboa, (dirigida na altura pelo brigadeiro Stone. Rui Gomes referiu ainda a actividade do juiz Saraiva Coelho, que aconselhou a manutenção da sua prisão porque

se declarava antifascista, o que seria um índice de perigosidade, ao mesmo tempo que deu ordens para a libertação de Spínola, quando este regressou a Portugal.

O réu, repetidamente interrompido pelo presidente do Tribunal, coronel Alvarenga, que lhe pedia para se limitar a falar das matérias constantes dos autos, historiou ainda o processo, afirmando que «só a salvaguarda da honra do Estado, é que poderá justificar a minha condenação».

Ainda palavras de Rui Gomes: «É mais livre o condenado do que aqueles que o condenaram, principalmente quan-

do aquele tem por si a opinião pública, os antifascistas e os democratas.»

Negando a participação nos acontecimentos de que era acusado, Rui Gomes ligou o seu processo à conjuntura política que se vive em Portugal depois do 25 de Novembro, denunciando a sua prisão como «o início de uma cruzada anti-revolucionária, pela recuperação agrária, imperialista e fascista».

Rui Gomes — assalto ao Quartel de Porto Brandão, utilizando material de guerra, e roubo de «G-3» em valor superior a 10 000\$00 — crime que seria punido com uma pesada pena.

Em contrapartida, o Tribunal decidiu considerar como provado que o réu tinha assaltado, com mais quatro ou cinco pessoas, aquele quartel, sem que ele próprio tenha empunhado armas, para roubar duas «G-3», com o valor total de

era esperada por todos os que têm seguido o julgamento.

A decisão do 1.º Tribunal foi considerada por muitos observadores (atendendo à forma como durante o julgamento a defesa destruiu todas as provas apresentadas pela acusação) como uma decisão injusta, que teria dois objectivos: por um lado defender aqueles que foram responsáveis pela manutenção durante 22 meses de Rui Gomes na prisão, e por outro não prolongar esta mesma prisão, repudiada por um amplo movimento popular.



O carro celular que levou Rui Gomes de regresso ao Forte de Caxias, onde a sua prisão se prolongará até 28 do corrente

SENTENÇA POR MAIORIA

Entretanto, nos corredores do Tribunal de Santa Clara, feria-se a forma como a sentença foi apresentada. Com efeito, o Tribunal decidiu considerar como não provada a acusação que pendia sobre

4 790\$00. Esta diferença entre a acusação e aquilo que foi considerado provado reduziria bastante a pena de Rui Gomes, e foi uma decisão tomada por maioria, ou seja, com o voto contra dum dos juizes.

Só que no Tribunal nada se ouviu que apontasse para aquela solução. A absolvição

OCTÁVIO PATO NO PORTO

"Quem indemniza os trabalhadores da exploração, fome e miséria?"

PORTO, 6 — «Quem indemniza os trabalhadores portugueses da exploração, dos baixos salários, da fome e da miséria que sofrem durante décadas e décadas de fascismo, como resultado do poder económico e político dos grandes monopolistas e agrários que o Governo agora contempla com milhões de contos?» — perguntou ontem à noite Octávio Pato durante um comício do PCP efectuado no Palácio de Cristal, repleto de gente.

Posta na sequência de uma alusão à lei das indemnizações aos monopolistas e latifundi-

tas, aquela questão foi seguida de outras igualmente pertinentes.

Na sua análise à situação política presente, Octávio Pato considerou que a política do Governo PS tem sido «uma política de completa e vergonhosa capitulação perante os interesses daqueles que constituíram a base económica e social do fascismo».

Hoje, referiu Octávio Pato, noutro passo da sua intervenção, ninguém se atreve, em palavras, a negar que sem os trabalhadores não há solução para os problemas nacionais e,

no entanto, «não se fez até aqui outra coisa senão hostilizar, reprimir e desprezar os trabalhadores e tentar boicotar a sua intervenção construtiva na vida nacional».

Depois de referir que ao longo dos meses o PCP manifestou constantemente o propósito de dialogar, enquanto que da parte do Governo e do PS tem havido completo silêncio, Octávio Pato frisou: «se há intransigência, agressividade e intolerância não é da nossa parte mas sim da parte do PS».

Nesta conjuntura o orador justificou as recentes propostas

Nyerere: luta armada "é insubstituível"

Depois das suas conversações com Jimmy Carter, o presidente Nyerere da Tanzânia declarou categoricamente que uma solução constitucional e pacífica para a Rodésia é impossível em 1975 e agora impossível, cabendo aos Estados Unidos e Grã-Bretanha aplicar sobre o governo de Ian Smith «pressões políticas» suficientemente eficazes para pôr fim rapidamente à luta armada. Nyerere sublinhou que a luta armada dos movimentos nacionalistas africanos, apoiados pelos países da «primeira linha», era indispensável e insubstituível, e manifestou-se convicto de que o abastecimento em armas da URSS e da China garantiria aos africanos a força necessária para derubar o regime racista de Smith.

Do ponto de vista dos esforços diplomáticos a desenvolver, nomeadamente quanto à questão da regra «um homem, um voto», houve acordo total entre Carter e Nyerere, segundo o comunicado distribuído no final das conver-

sações. No entanto, o dirigente tanzaniano criticou as potências ocidentais e, em particular, os Estados Unidos, por não se mostrarem suficientemente firmes em relação aos regimes racistas da África Austral e continuarem a opor o seu voto às sanções da ONU sobre a África do Sul.

No seguimento destas conversações, reunir-se-ão em Londres, na próxima semana, o secretário de Estado Cyrus Vance, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros David Owen e o titular de Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha. Na agenda figuram a situação na Rodésia (após a rejeição por Smith do plano britânico-americano e a sua decisão de convocar eleições gerais para o próximo dia 31). O ministro sul-africano, antes de partir para Londres, conferenciou com Smith, a quem prometeu apoio para uma «solução» oposta ao referido plano, e com dirigentes de grupos políticos e étnicos da Namíbia.

COMÍCIO NA VOZ DO OPERÁRIO

À noite, com a sala da Voz do Operário completamente cheia, estas mesmas impressões foram expostas pelos oradores do comício promovido pela Comissão de Luta para a Libertação de Rui Gomes e subordinado à palavra de ordem «Em defesa da liberdade, contra a repressão pelas conquistas de Abril».

Nuno Crato, da Comissão de Luta, os dois advogados de Rui Gomes, membros da Comissão de Trabalhadores da EFACEC e da Comissão de Luta dos Cantoneiros, o jornalista Jaime Antunes, representantes da AEPPA, do Tribunal Cívico Humberto Delgado (Jerónimo Martins), da URAP (Manuel Alpedrinha), António Cortes Simões (do MES), os deputados Aires Rodrigues e Acácio Barreiros e o nosso camarada de Redacção Luis de Sttau Monteiro foram os oradores do comício presidido pelo eng. João Espada. O escritor Luis Francisco Rebelo enviou um telegrama a associar-se aos objectivos do comício.

Os oradores foram unânimes em condenar e denunciar as ameaças às liberdades e às principais conquistas do 25 de Abril, apontando o caso de Rui Gomes como exemplar, já que a vontade dos que o prendem teria sido de lhe dar uma pena bastante mais pesada, o que não conseguiram por causa da força do movimento de solidariedade que se gerou de Norte a Sul do País.

Moçambique repeliu ataque de forças rodesianas

Forças rodesianas atacaram na passada quarta-feira a localidade fronteiriça de Espungabera, em Moçambique, segundo comunicado oficial do Governo de Maputo, que precisa que as tropas invasoras tinham o apoio de blindados e de artilharia pesada. O ataque, que teve lugar entre as 11 e 13 horas locais, seguiu-se a numerosas provocações de rodesianos na fronteira ocorridas nos últimos dias, e foi repellido, de acordo com a mesma fonte, por unidades do Exército e milícias populares moçambicanas, que não sofreram qualquer baixa.

Entretanto, o comando militar rodesiano desmentiu categoricamente a acusação do Governo de Moçambique. Os correspondentes da imprensa estrangeira não tiveram acesso ao local, uma vez que é considerado abrangido nas áreas militares às quais os jornalistas só podem deslocar-se mediante autorização e escolta dos Governos respectivos.

As autoridades militares rodesianas anunciaram, por outro lado, que os guerrilheiros nacionalistas negros, reforçados com elementos do exército zambiano, atacaram ontem forças de segurança na área de Kanyemba, no Norte do país, tendo ferido dois soldados, ambos negros, que foram hospitalizados. Também

ao fim do dia de ontem um acampamento das forças ao serviço do regime racista de Ian Smith foi duramente atacado por fogo de morteiros e armas ligeiras proveniente de um acampamento militar situado na outra margem do Zambeze, em território zambiano.

No comunicado das autoridades militares rodesianas refere-se ainda, entre outros recontros, o que vitimou um proprietário rural do distrito de Selukne, morto pelos guerrilheiros quando se dirigia à sua quinta para pagar aos trabalhadores. De acordo com o mesmo comunicado, foram abatidos 12 guerrilheiros, o que eleva o total das baixas das forças nacionalistas para 2.770. Asperdas reconhecidas das forças racistas elevam-se a 383 homens.

Enquanto os guerrilheiros se mantêm em actividade, o reverendo Ndabaningi Sithole, dirigente do Conselho Nacional Africano, considerado a corrente moderada de entre os quatro partidos nacionalistas do Zimbábue, declarou, numa audiência para brancos e negros organizada pela «Associação Nacional dos Assuntos da Rodésia», que defendia a participação de brancos, durante cinco ou dez anos, numa futura Assembleia Legislativa de maioria negra, como forma de salvaguardar os direitos da minoria branca, mas rejeitou qualquer forma de sufrágio que não se baseie na fórmula «um homem, um voto», designadamente quando se votar a nova Constituição.

Fogo em Muche foi a duas casas

Cerca da meia-noite registou-se um incêndio em Muche (Malveira da Serra), o qual foi extinto já de madrugada. Basicamente o fogo, que se supõe ter sido posto, destruiu cerca de dois quilómetros quadrados de mato e ainda o andar superior de duas casas, não se tendo registado qualquer ferido.

No combate ao sinistro, ateados em três frentes, colaboraram várias corporações de bombeiros, nomeadamente os Voluntários de Sintra, Alcabideche, Cascais, Estoril, S. Pedro de Sintra, Colares, Belas e Carcavelos.

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais
1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05



2.º MÊS

HOJE, ÀS 18 e 21 e 30
AMANHÃ, SÓ ÀS 18
SEGUNDAS DESCANSO
SUBSÍDIO DA SEC

LONDRES

FIM DE SEMANA
MINI SEMANA

FIM DE SEMANA
Quintas e Domingos
MINI SEMANA
Domingos e Quintas

Partidas semanais de Julho a Outubro
em aviões especialmente
fretados à TAP

Preços
excepcionais
desde *
3.700\$

* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 180 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 317921
COIMBRA Rua da Scla. 2 • Telef. 270112
FARO Rua Cons. Bivar, 66 • Telef. 250356
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

TEATRO ABERTO

telefone
77 09 69



para crianças: **As
Músicas
Mágicas**
de Catherine Dasté

AMANHÃ, ÀS 11 e 30
QUARTAS, ÀS 16
Subsídio da S.E.C.

ESSES PRAZERES QUE DIZEM LEVANTAMENTE FÍSICOS



Collette

ESCUTAR O CORPO, MOSTRA-LO
ASSIM ESPLÊNDIDO À LUZ CRUA
DA MANHÃ...

Eugénio de Andrade

ADQUIRA CONTRA REEMBOLSO OU NA MODALIDADE DE CRÉDITO INOVA ALGUMAS
DAS OBRAS-PRIMAS DA LITERATURA ERÓTICA E ALGUNS DOS ESTUDOS MAIS
IMPORTANTES SOBRE SEXUALIDADE PUBLICADOS EM PORTUGAL.

GRATIS receberá um
destes livros da
Colecção 8 Horas de Leitura,
constantes desta lista, por cada
uma das obras adquiridas até
31 de Agosto de 1977.

Daniel Guérin

REVOLUÇÃO SEXUAL
SEGUNDO REICH E KINSEY

(Para Daniel Guérin, a liberdade de cada
um praticar o amor à sua maneira faz
parte dos direitos do homem; confunde-se
com a liberdade, simplesmente) / 145\$00

Alba de Céspedes

A REBOLONA

(As aventuras de um play-boy, as intrigas
de uma família da pequena burguesia
italiana, fascista e sódica, que pretende
vender a filha para escapar à mediocri-
dade e ao vencimento mensal. Um best-
seller traduzido em 17 países) / 120\$00

Erskine Caldwell

NO OUTRO EXTREMO DA CIDADE

(Duas novelas, por vezes ferozes, sobre
os costumes sexuais, o racismo e o con-
servantismo na sociedade americana) / 95\$00

Irving Wallace

OS PECADOS DE PHILIP FLEMING

(Mulheres que destroem muitas vezes o
muito que pretendiam dos seus homens.
Homens que por sua vez arriscam tudo
— família, carreira, segurança — na ânsia
de recuperar o que lhes foi subtraído
pelas suas mulheres) / 170\$00

Matthew Gregory Lewis

O MONGE

Romance diabólico de um pregador domi-
nicano tentado por uma desviada sen-
sualidade.

(Publicado no final do séc. XVIII, é uma
obra-prima de "horror sagrado" que em-
parelha com a "Religiosa" de Diderot ou,
nacionalmente, com "A Freira no Subterrá-
neo", de Camilo) / 180\$00

Irving Wallace

A PALAVRA

(Poderosa história de "suspense", uma
história de amor, uma batalha pela ver-
dade, um exame do mal, um romance
actualizado em relação às últimas des-
cobertas sobre a Bíblia, um grande es-
tudo de caracteres e uma soberba res-
posta à pergunta de Pilatos: — O que é a
Verdade?) / 250\$00

Charles Webb

A PRIMEIRA NOITE

(Um jovem acaba a sua formatura de
advogado e vai ver a sua instrução aper-
feiçoada, graças a uma mulher de socie-
dade que disso pretende encarregar-se.
2 milhões de exemplares vendidos nos
Estados Unidos. Um êxito enorme também
no cinema) / 155\$00

Myron S. Kaufmann

A NUDEZ DE TUA FILHA

(Romance de um erotismo provocante ao
mais alto grau, que uma espiritualidade,
uma humanidade muito profunda, salva
da obscenidade pura e simples) / 310\$00

Irving Wallace

O RELATÓRIO CHAPMAN

(Vida íntima de quatro mulheres. Mais de
2 milhões de exemplares vendidos nos
Estados Unidos) / 240\$00

Myron S. Kaufmann

DESTINO JUDEU

(História ardente, realista e pormenor-
izada da família Amsterdam, de Boston,
cujos membros amam, lutam e se esfor-
çam por se compreenderem uns aos ou-
tros e ao seu mundo, num ano crítico das
suas existências.

Para John Barkham (Saturday Review Syn-
dicate), um autêntico desafio. Um gigante
do romance que o leitor jamais esquecerá!
Um dos romances mais falados nestes últi-
mos anos, repassado das atitudes da
crueldade, dos desejos e dos êxtases da
juventude / 320\$00

Doutor Norman Haire

OS GRANDES MISTÉRIOS
DA SEXUALIDADE

(2.ª edição, agora integral, de um guia já
indispensável para todas as questões da
sexualidade, nos seus múltiplos aspectos,
desde os biológicos aos sociais e psi-
cológicos. Escrita por uma autoridade
médica de renome, esta obra é uma intro-
dução fundamental à Arte de Amar e à
Arte da Vida Familiar)

900 páginas / Muito Ilustrado / 280\$00

VARIAÇÕES SOBRE UM CORPO

Desenhos de José Rodrigues

Antologia de Eugénio de Andrade

Direcção gráfica de

Armando Alves

420\$00

Hélène Michel-Wolffromm

OS CONFLITOS SEXUAIS DA MULHER

(Todos os problemas sexuais do casal,
vistos através das confidências das mu-
lheres e das suas angústias, situados no
interior das realidades sociais, sentimen-
tais e fisiológicas que os condicionam)

180\$00

Jean-Paul Aymon

A EDUCAÇÃO SEXUAL EM 10 LIÇÕES

(O termo educação sexual irrita e inquieta
ainda muitos pais, incapazes de imaginar
que seus filhos possam preocupar-se com
problemas sobre os quais, no seu tempo,
era lançado o véu negro dos assuntos
interditos) / 120\$00

Burt Hirschfeld

UM HOMEM E UMA MULHER

(Sensual, apaixonada, uma cativante his-
tória de amor que o público de todo o
mundo adoptou para si. Um dos maiores
êxitos do cinema) / 90\$00

Joyce Peterson & Marilyn Mercer

ADULTÉRIO PARA ADULTOS

(Para o adulto que sente a carência de
algo, um guia altamente pormenorizado,
sofisticado, com malícia, acerca das estra-
tégias e táticas de um adultério
criativo...) / 85\$00

HISTÓRIAS DE AMOR

Boccaccio / Duque de Richelieu

Casanova / Loubet de Couvray

Charlott Brontë / Prosper

Mérimée / Choderlos de Laclos

Restif de la Bretonne

Obra encadernada / 200\$00

O LOBO E O CAPUCHINHO VERMELHO

e outras histórias eróticas

escritas por mulheres / 210\$00

George Sand

Bona de Mandiargues

Nadejda Snegova

Annakarin Svedberg

Emmanuelle Arsan

Xaviera Hollander

Eugénio de Andrade

DUAS CIDADES (2.ª edição)
(Antologia de textos sobre o Porto e
Coimbra, de Fernando Lopes, Camilo, Eça,
Herculano, Raul Brandão, Aquilino e
outros)

Hemingway / Choderlos / Faulkner

TRÊS HISTÓRIAS DA GUERRA

Camilo Castelo Branco

A ÚLTIMA VITÓRIA

DE UM CONQUISTADOR (2.ª edição)

Panait Istrati

CODINE

Luís de Camões

VERSOS E ALGUMA PROSA

DE LUÍS DE CAMÕES

Boccaccio

HISTÓRIAS ERÓTICAS

F. Scott Fitzgerald

TRÊS HORAS ENTRE DOIS AVIÕES

Urbano Tavares Rodrigues

A IMPOSSÍVEL EVASÃO

Isaac Babel

CONTOS DE ODESSA

Vergílio Ferreira

APENAS HOMENS, e Outros Contos

Eugénio de Andrade

ANTOLOGIA BREVE

Casanova / Choderlos de Laclos

Restif de la Bretonne / outros

ARTE DE AMAR NO SÉCULO XVIII

Leão Tolstói / Lermontov

Tchecov / outros

CONTOS RUSSOS

Egito Gonçalves

Luís Veiga Leitão

/ Papiniano Carlos

SONHAR A TERRA LIVRE

E INSUBMISSA...

Rainer Maria Rilke

HISTÓRIAS DO BOM DEUS

Antunes da Silva

EXILADO e Outros Contos

Prosper Mérimée

CARMEN e Outras Novelas

Constantino Paustovski

CHUVA NA MADRUGADA

José Rodrigues Miguelis

COMÉRCIO COM O INIMIGO

Heinrich von Kleist

MICHAEL KOHLHAAS, O REBELDE

Charlotte Brontë

O FEITIÇO

André Kédros / Charles Tillon

Christian Bernadac / outros

HISTÓRIAS DA RESISTÊNCIA

Babel / Paustovski / Kazakov / outros

CONTOS SOVIÉTICOS

VARIAÇÕES SOBRE UM CORPO

(Antologia de poesia erótica

contemporânea seleccionada

por Eugénio de Andrade.

Desenhos de José Rodrigues)

✂ RECORTE, PREENCHA E ENVIE ESTA REQUISIÇÃO A EDITORIAL INOVA / APARTADO 466 / PORTO

Desejo receber, na modalidade (Assinalar com um X o quadrado correspondente à modalidade escolhida)

☐ Contra reembolso, sem mais encargos.

☐ CRÉDITO INOVA, a pagar

(1) por mês, os livros a seguir indicados:

LIVROS GRÁTIS ESCOLHIDOS:

Nome (maiúsculas)

Morada

Local de Trabalho (Nome da firma e endereço) ou Nome do Estabelecimento de Ensino que frequenta (1)

Nome do Encarregado de Educação e Firma onde o mesmo Trabalha (4)

Os livros, até sua total liquidação, consideram-se pertença da EDITORIAL INOVA

Data / / Assinatura:

Profissão (1):

N.º de Cliente (2)

Bilhete de Identidade n.º (2)

Arquivo

Local de Cobrança (2)

Idade (1)

N.º de Ordem (2)

N.º da Fatura (2)

Data

(1) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (50, 100 ou 200\$00 por mês, conforme o valor da requisição não ultrapasse 500, 1 000\$00 ou 2 000\$00). Haverá um acréscimo de 10 % para despesas de portes e de cobrança.

(2) A preencher pelos nossos serviços.

(3) Estas indicações são indispensáveis para o sistema de CRÉDITO INOVA.

(4) Indicações indispensáveis no caso de ser estudante e estar interessado em inscrever-se no sistema de CRÉDITO INOVA.

Patrões cumprem ou não cumprem?

- SINDICATOS DA HOTELARIA NA EXPECTATIVA
- CAFÉ EMBAIXADOR: PATRÕES VEDAM ENTRADA AO PESSOAL

Os sindicatos da Indústria Hoteleira de todo o País aguardam com expectativa os resultados práticos da actuação do Governo no sentido de fazer cumprir a regulamentação colectiva de trabalho e as novas tabelas salariais em vigor desde Abril.

No decurso de uma reunião efectuada ontem em Lisboa os sindicatos viram a considerar «positiva» a recente nota oficiosa do Ministério do Comércio e Turismo, em que as entidades oficiais afirmam ter determinado à Inspeção do Trabalho que actue no sentido de fazer aplicar a PRT/ACT da Indústria Hoteleira, que está a ser violada no sector privado quase generalizadamente. Esperam os sindicatos que o conteúdo da nota oficiosa não seja apenas «mais um mero enunciado de boas intenções».

Por tal motivo os Sindicatos decidiram aguardar o período de tempo que se revele necessário para constatar o cumprimento (ou não) da regulamentação do trabalho, «antes de avançarem com outras formas de luta superiores». Esgotado o prazo sem que haja resultados práticos satisfatórios e uma mudança de atitude das

associações patronais, que têm incitado os seus associados à violação das normas estipuladas os sindicatos avançarão com medidas que poderão atingir a paralisação parcial ou total do sector.

ESTALAGEM DO CERRO

A falta de cumprimento das novas tabelas salariais por parte do proprietário da Estalagem do Cerro, de Albufeira, levou os trabalhadores desta unidade hoteleira a marcar um conjunto de paralisações para a próxima semana.

Assim, a partir de segunda-feira os trabalhadores paralisam progressivamente, culminando com a paralisação total na sexta-feira. Após um fim-de-semana em que regressarão à normalidade da prestação de serviços, o sistema será retomado, até que a entidade patronal se decida a aplicar o que está estipulado.

Segundo nos informa o Sindicato do Distrito de Faro, as verbas em jogo são irrisórias, implicando um acréscimo mensal de cerca de vinte contos.

Neste momento estão instalados na Estalagem do Cerro mais de cem turistas.

EMBAIXADOR

Esta manhã, quando se dirigiam para o seu local de trabalho os trabalhadores do Café «Embaixador», no Porto, depararam com a presença dos patrões impedindo a entrada daqueles, caso não fossem trabalhar. «Se é para ser como ontem ficam na rua», disse expressamente um dos administradores aos trabalhadores presentes.

Como se sabe, os 43 empregados daquele Café encontram-se em greve total desde ontem, como forma de obrigar a entidade patronal ao cumprimento do ACT em vigor desde Abril. A greve que se prolonga até segunda-feira surgiu na falta de resposta dos patrões, pedida até quinta-feira, e depois de mais de um mês de inúmeras diligências dos trabalhadores para solucionar o conflito.

Face à limitação do direito à greve evidenciada esta manhã pelos patrões foi pedida a comparência da Inspeção do Trabalho. Entretanto, os trabalhadores desenvolviam diligências junto da delegação do MT no sentido de ser reposta a legalidade democrática que a entidade patronal estava a violar.

Em comunicado afixado nas portas do Café, os trabalhadores divulgam o texto da nota oficiosa do MT que determina à Inspeção de Trabalho que actue no sentido de fazer respeitar a regulamentação das condições colectivas de trabalho em vigor. Entretanto, contactado um trabalhador fomos informados de que «apesar daquilo que o Governo diz, não existe presentemente nenhuma força a obrigar os patrões a cumprirem o que está estabelecido».

Lei das quotizações entra em vigor

Entrou em vigor, com a publicação, ontem, no Diário da República, a nova lei sobre a cobrança das quotizações sindicais.

A «nuance» que consiste em a referida quotização poder ser feita directamente pelas entidades patronais, desde que elas entrem em acordo com os trabalhadores, não retira à disposição legal em causa (Lei n.º 57/77) um sentido tendente ao enfraquecimento do Movimento Sindical. Como é sabido, até agora, cabia ao patronato o processamento dos descontos para os sindicatos.

A lei determina que nenhum trabalhador pode ser obrigado a pagar quotas para um sindicato em que não esteja inscrito e preconiza um sistema individual de procedimento. Isto é, cada trabalhador, de «per si», terá de enviar uma declaração

O CONFLITO NA TAP Boatos bombistas e críticas à gerência

O Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil critica mais uma vez em comunicado, o Conselho de Gerência da TAP e especialmente o seu presidente, pela sua declaração expressa a dirigentes do Sindicato de que era sua intenção «lançar trabalhadores contra trabalhadores».

«Esta sua atitude é incompatível com a posição que ocupa numa das empresas mais importantes do País» frisa o comunicado sindical. «Para tal

possível situação alertamos desde já todos os trabalhadores da TAP».

No comunicado o Sindicato dos Pilotos toma também posição de repúdio relativamente aos boatos alarmistas de colocação de bombas a bordo, que ontem obrigaram dois aviões dos Transportes Aéreos Portugueses a desviarem a sua rota e a atrasos que, segundo o Conselho de Gerência, terão rondado as dez horas. Segundo o comunicado do Conselho de Gerência, o aeroporto da Portela comunicou ontem, às 10 e 18, ao controlo operacional dos TAP, que recebera avisos de bomba a bordo dos aviões que voavam para o Funchal e Francoforte. Avisados, os dois aviões desviaram, o primeiro para Porto Santo, e o segundo de novo para Lisboa. Depois de cuidadosa busca nada se detectou, retomando os aviões o seu destino.

Laboração reduzida e despedimentos na Copam

Os trabalhadores da Copam embora em paralisação, continuam a marcar presença no seu local de trabalho cumprindo os quatro turnos organizados durante o período de intervenção estatal com vista à laboração contínua apesar de o patrão ter eliminado o quarto turno.

A redução de turnos foi decretada para vigorar apenas durante o «período de férias» mas os trabalhadores admitem que a «medida» se prolongue, tanto mais que pessoas afectas ao patrão diziam já antes do seu regresso que um dos seus primeiros actos de gestão seria a eliminação do quarto turno. A juntar a esta medida, o pa-

trão V. Manuel Carmona e Costa, determinou o regime de horário e folgas fixas. A eliminação do quarto turno, além de destruir o regime laboração contínua que muito contribuiu para a recuperação da Copam, põe em causa o lugar dos 40 trabalhadores que a sua criação exigiu.

Outro acto patronal (Carmona e Costa regressou apenas há uma semana) foi o despedimento dos 19 trabalhadores eventuais da fábrica, cujos cartões de ponto foram retirados. Os trabalhadores despedidos, apoiados pelos seus colegas, continuam a ir à Copam. Entretanto o Sindicato do Químicos do Sul considera este despedi-

mento ilegal pois os trabalhadores mesmo eventuais não podem ser despedidos sem aviso prévio. Na próxima segunda-feira, dirigentes sindicais deslocar-se-ão à Copam para esclarecer a situação.

No âmbito dos contactos com os órgãos do Poder, a Comissão de Trabalhadores foi ontem recebida pelo adjunto do Primeiro-Ministro, dr. Madureira, o qual, ainda que alegando ser o assunto alheio à sua competência e irreversíveis as decisões do Conselho de Ministros, prometeu que voltaria a falar no assunto ao dr. Mário Soares, dando uma resposta na semana próxima.

Na terça-feira, os trabalhadores discutirão novamente em plenário como irão prosseguir a sua luta.

"Ausência de gestão na Intercolor ameaça futuro de 270 empregados"

Do gerente dos Laboratórios Intercolor — Estúdios Técnicos de Fotografia e Cinema, Lda., Alcino dos Santos, recebemos para publicação ao abrigo da Lei de Imprensa a seguinte carta, referente à notícia em epígrafe: «Na edição de dia 7.7.77, do jornal que V. Ex.ª dirige, veio publicado, a fls. 9, uma notícia relatando uma conferência de imprensa dada pelas comissões de trabalhadores e delegados sindicais da INTERCOLOR — Estúdios Técnicos de Fotografia e Cinema, Lda., sociedade da qual sou sócio-gerente.

«Porque as mesmas contêm acusações graves que directamente afectam a minha integridade pessoal e profissional, e, além do mais inexactidões que igualmente afectam o nosso principal fornecedor, venho, nos termos do Art.º 16 do DL 85-D/75, solicitar a publicação do presente esclarecimento:

«a) — como oportunamente se provará, nunca pelo signatário foram praticados desvios de quaisquer fundos pertencentes à empresa;

«b) — sempre o signatário sobretudo após remodelação na gerência ocorrida em 1976, procurou organizar os serviços da sua empresa de molde a que a respectiva capacidade de resposta, quer a nível administrativo, quer técnico, se situasse ao nível do volume da facturação anual, a qual ultrapassa desde longa data, a meia centena de milhares de contos.

«Sempre, porém, o signatário, encontrou da parte de alguns trabalhadores da empresa, nomeadamente da respectiva comissão, a sistemática oposição a tudo quanto pretendia executar, nomeadamente auditoria à escrita;

«c) — existe, realmente um determinado contencioso com o nosso principal fornecedor, a AGFA-GEVAERT o qual, porém, não tem assumido, até este momento, o carácter de estrangulamento da actividade que lhe foi assacada;

«d) — encontram-se neste momento, instaurados processos disciplinares aos participantes na referida conferência de imprensa, com vista ao apuramento dijunto das respectivas responsabilidades.»

Novas eleições nas farmácias do Norte

Os novos corpos gerentes da lista única vencedora das eleições do Sindicato dos Profissionais de Farmácia do Norte decidiram não tomar posse, face à diminuta percentagem de eleitores (20 por cento).

Assim e considerando que «as tarefas que iremos enfrentar são de tal modo importantes que impõe a participação activa de todos os trabalhadores», a lista proposta pela direcção recusou-se a tomar posse e propôs ao presidente da assembleia eleitoral a repetição das eleições para o próximo dia 17 de Setembro.

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE
Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

Suspensões na Barcelense

Mais três trabalhadoras foram suspensas na empresa Fábri Barcelense «Têxtil João Duarte» (Barcelos), na sequência de um processo reivindicativo que visava o pagamento dos salários em atraso aos 600 empregados da firma. A entidade patronal alega ter sido sequestrada, o que não é confirmado pelos factos, segundo os trabalhadores. Anteriormente tinham sido suspensas três delegados sindicais, com os mesmos argumentos.

Electricidade Portugal, E D P

ZONA DISTRIBUIÇÃO DE SETÚBAL

Ex-União Eléctrica Portuguesa

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 7 de Agosto, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Silvinha, Foros, Ramos e Medos de Baixo, das 06 h 00 m às 14 h 00 m.

CONCELHO DE PALMELA: Águas de Moura, das 06 h 30 m às 14 h 00 m.

CONCELHO DO SEIXAL: Desportivo, Rustico, Gimno, Boeiro e Arrentela, das 06 h 00 m às 14 h.

Lisboa, 6 de Agosto de 1977

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
Manuel Fernandes Camacho

DOMINGO
7/AGOSTO/77
CIRCUITO DE VERA NO

AUTÓDROMO DO ESTORIL

- Campeonato Nacional de Velocidade
- Troféu de Fórmula Livre
- Automóveis Antigos

HORÁRIOS

	treinos	corrida
Grupos 6/8	13.00	16.00
Grupo 1 até 1300	13.45	16.45
Grupo 1 sup. 1300	14.30	17.30
Grupos 2/3/4/5	15.15	18.15
Automóveis Antigos		19.00

Preço de Bilhetes

Camarote	750\$00
Tribuna	170\$00
Central	150\$00
Lateral	100\$00
Peão	50\$00
Parques	30\$00

- Bilhetes à venda no Autódromo.
- Os sócios do Clube com cartão de sócio e cota em dia (1.º ou 2.º trimestre de 77) têm acesso livre.
- Os proprietários de lugares cativos podem levantar os bilhetes no escritório do Autódromo a partir do dia 6 inclusive.

MAIS UMA ORGANIZAÇÃO DO



ABUL ABID YUNÉS (DA FPLP) AO "DIÁRIO DE LISBOA"

"Libertar toda a Palestina e instaurar um Estado democrático e laico"

Depois de termos apresentado o ponto de vista da OLP sobre a actual situação da questão palestina damos agora a palavra a Abul Abid Yunés, membro do Comité Central da Frente Popular de Libertação da Palestina e membro do Conselho Nacional Palestino, em entrevista ao nosso jornal.

— Qual é a actual situação da questão palestina e como vê a FPLP a solução do problema?

— Antes de responder a essa pergunta desejava recuar um pouco no tempo para clarificar certos pontos.

Antes da colonização da Palestina, em 1948, a questão palestina foi levada à ONU pelos países árabes que aí contavam encontrar uma solução para o problema político-diplomático. Os governos destes países fizeram então concessões para resolver a questão recusando-se a aceitar que o povo palestino desempenhasse o seu papel como entidade nacional. Estes regimes tiveram então uma actuação que se traduziu na repressão das massas revolucionárias da nossa pátria.

Veio depois a viragem de 1967, quando estes regimes foram derrotados por Israel, derrotada que mostrou que não podiam enfrentar o inimigo sionista. Desapareceu assim uma ilusão: os povos árabes e sobretudo o povo palestino tomaram consciência que estes regimes não podiam libertar a Palestina. Foi então que o povo da Palestina assumiu a seu cargo a luta armada como única via para a libertação total da sua terra. Depois de 67, começou o processo da luta de libertação, tanto no interior como no exterior da Palestina.

Criaram-se organizações e correntes políticas que representavam a realidade das classes sociais existentes na Palestina, entre as quais a FPLP, que representa as camadas mais pobres da população, os trabalhadores e os camponeses. A FPLP adoptou mais tarde um programa que foi aprovado na sua Conferência fundamental em Janeiro de 1969, onde definiu o campo inimigo como sendo o imperialismo, o sionismo — na sua prática concreta e a reacção árabe. Definiu-se também o campo amigo como o das forças progressistas e nacionalistas árabes e os próprios regimes nacionalistas árabes que, hoje, são a Líbia, o Iraque e a Argélia. No plano internacional consideramos amigos o campo socialista e os partidos e forças progressistas dos países capitalistas e os movimentos de libertação do Terceiro Mundo.

No plano da Palestina elaborou-se, também em 69, um programa de unidade nacional no quadro da OLP cuja finalidade é libertar toda a Palestina e instaurar um Estado democrático e laico no qual vivam todos os grupos religiosos — judeus, cristãos, muçulmanos — sem discriminação racial, onde cada indivíduo possa gozar dos seus direitos nacionais.

— E de que maneira pensa a FPLP que será possível atingir esse objectivo?

— A única via é a luta armada popular a longo prazo. De facto todas as organizações e correntes palestinas rejeitaram a Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU, to-

mada em 1967, logo depois da guerra. Realmente essa Resolução estava em contradição com a finalidade essencial de todas estas organizações que consistia na libertação total — note bem total — da terra da Palestina, o que foi depois reiterado no 11.º Congresso Nacional Palestino reunido no Cairo em 1971. Esta estratégia e este programa foram seguidos, até à guerra de Outubro de 1973, onde se demonstrou a capacidade dos povos árabes para derrotar completamente o inimigo sionista.

Esta guerra que pretendia trazer uma mudança total da situação, ser levada, segundo os próprios regimes árabes, às suas extremas consequências, foi porém traída. Depois desta guerra os regimes reacçãoários do Egipto, da Síria e da Arábia Saudita tentaram atrair certas organizações palestinas, nomeadamente a OLP a fim de prosseguirem o seu plano de reconciliação com o inimigo sionista dispondo-se para isso a participar na Conferência de Genebra, que tem por base a Resolução 242.

A pedido dos países reacçãoários árabes, certas organizações componentes da OLP como El Fatah, a Saka e a FPLP puseram-se de acordo



Assad: o sorriso ambíguo

para corresponder aos planos da reacção árabe, aliaram-se no Conselho Nacional Palestino, em Junho de 1974, e elaboraram o conhecido programa em 10 pontos (1) de acordo com o programa político da reacção árabe. Em resposta, o resto das organizações palestinas, aquelas que têm uma visão mais lúcida da situação, fizeram uma coligação, a Frente da Rejeição, sob a direcção da FPLP, que rejeita os «10 pontos» e defende a continuação da luta pela libertação total da Palestina e por isso combate o desviacionismo daquelas organizações.

Se de facto a facção moderada, ou melhor, direitista, da OLP for assistir à Conferência de Genebra, para estabelecer negociações directas ou indirectas com Israel, então a Frente da Rejeição separar-se-á da actual OLP e constituirá uma nova organização, porque a Conferência de Genebra significa o abandono dum objectivo essencial e tradu-

Entrevista de FERNANDO ANTÓNIO ALMEIDA

zir-se-á, de facto, no reconhecimento de Israel, renegando assim um dos direitos fundamentais do povo palestino e privando-o duma parte da sua terra. Continuaremos a luta armada até conseguirmos a libertação da nossa terra.

OS JOGOS

DO IMPERIALISMO

— Qual é o jogo que o imperialismo americano joga no Próximo-Oriente?

— O imperialismo americano tem como objectivo essencial na região, depois da guerra de 73, a protecção de Israel, prometendo ao mesmo tempo aos regimes reacçãoários árabes a retirada de Israel dos territórios árabes ocupados depois de 67, e apenas deles. É a sequência do projecto Kissinger, da sua política do passo a passo, para conseguir, a troco dum bocado de terra, a hegemonia económica, política e militar do imperialismo americano no mundo árabe, dando a Israel fronteiras definidas e seguras. Por parte dos regimes árabes houve concessões, consignadas por escrito, de que o acordo sobre o Sinai é uma prova, região onde se estabelece uma estação de detecção («warning station») com o fim de controlar os movimentos militares de todos os países árabes da região. Como consequência inevitável da política de Kissinger, os Estados Unidos conseguiram que o Egipto expulsasse todos os técnicos soviéticos, reforçando ao mesmo tempo as relações de ajuda dos americanos aos países árabes.

Este acordo do Sinai implicou também, da parte de Sadate, uma abertura económica em relação ao imperialismo, o compromisso da aceitação dos monopólios USA, assim como a abertura do canal de Suez aos navios israelitas e o termo das campanhas dirigidas pelo Egipto contra os EU e Israel. Finalmente, concluiu-se pelo respeito mútuo da soberania de todos os países da região, o que pura e simplesmente significa um passo em frente no sentido do reconhecimento de Israel.

O êxito obtido pelo imperialismo americano encorajou-o a pedir novas concessões aos regimes árabes reacçãoários: a exigência principal é a do fim da luta armada do povo palestino. Foi depois deste acordo que começou a guerra no Líbano, porque a Resistência Palestina e o Movimento Nacional Libanês constituem um obstáculo intransponível na via da realização da Conferência de Genebra que pretende de vez desembarrasar-se do problema do Próximo-Oriente.

O objectivo de Israel, assim como do imperialismo americano é o de impedir a Resistência Palestina de prosseguir a luta no interior da Palestina e com esse mesmo objectivo apoiam as forças reacçãoárias libanesas, pois o fortalecimento da Resistência começou a ameaçar a existência de Israel e das forças isolacionistas libanesas.

Tendo em conta esta situação, os regimes árabes reacçãoários ficaram de braços cruzados perante a

acção dos isocionistas no Líbano.

Mas quando eles viram que se desenhava a vitória das forças nacionais libanesas e da Resistência Palestina e a divisão criada no Exército libanês, o regime reacçãoário sírio interveio para proteger o regime burguês libanês no momento em que havia um confronto violento entre os dois campos. Apesar da superioridade dos efectivos sírios, as nossas forças puderam resistir eficazmente. Na sequência desta resistência os regimes reacçãoários árabes dirigiram-se à Arábia Saudita para estabelecerem uma tutela sobre a Resistência Palestina e formaram uma delegação quadripartida para executar o acordo do Cairo, que regula as relações entre os libaneses e os palestinos. Esta tutela tem como objectivo criar obstáculos à Resistência e acabar com a luta armada de libertação. O segundo objectivo da Conferência de Ryad foi o pedido urgente enviado à OLP para esta fazer concessões no seu programa com base nos seguintes pontos:

- 1 — Retomar as relações com o regime sírio;
- 2 — Reconciliação com o regime reacçãoário jordano;
- 3 — Criar boas relações, directas ou indirectas, entre a OLP e os USA;
- 4 — Estabelecer contactos, directos ou indirectos, com elementos israelitas ou sionistas (como foi o caso com o general Bilal, dirigente sionista do Conselho Internacional da Paz);
- 5 — Acordo para a constituição dum micro-Estado Palestino nos territórios que Israel se disponha a evacuar durante a Conferência de Genebra, com base na Resolução 242 que considera o problema palestino limitado ao problema dos refugiados e que só trata dos territórios ocupados em 67;
- 6 — A aprovação do princípio de negociações directas com Israel e a participação da OLP na Conferência de Genebra ou doutra similar.

Todos estes pontos foram aceites na 13.ª sessão do Conselho Nacional Palestino, reunido no Cairo em 12-3-77. Foi assim que a FPLP recusou categoricamente estes pontos que negavam os objectivos essenciais afirmados desde o início da Resistência Palestina. Por isso a FPLP recusou a sua participação no Comité Executivo responsável pela realização deste programa, insistindo no programa adoptado na 11.ª sessão do Conselho onde se recusa o reconhecimento de Israel e se adopta a luta armada para a libertação da Palestina.

ACTUAÇÃO DA SÍRIA

— Camarada Yunés, como se explica a mudança de posição da Síria que toda a gente considerava um aliado fiel do povo palestino?

— De facto a intervenção síria no Líbano contra a Resistência e o Movimento Nacional Libanês surpreendeu muita gente. Tanto mais que em 1970 o Exército sírio tinha interveio ao lado da Resistência Palesti-



Abul Abid Yunés usando da palavra num «meeting» público

na aquando da repressão jordana durante o Setembro Negro e considerava-se até então, que o regime sírio era um regime nacionalista. Mas é preciso não esquecer que passados três meses desta intervenção houve na Síria um acontecimento importante: o general Assad, que era então ministro da Defesa, fez um golpe de Estado contra a direcção do partido Baas que era constituída por um directório de cinco membros, um dos quais Al-Atassi, que se encontra actualmente refugiado na Argélia. Ora o golpe de Estado de Assad foi justamente motivado pela sua discordância da intervenção do Exército sírio em favor da Resistência. Não tenho quaisquer dúvidas em afirmar que Assad se encontrava em relação com a CIA. Viu-se aliás depois do golpe e logo a seguir à sua chegada ao poder e sobretudo depois da guerra de 73, a ligação completa com o presidente Sadat que tomara a decisão de aceitar a Resolução 242 do Conselho de Segurança. Desde então a atitude de Assad tem sido de alinhamento com o imperialismo americano.

— Mas como reagirão as massas árabes perante as atitudes dos governantes reacçãoários? Como reagirão as massas egípcias perante a política de alinhamento de Sadat com o imperialismo americano?

— Recentemente ainda, houve acontecimentos muito importantes que levaram milhões de egípcios a revoltarem-se contra o regime, protestando contra a política interna do governo e obrigaram este a recuar. Esta revolta conseguiu o seu objectivo — a luta contra a carestia da vida que se traduziu na anulação do aumento dos preços. Mas infelizmente esta revolta não conseguiu nenhuma alteração da política externa do governo. Mas nós estamos convencidos que as massas podem varrer a hegemonia do regime Sadate, regime que os países capitalistas, e os USA em particular, julgavam ser muito sólido. Ora a sua fragilidade viu-se nesse momento.

No que diz respeito à Síria, aquando da sua intervenção no Líbano houve vários movimentos de revolta no Exército sírio

da parte, quer de oficiais, quer de soldados, movimentos que foram reprimidos e de que resultaram vários mortos e a prisão de muitos militares. Houve igualmente reacções espontâneas de civis quando as massas se revoltaram e liquidaram vários responsáveis políticos. Posso citar-lhe, como exemplo, a morte dum dos dirigentes da Universidade de Damasco, considerado o cérebro, o ideólogo do regime.

Outro indício da revolta das massas sírias foi a constituição da Frente Progressista Síria, que tem por tarefa o derrube do actual regime Assad. Posso acrescentar-lhe a este propósito que houve uma cisão no Partido Comunista Sírio — enquanto a facção de Bakdache continua no governo, o grupo de Samad saiu e integrou a Frente Progressista.

— Quais as condições que considera necessárias para a realização dos objectivos da Resistência Palestina isto é a constituição dum Estado Palestino?

— As condições são três: todas elas interligadas e indissociáveis uma das outras:

- 1 — Formação duma Frente Nacional Palestina que execute o programa já aprovado para criar um Estado Democrático e laico na Palestina.
- 2 — A formação duma Frente Nacional Popular Árabe.
- 3 — A formação duma Frente de regimes progressistas árabes.

Repito que estes pontos são inteiramente solidários e que só assim se poderá chegar a criar uma pátria na Palestina.

— A FPLP tem relações com algum grupo israelita ou rejeita «ab initio» contactos com qualquer organização de Israel?

— Não, não rejeitamos. Estamos em ligação com pequenas organizações que pretendem realizar os mesmos objectivos que nós — a criação dum Estado Palestino Democrático e laico, como a Frente Vermelha, os Panteras Negras e o Matzpen.

(1) Este programa aceita, no seu ponto 2, o estabelecimento dum mini-Estado Palestino, ainda que considere (ponto 4) que este não constitui senão um passo no sentido da realização do seu objectivo estratégico: «a edificação dum Estado palestino democrático».

Aproxima-se o fim do "milagre japonês"

TÓQUIO — Os japoneses gostam de mostrar aos visitantes estrangeiros, e, em particular aos europeus, o estaleiro naval de Oppama, um dos maiores e mais modernos do mundo. A sua doca seca, desesperadamente vazia, é o símbolo das dificuldades que atravessa actualmente a construção naval nipónica. Os japoneses têm, de resto, agora, um outro exemplo para apresentar aos seus parceiros europeus que lhe criticam o facto de açambarcar o mercado mundial: três estaleiros navais nipónicos acabam de «perder» um concurso feito pela Nigéria para a construção de dezasseis navios de grande tonelagem. Foram os sul-coreanos e os jugoslavos que obtiveram a encomenda com preços inferiores, em 15 e 20 por cento, aos japoneses.

Os construtores japoneses afirmam que estão em posição desvantajosa em relação aos seus concorrentes, devido ao estreito controlo que é exercido sobre os preços pelo Ministério dos Transportes. Este, para ter em conta as críticas europeias, decidiu, em Fevereiro passado, um aumento de 5 por cento no preço dos navios construídos no Japão. Este país passou, pois, a recriar a

concorrência dos países que podem tirar vantagem dos baixos custos da mão-de-obra, como é o caso da Coreia do Sul, a Formosa e o Brasil. Os navios construídos nestes países são — de acordo com cálculos efectuados em Tóquio — 15 a 20 por cento, mais baratos do que os construídos no arquipélago. Os sul-coreanos iniciaram a construção de dois novos estaleiros e orientam-se agora para os mercados africanos e latino-americanos, duas regiões onde, até hoje, o afluxo de produtos japoneses não suscitou reacções tão vivas como na Europa.

Acontece que no decurso dos dois últimos anos os europeus se inquietaram legitimamente com os êxitos obtidos pelos estaleiros navais nipónicos: em 1976 estes conseguiram 85 por cento das encomendas dos países da OCDE, produzindo 12,3 milhões de toneladas numa produção total de 15,8 milhões, o que é superior à procura mundial prevista para 1980.

É difícil avaliar a situação dos estaleiros navais nipónicos, devido à diversidade das suas actividades. Por exemplo no caso do maior deles, a Mitsubishi Heavy Industry, a construção de navios propriamente

dita representou em 1976, apenas 36 por cento da sua actividade.

Aparentemente desejosos de ter em conta as críticas que lhe foram dirigidas pelos construtores europeus, os japoneses tomaram, na véspera da reunião da OCDE, realizada em Fevereiro último, uma série de medidas para limitar a sua participação no mercado mundial a 50 por cento. Nesse sentido decidiram além dum aumento dos preços da ordem dos 5 por cento, limitar as horas de trabalho nos estaleiros ao nível que estas possuíam em 1974. Os construtores japoneses chamam por outro lado a atenção para o facto de trinta mil operários, dos trezentos e sessenta mil que trabalham nos estaleiros terem sido despedidos, o mesmo devendo suceder a vinte e cinco mil, no próximo mês.

Contudo os europeus consideram insuficientes estas medidas. Num artigo publicado no jornal dedicado às questões marítimas, o «Lloyds List», M. Conrad, presidente do comité de ligação dos construtores marítimos da CEE afirma, com efeito, que o Japão se apropriou de 65,4 por cento das encomendas mundiais no decurso do primeiro trimestre de 1977, em vez dos 50 por cento que tinham sido combinados.

A construção naval japonesa é a mais importante do mundo. De 1,7 milhões de toneladas em 1960 a sua capacidade de produção passou para 17,9 milhões de toneladas em 1975. Há actualmente no Japão oito grandes estaleiros e três dezenas de outros de dimensões médias que asseguram 40 por cento da produção. Além disso existem mil trezentas e cinquenta pequenas unidades em geral, especializadas em reparações.

A REESTRUTURAÇÃO

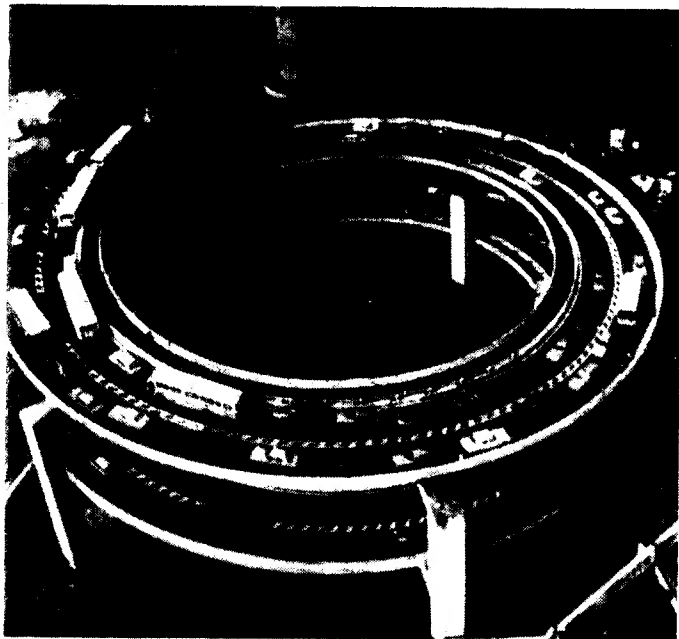
Beneficiando duma tecnologia avançada e do efeito multiplicador duma produção de massa (aguiçoado, como sempre no Japão pela concorrência excessiva travada entre as empresas do mesmo ramo), o Japão, conseguiu praticar preços de 20 a 30 por cento inferiores aos dos seus concorrentes. Encontra-se hoje com uma capacidade de produção excedentária. Isso na medida em que os estaleiros japoneses foram vítimas, tal como os seus concorrentes europeus, da quebra de encomendas que ocorreu a partir de 1974 e foram, por outro lado, afectados pela alta dos custos das matérias-primas, nomeadamente pelo aumento do preço do aço. Depois de terem tentado estabilizar os seus custos, os japoneses, pressionados pelos europeus, estão em vias de racionalizar a sua produção, ao mesmo tempo que procuram diversificá-la. Depois de 1974 a maior parte dos estaleiros navais lançaram-se na produção de plataformas marítimas e na construção de motores.

Para o ano fiscal de 1977 (que acaba em Março de 1978), o Japão comprometeu-se a aceitar mais de cinco milhões de toneladas de encomendas. Mas respeitará esta limitação? No passado, mais precisamente de 1975 a 1976, este tipo de compromisso nunca foi observado com muito rigor.

No fim de Março os japoneses tinham uma carteira de encomendas de 12,5 milhões de toneladas o que lhe permite, grosso modo, dar trabalho aos seus estaleiros até 1978.

Philippe Pons

«Le Monde»



Os acessos rodoviários à ponte sobre o Kizugawa, em Osaka

A RESISTÊNCIA AO FASCISMO EM PORTUGAL

PRÉMIO

BENTO DE JESUS CARAÇA

50 mil escudos

PARA OS MELHORES ARTIGOS PUBLICADOS NA IMPRENSA PORTUGUESA, PERIÓDICA OU NÃO PERIÓDICA, ENTRE 1 DE JULHO E 31 DE DEZEMBRO DE 1977, SOBRE A RESISTÊNCIA EM PORTUGAL.

REGULAMENTO

1. Poderão concorrer a este Prémio instituído pela Editorial Inova todos os artigos sobre a resistência ao fascismo em Portugal publicados na imprensa portuguesa, continental e insular, periódica ou não periódica, entre 1 de Julho e 31 de Dezembro de 1977.

- a) cada autor poderá concorrer com um ou mais artigos;
- b) dos jornais ou revistas que incluam artigos destinados ao Concurso, devem ser enviados à Editorial Inova, Porto, até 31 de Janeiro de 1978 imprimeiramente, 6 exemplares, de que se acusará a respectiva recepção.

2. Serão atribuídos prémios no montante de 50 000\$00 aos melhores artigos:

- 1.º Prémio: 20 000\$00 e livros no valor de 10 000\$00
- 2.º Prémio: 5 000\$00 e livros no valor de 2 000\$00
- 3.º Prémio: 2 000\$00 e livros no valor de 1 000\$00
- 4.º a 15.º Prémios: livros no valor de 1 000\$00

3. Todos os concorrentes, sejam ou não premiados, receberão uma edição da Inova como lembrança da sua participação no Concurso.

4. A Editorial Inova reserva-se o direito de poder reunir e publicar em volume os artigos premiados, constituindo os respectivos prémios o pagamento dos direitos de autor do concorrente, ao qual serão remetidos gratuitamente 2 exemplares da referida edição.

5. Os artigos serão classificados por um Júri constituído por:

Sofia de Melo Breyner Andresen
Dr. Fernando Piteira Santos
Dr. Jacinto Prado Coelho
Dr. José Carlos de Vasconcelos
Dr. Oscar Lopes

Os nomes dos autores premiados serão tornados públicos durante o mês de Março de 1978, sendo os Prémios entregues no dia 25 de Abril de 1978 durante uma sessão pública.



O Japão é um dos mais importantes países pesqueiros do mundo. Na foto, primeiro tratamento da baleia caçada nas costas da Antártida



Poucos dias depois do genocídio de Hiroshima, os EUA voltaram a lançar uma bomba atômica no Japão, mais precisamente, sobre a cidade de Nagasaki. A foto mostra o «cogumelo» formado pela explosão dessa bomba

Hiroshima, 32 anos depois

Milhares de lanternas de papel iluminadas flutuavam nos três rios de Hiroshima na noite passada em memória das vítimas da bomba atômica americana.

Há trinta e dois anos os habitantes desta cidade mergulhavam nas águas dos rios numa tentativa desesperada de escapar ao fogo atômico que num instante reduziu a cinzas a industriosa metrópole nipônica.

As estimativas do número das vítimas de Hiroshima divergem ainda. O presidente do Município, Takeshi Araki, fala de 140.000 mortos enquanto que os americanos admitem só 80.000.

Inicialmente julgava-se que a vegetação não ressurgiria senão passados trinta anos, mas afinal os primeiros rebentos apareceram logo na Primavera seguinte. Hiroshima ressuscitou das suas cinzas, e hoje é uma urbe comercial e próspera, profundamente devotada à

paz mundial.

Antes do genocídio, Hiroshima contava 336.000 habitantes. Em Novembro de 1945 restavam 136.000. Muitos tinham fugido às radiações. Foi só passados dez anos que a população voltou a crescer, atingindo 524.000 em 1965.

Em 1977 vivem 850.000 pessoas em Hiroshima. Oito milhões de turistas vêm aqui todos os anos em especial para visitar o Parque da Paz, onde se encontram o monumento às vítimas, um museu e os destroços simbólicos do antigo centro de promoção industrial hoje conhecido pelo nome de «Cúpula Atômica».

Mas o medo não desapareceu de Hiroshima. Os descendentes dos cem mil sobreviventes da bomba atômica interrogam-se sobre se não herdaram as doenças causadas pelas radiações que continuam a matar os seus pais, cuja idade média atinge os 71 anos.

Mal sucedido na Síria Cyrus Vance tenta a Jordânia

O secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, tendo visto o seu plano para uma conferência árabe-israelita, em Nova Iorque, ser rejeitado pelo presidente Hafez Al-Assad da Síria, procura hoje uma reacção favorável do rei Hussein da Jordânia.

Após uma hora de conversações ontem com o monarca jordano, pouco depois de Vance chegar a Amã, o soberano pediu tempo para analisar e rever as propostas.

O tema central das conversações de Vance em Amã será a questão da margem ocidental do rio Jordão, uma área que esteve sob domínio jordano até Israel a ocupar na guerra de 1967. Muitos Estados árabes desejam a área reservada para uma pátria palestina, mas Israel aumentou já o número de colonatos judaicos na região.

Entretanto, funcionários norte-americanos anunciaram que a viagem de Vance seria mais demorada visto ter aumentado o itinerário com segundas deslocações ao Egito, Síria e Jordânia para informar dirigentes árabes sobre as suas conversações com o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, marcadas para terça e quarta-feira próximas.

O chefe da diplomacia norte-americana segue no domingo para a Arábia Saudita, antes de visitar Israel, e fará escalas em capitais árabes na viagem para a Grã-Bretanha onde, na próxima quinta-feira, deverá travar conversações com os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha

e África do Sul, respectivamente, dr. David Owen e Pk Botha, sobre a África Austral.

Entretanto, o presidente Jimmy Carter declarou que a convocação da conferência de Genebra sobre o Médio Oriente para o mês de Outubro «continua a ser uma probabilidade» apesar dos resultados até agora pouco animadores da missão do secretário de Estado Cyrus Vance na região.

«Mantenho a convicção de que todos os dirigentes locais desejam a paz e querem negociar», indicou o chefe do Executivo.

Jimmy Carter esforçou-se designadamente por minimizar o alcance do desacordo registado entre as posições americana e síria quando da passagem de Vance por Damasco.

Em contraste, Khaled El Hassan, alto dirigente palestino, declarou, após conversações em Argel, que «o com-

portamento americano e o de Cyrus Vance em particular dão a impressão de que os Estados Unidos tentam sempre impelir os árabes a aproximar-se de Israel e não o contrário. Enquanto os israelitas desde 1948 não modificaram um ponto da sua posição, nem no fundo nem na forma, os árabes multiplicaram as concessões para chegar a uma solução política do problema».

«Esta política americana», continuou Khaled El Hassan, «que não é global na sua aproximação, a que falta o sentido da equidade e que ignora o povo palestino não é uma boa política».

«Nestas condições, mesmo que a conferência de Genebra se realize, ela significará um falhanço e o Médio Oriente conhecerá então, sem dúvida nenhuma, um período de instabilidade que irá direito a uma quinta guerra.»

Militante da "Grapo" entrega-se

O militante da GRAPO que detinha sete pessoas como reféns num edifício dos arredores de Madrid, rendeu-se sem resistência à Polícia. Trata-se de Luis Torrijo Cantero, de 19 anos. Os sete reféns, entre os quais duas crianças e duas pessoas idosas, encontram-se bem.

O referido militante da GRAPO tinha fugido na noite passada a uma intercepção da Polícia.

Os agentes da Segurança tinham detectado «dois indivíduos suspeitos» no arrabalde Sul de Madrid. Os dois homens viajavam num carro Seat e tentaram forçar uma barreira de controlo da Polícia, registando-se uma troca de tiros.

Um dos dois ocupantes foi ferido e hospitalizado. O outro, Luis Cantero conseguiu fugir e refugiou-se num prédio onde tomou como reféns sete pessoas que se encontravam num apartamento.

Advogados brasileiros denunciam torturas a presos políticos

Advogados brasileiros dos direitos civis voltaram a fazer acusações de que presos políticos são torturados, directamente implicando secções do exército nas alegadas brutalidades.

Aqueles advogados afirmaram que o arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal Eugénio Sales, interveio pessoalmente

junto do comandante do Primeiro Exército, general José Pinto de Araújo Rebelo, a esse respeito.

As acusações seguem-se à denúncia, esta semana, de um dos principais advogados dos direitos civis, professor Heleno Fagoso, de que as forças de segurança votaram a institucionalizar o uso da tortura como rotina dos interrogatórios.

As acusações resultaram da prisão, no mês passado, de 21 pessoas, principalmente estudantes, acusadas de pertencerem a uma organização subversiva esquerdista denominada Movimento para a Emancipação do Proletariado (MEP), que visa derrubar o regime militar ditatorial que governa o Brasil desde 1964.

Os mesmos advogados anunciaram que os seus nove clientes sofreram as mesmas torturas que o professor Fagoso declarou terem sido infligidas a outros estudantes, incluindo choques eléctricos, espancamentos e introdução em pequenos compartimentos a baixa temperatura e com alto volume de ruído.

Informadores da polícia de segurança, conhecida por DPPS (Departamento de Polícia Política e Social) negaram as alegações de tortura.

Mas, segundo os advogados, os presos são torturados por um ramo do Exército conhecido por DOI-CODI (Departamento de Operações e Informações-Centro de Operações de Defesa Interna).

As acusações dos advogados foram transmitidas ao general Rebelo e ao ministro da

Justiça, Armando Falcão.

A alegada tortura de presos políticos é uma das mais graves acusações de violação dos direitos humanos que têm sido feitas periodicamente contra o regime ditatorial nos últimos anos.

No último ano e meio verificaram-se poucas acusações do género, e alguns advogados dos direitos civis afirmaram que o presidente Ernesto Geisel aparentemente conseguira impor um novo código de conduta sobre os vários órgãos de segurança do país.

UNIVERSIDADE PATRULHADA

Após perto de duas semanas da sua reabertura, a Universidade de Brasília continuava a ser patrulhada por forças policiais, enquanto que o conflito que opõe os estudantes a reitoria continua num impasse.

Numerosos estudantes encontram-se no recinto da Universidade mas a assistência às aulas é reduzida. Após a reabertura, mais de 200 estudantes foram presos pelas forças da polícia, mas a maior parte foram libertados após verificação da identidade. Alguns deles, segundo fontes dignas de crédito, continuam no entanto presos, em virtude da lei sobre a segurança nacional.

Na quinta-feira, cerca de 2000 estudantes da Universidade de São Paulo organizaram uma manifestação de apoio aos de Brasília, procedendo ao enterro simbólico do reitor da Universidade de Brasília, Carlos de Almeida Azevedo.

Incidentes na fronteira Vietname-Camboja

— segundo o 1.º-ministro tailandês

O Vietname e o Camboja estão hoje envolvidos em sérios recontros fronteiriços com aviões efectuando ataques de bombardeamento contra ambos os lados, segundo afirmou em Kuala Lumpur o primeiro ministro da Tailândia, Thanin Kraivichien.

O chefe do Governo tailan-

dês, que se deslocou a Kuala Lumpur para assistir a uma primeira de grupo de nações do Sueste Asiático, disse ainda que a luta se travava também entre a fronteira do Camboja com o Laos, não fornecendo mais detalhes acerca dos recontros.

A sua revelação, feita numa conferência de imprensa em Kuala Lumpur, foi a primeira em público de um alto funcionário, sobre notícias de luta na fronteira entre o Vietname e o Camboja.

A sua comunicação era aparentemente baseada em relatórios dos serviços secretos tailandeses.

Nem o Vietname nem o Camboja se referiram aos combates nos seus órgãos de Comunicação Social.

Forças vietnamitas teriam ocupado um arquipélago perto da cambojana que Phnom Penh considerava como seu próprio território. Mais tarde, circularam notícias, que não puderam ser confirmadas de recontros isolados em terra.

Thanin notou que a Tailândia desejava relações amigáveis e pacíficas com os seus vizinhos comunistas, «mas se cometerem um acto de agressão contra nós, não teremos outra alternativa senão dissuadi-los disso por meio de operações militares».

Segundo ele, tropas cambojanas invadiram território tailandês mais de 40 vezes, este ano.

Os incidentes mais recentes na fronteira ocorreram no princípio desta semana, quando morreram, pelo menos, 27 tailandeses, em conflitos de fronteira.

de toda a América Latina a menos que aceitem as exigências panamanhas.

As conversações sobre o tratado entre os Estados Unidos e o Panamá são reatadas na próxima semana e as duas partes indicam que está próximo um acordo, muito embora haja ainda divergências, nomeadamente quanto à soma que Washington deverá pagar ao Panamá pela continuação da presença no canal.

O Panamá pede 3500 milhões de dólares para a utilização da zona do canal até 1999. Os Estados Unidos, ao que se diz, ofereceram 1.500 milhões.

Mesmo que os negociadores cheguem a um acordo, o projecto de tratado teria de ser aprovado pelo Senado norte-americano e a Administração terá eventualmente dificuldade em reunir os 37 votos necessários à aprovação.

O presidente mexicano, José López Portillo, preveniu contudo, se o Congresso norte-americano não ratificar o tratado, «o povo panamiano resolverá ele próprio a situação».

Dirigentes latino-americanos apoiam o Panamá nas negociações com os EUA

Cinco dirigentes das Caraíbas assinaram hoje uma declaração formal apoiando a luta do Panamá pelo controlo total da zona do canal.

Quatro presidentes — da Costa Rica, Colômbia, México, Venezuela, o primeiro-ministro da Jamaica e o «homem forte» do Panamá, general Omar Torrijos, discutiram «exaustivamente» durante cinco horas o tratado sobre o canal que está a ser negociado entre o Pana-

má e os Estados Unidos e devem assinar hoje a «declaração de Bogotá», apoiando as reivindicações panamanhas.

«O problema já não é bilateral», disse Torrijos após a reunião. «Tornou-se um problema da América e isto torna mais provável a solução em breve do problema».

Carlos Andres Perez, o presidente da Venezuela, declarou por seu turno que os Estados Unidos terão de enfrentar a ira

INCERTEZA EM CHIPRE

Quem sucederá a Makarios?

Dirigentes cipriotas gregos esforçam-se por encontrar um sucessor para a presidência aceitável por todos os partidos políticos.

Pareciam ter chegado a um impasse, após as conversações de ontem, nas tentativas para evitar uma eleição presidencial azedamente disputada, dentro de 45 dias, como decretado nos termos da Constituição.

Surgiram já dois candidatos

principais — Spyros Kyprianou, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, que assumiu automaticamente a chefia do Estado como presidente da Câmara dos Representantes e que parece ter o maior apoio, e Glafkos Clerides, secretário do Partido Democrático (PD), que se tornou presidente em 1974, após ser abortado um golpe de Estado, que obrigou o arcebispo Makarios a abandonar a ilha.

TELEX TELEX TELEX

60 MORTO — Sessenta pessoas morreram em consequência do desmoronamento de um prédio num bairro popular do Cairo. Na véspera, os moradores tinham alertado a polícia para o perigo de derrocada.

BOMBA DE NEUTRÕES — Vinte e três cientistas e políticos tomara posição contra a bomba de neutrões, no semáforo de Colónia «Cadeano de Política Alemã e Internacional». Entre eles, o filósofo Ernst Bloch, falecido antes da saída do último número da revista, e o cientista Fritz Strass-

man, que descobriu, em 1938, com Otto Hahn, o princípio da cisão nuclear.

CAPUCCI — A agência palestina Wafa anunciou que monsenhor Hilarion Capucci, bispo grego católico de Jerusalém preso em Israel está a jejuar há três semanas, como protesto contra os vexames de que é alvo por parte dos carcereiros.

COLA — O ministro do Comércio indiano anunciou que o seu Governo está decidido a proibição das operações comerciais da companhia norte-americana Coca-Cola no país.

Uma peça dita "antitotalitária" vai ser encenada em Setúbal

Roger Blin, o conhecido encenador francês que criou «A espera de Godot», de Samuel Beckett, estará em Portugal a partir do dia 15 do corrente, para trabalhar com o Teatro de Animação de Setúbal na montagem da peça de S. Mrozek «Os Emigrantes». A vinda de Blin tornou-se possível graças

à acção conjunta da SEC (Secretaria de Estado da Cultura) e da Câmara Municipal de Setúbal, no âmbito dos acordos culturais luso-franceses.

Foi em 1949, quando da sua estreia como encenador em «A Sonata dos Espectros» de Strindberg que Roger Blin des-

perrou a atenção de Samuel Beckett. Depois do êxito em 1953 de «A espera de Godot», manuscrito entretanto recusado por todos os directores de teatro a quem fora apresentado, Beckett passou a confiar-lhe todas as suas peças. Entre outros autores que Roger Blin tem encenado contam-se ainda Arthur Adamov e Jean Genet.

Segundo os textos distribuídos pelo Teatro de Animação de Setúbal, apoiado pela SEC, «o teatro de Mrozek autor que será agora levado à cena pela segunda vez no nosso país, depois de a Companhia de Amélia Rey Colaco ter montado, há anos, o «Tango» — é simultaneamente actual e intemporal pelo seu carácter alegórico, surrealizante pelo absurdo da história que relata, mas realista porque esse absurdo é o absurdo vivido nas sociedades totalitárias e burocráticas». O teatro de Mrozek, acrescenta o documento, distingue-se do do Ionesco, «pela sinistra realidade política (sic) que evoca e por um sentido muito pouco de gotaresco».

«Sinistra realidade política» para o Teatro de Animação de Setúbal é a Polónia socialista, de onde Mrozek saiu em 1968 para se fixar no «Occidente».

Pianistas soviéticas vencem concurso

No importante Concurso Internacional de Piano de Sydney, na Austrália, que reuniu quarenta dos melhores jovens pianistas de todo o mundo, couberam mais uma vez a artistas representantes da União Soviética as honras dos primeiros prémios.

Irina Plitnikova, de 22 anos, e por sinal mãe de um rapaz de 15 meses, obteve o primeiro prémio, no valor de dez mil dólares. A premiada, saudada aliás com especial admiração pela crítica australiana, recebeu ainda um contrato de gravação, por cinco anos, da EMI

e fará uma «tournée» pela Austrália e Nova Zelândia, além de se apresentar com orquestras australianas, britânicas ou polacas, conforme a opção que fizer. Não obstante a sua reconhecida categoria, ainda lhe falta um ano para completar o seu curso, no Conservatório de Moscovo.

O segundo prémio (5 000 dólares) foi atribuído a Svetlana Navasardian, de 30 anos, da Arménia Soviética. Em terceiro e quarto lugares classificaram-se o canadiano André Laplante, de 28 anos, e a norte-americana Mariora Trifan, de 27 anos.



Elisa Lisboa, José Manuel Rosado, Ângela Ribeiro e Fernanda Barreto numa cena de «A Estalajadeira»

"A Estalajadeira" adia estreia para terça-feira

Foi adiada para a próxima terça-feira a estreia da peça «A Estalajadeira», do Grupo Teatro Hoje, que estava inicialmente marcada para hoje.

«A Estalajadeira» é uma peça de Goldini, escrita em 1753, e narra o confronto entre uma nobreza em decadência e uma burguesia mercantil em ascensão.

A encenação do espectáculo é de Carlos Fernando, os cenários e figurinos de Ana Jotta, a montagem de Manuel Ramalho e a iluminação de Mário Tojal e José António. Os intérpretes são Amílcar Botica, Ângela Ribeiro, Carlos Fernando, Elisa Lisboa, Fernanda Barreto, José Amaro, José Manuel Rosado e José Ramond.

A peça inaugurará o Teatro da Graça, na Travessa de S. Vicente, 11, em Lisboa.

"Espaço 1999" regressa à RTP

«Espaço 1999», série filmada que a RTP transmitiu e conquistou telespectadores vai surgir de novo, a partir de hoje, nos pequenos visores. Não se trata, porém, duma reposição, mas sim de uma nova série, composta por uma nova gama de episódios de uma hora — estes mais espectaculares e imaginativos.

Os actores Martin Landau e Barbara Bain continuam nos seus papéis de Comandante Kounig e dr.^a Russel, mas são agora acompanhados por novos artistas, dentro os quais sobressai Catherine Schell (companheira de raro humor de Peter Sellers em «O Regresso da Pantera Cor de Rosa»), que interpreta um dos mais fascinantes papéis desta série; o de uma espantosa jovem do Espaço Exterior, conhecedora dos segredos da transformação molecular e, por isso, capaz de se transformar noutras formas de vida, inclusive a vegetal e mineral. Um outro personagem, a ela ligado, é o de um chefe da segurança, Tony Verdeschi, interpretado por Tony Anhol.

Outros populares personagens da primeira série permanecerão também nesta.

Um novo realizador — Fred Freiberger — encontra-se ao leme destas novas incursões



Tony Anhol é o chefe de segurança da nova série

pelo desconhecido, a par com Gerry Anderson (cuja série animada Thunderbirds teve há alguns anos entre nós um extraordinário êxito). Freiberger assevera que a nova conceptualização presente em Espaço 1999/2.ª série atingiu um nível que se situa muito francamente para além de qualquer outra realização até agora empreendida no campo da ficção científica filmada, o que, aliás, se mostrará tanto mais convincente, quanto a situação de base de Espaço 1999/2.ª série não sofreu modificação; a Lua, devastada por uma explosão atómica, continua a ser mergulho através das galáxias penetrando em territórios espaciais desconhecidos da espécie humana.

VII Bienal do Cartaz em Varsóvia

Realiza-se em 1978, em Varsóvia, a VII Bienal Internacional do Cartaz, meio de comunicação gráfico especialmente estimulado na Polónia, onde tem atingido invulgar nível artístico.

Podem concorrer autores de todos os países, cada um deles com três cartazes produzidos durante o período de 1975-77 e classificáveis num dos seguintes quatro grupos:

Grupo I — O legado cultural e a civilização contemporânea;

Cinema de animação terá festival em Espinho

Realizar-se-á em Espinho, entre 23 e 27 de Novembro, o 1.º Festival Internacional de Cinema de Animação — Cinanima 77, organizado pela Nascença — Cooperativa de Acção Cultural, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, Secretária de Estado da Cultura, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e Comissão Municipal de Turismo de Espinho. Tem como objectivo mostrar o mais vasto leque possível da produção mundial do cinema de animação e favorecer a difusão desta arte.

O Festival compreenderá uma secção competitiva internacional, uma mostra internacional não competitiva e um panorama da produção portuguesa do cinema animado amador.

Estarão em disputa os seguintes prémios:

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ menos de 3 minutos.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ menos de 3 minutos.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme c/ mais de 25 min.

melhor filme de publicidade e de informação c/ interesse público.

«Golfinhos» de prata para o primeiro filme de um estudante.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme destinado à juventude.

«Golfinhos» de prata para o melhor filme didáctico.

Entre os concorrentes amadores será seleccionado o melhor autor, a quem se assegurará a produção de um filme de cinema animado até ao montante de 10.000\$00.

Os filmes devem ser inscritos através do boletim oficial de inscrição, à disposição dos interessados quando solicitados.

Eventuais esclarecimentos, resultantes de quaisquer dúvidas, serão concedidos pela Comissão Organizadora do CINANIMA 77. Apartado 43 — Espinho.

Os dez discos

"Top"

em Nova Iorque

NOVA YORK, 5 (ANOP) Segundo a Cash Box, é a seguinte a posição dos dez discos «single» de música «pop» nos Estados Unidos:

1.º — «I just want to be your everything» — Andy Gibb; 2.º — «Undercover Angel» — Alan O'Day; 3.º — «Best of my love» — Emotions; 4.º — «What cha gonna do?» — Pablo Cruise; 5.º — «My heart belongs to me» — Barbra Streisand; 6.º — «Higher and higher» — Rita Coolidge; 7.º — «I'm in you» — Peter Frampton; 8.º — «Easy» — Commodores; 9.º — «You made believe in magic» — Bay City Rollers; 10.º — «Da doo ron ron» — Shaun Cassidy.



Alemanha dos anos 30: o luxo de alguns, a miséria de muitos. Pouco depois chegava o protagonista da farsa trágica — Hitler

NO TEATRO DO BAIRRO ALTO

Casimiro e Carolina todo o mês de Agosto

Registando um êxito invulgar dada a época do ano em que estreou, o Teatro da Cornucópia continua a exhibir a comédia popular Casimiro e Carolina, de Odon Von Horvath, que vai permanecer em cena durante todo o mês de Agosto.

Casimiro e Carolina é uma comédia que se desenrola numa feira popular e que fala dos «pequenos nada da gente de terceira classe», e do amor na perturbada sociedade alemã de 1930, quando a depressão económica e a crise geral facilitou a subida do nazismo.

A peça é traduzida por Maria Adélia Silva Melo e encenada por Luís Miguel Cintra; a música é de Paulo Brandão, e a interpretação de Augusto Figueiredo, Zita Duarte, Maria Emilia Correia, Orlando Costa, Gicinia Quartim, Márcia Breia, Rogério Vieira, Gilberto

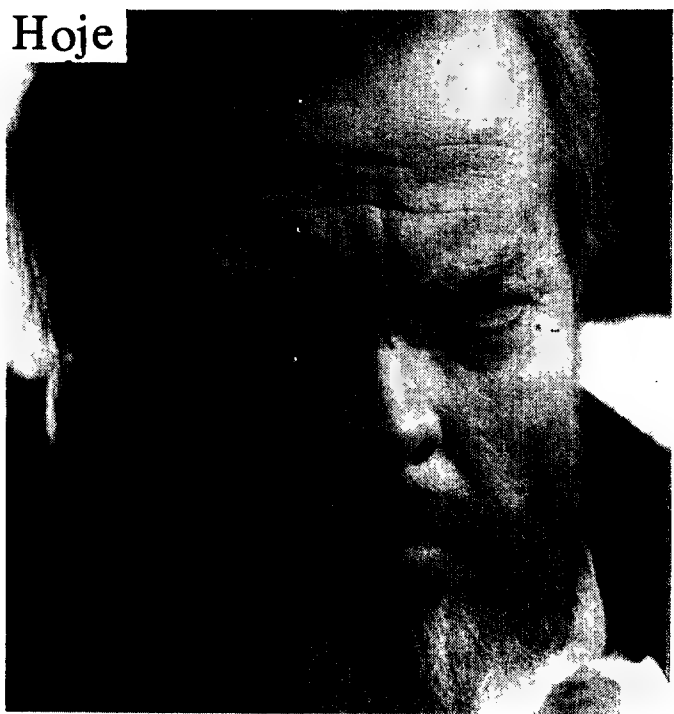
Gonçalves, Luís Lima Barreto, Isabel Machado, Jorge Nascimento, Luis Miguel Cintra, Raquel Maria, Mariana, Carlos Nery, Vitor Lopes, Fátima Madeira e José Jorge.

A crítica escolheu o espectáculo entusiasticamente: «Um dos melhores espectáculos até hoje feitos em Portugal» (Fernando Midões, *Diário Popular*), «deve ser um dos mais belos espectáculos europeus do ano» (Carlos Porto, *Diário de Lisboa*); «um dos melhores espectáculos deste nosso tempo» (Maria Helena Dá Mesquita, *A Capital*), «um grande espectáculo» (Expresso).

Entretanto, o Teatro da Cornucópia prepara-se para exhibir todas as quartas-feiras, às 16 horas e domingos às 11 e 30, no Teatro Aberto, o seu espectáculo para crianças As Músicas, de Catherine Dasté.

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Hoje



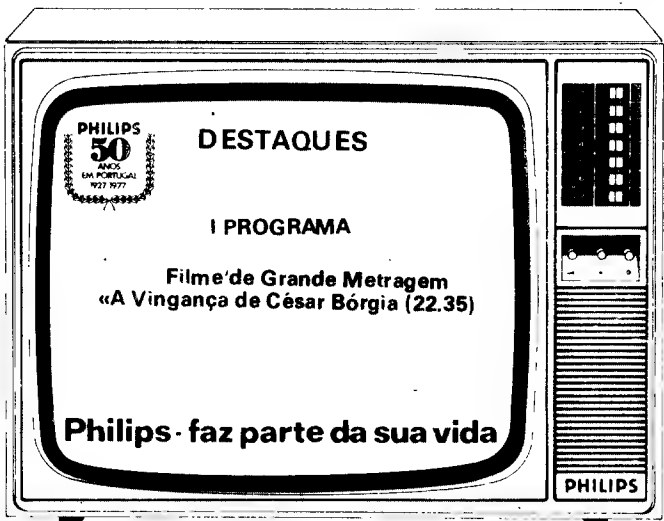
Orson Welles personagem do filme «A Vingança de César Borgia»

PROGRAMA

- 14.00 Abertura
- 14.02 Telejornal — 1.ª edição
- 14.15 Ida e Volta — Um programa de transportes, da autoria de José Megre. Inclui cinco minutos com Filipe Nogueira.
- 14.45 O Povo e a Música — Rancho Folclórico de Apúlia.
- 15.20 Melchiores — 12.º Episódio: «A Cicatriz».
- 15.45 Animação — «Como a vida apareceu na Terra».
- 16.20 Waltons — Episódio filmado com Richard Thomas, Ralph Waite e Will Geer. Realização de Harry Harris.
- 17.10 Telejornal — 2.ª edição.
- 17.15 Eurovisão — Jogos Sem Fronteiras.
- 18.35 Magazine
- 19.30 Espaço 1999 — 1.º episódio: «Metamorfoses»
- 20.30 Telejornal — 3.ª edição.
- 21.05 Boletim Meteorológico
- 21.10 A Feira
- 22.20 Telejornal — 4.ª edição.
- 22.35 Sábado Especial — «A Vingança de César Borgia»
- 00.20 Fecho

TUDOR

BATERIAS · PILHAS



Amanhã

Programa

12.30: Abertura. 12.32: Missa. 13.15: Os Rapazes do 47-A. 13.40: Desenhos Animados. 14.00: Telejornal — 1.ª edição. 14.15: TV Rural — Um programa apresentado pelo eng.º Sousa Veloso. 14.45: Lúcia e os Milagres (Lucie e Zazrak). 16.00: Bota de 7 Lésuas. 16.45: Policarpo e os Micos. 17.00: Marco (Dos Apeninos aos Andes). 17.30: Telejornal — 2.ª edição. 17.35: Kim e Companhia — Série filmada. 18.45: Grande Encontro. Um programa sobre desporto apresentado por Mário Zambujal. 19.35: Programa Musical da TV. Glovo do Rio de Janeiro com a famosa intérprete da canção brasileira Ellis Regina. 20.30: Telejornal — 3.ª edição. 21.00: Boletim Meteorológico. 21.05: Os Marretas. 21.35: As Origens da Máfia. Série filmada 3.º episódio. 22.30: Telejornal — 4.ª edição. 22.50: Fecho.

SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

Canal da Crítica

MANUEL VINHAS: A TERRA (E OS TOIROS) DE QUE PRECISA UM HOMEM

MÁRIO CASTRIM

Há notícias urgentes. Notícias de viver ou de morrer para todo um povo. Voai, ondas da Rádio e da Televisão, transportai-as ao País de Jesus! lés, informai-o, tranquilizai-o, dizei-lhe que tudo vai bem nos reinos da Cassiopeia e do Dragão!

Assim, no Telejornal das 6 e 30 ficámos todos a saber que a Internacional Socialista ia reunir-se em Tóquio e que Mário Soares estaria lá. O fundo visual da notícia era constituído pela fotografia de um pagode.

Compreende-se, como se trata de um pagode, que certas pessoas não possam falar.

TUDO ISTO EXISTE TUDO ISTO É DROGA

A droga. A droga já grassa em Portugal. Em cada liceu, em cada cidade, que digo eu!, em cada povoação há uma história sobre a droga para se ouvir.

A propósito da droga, o Telejornal foi ouvir o embaixador Carlucci. As palavras, está visto, são como as cerejas: puxa-se uma, vêm logo outras agarradas. E como se realiza em Lisboa um seminário sobre a droga, com a colaboração dos americanos, não se podia deixar de ouvir um especialista do assunto.

O sr. Carlucci opina que o combate à droga não deve conhecer fronteiras porque o abastecimento da droga, tanto nos Estados Unidos como em Portugal, vem de fora.

Pobres dos Estados Unidos, as asas brancas que usa serviriam a qualquer anjo. A verdade é que o tráfico e o incitamento à droga têm atrás de si grandes interesses americanos. Curiosamente, a droga invade de preferência aqueles países que o dólar já invadiu antes...

Sabe que mais, senhor Carlucci? Isto é uma grandecíssima droga...

O CULPADO NO CASO DO URÂNIO

O Telejornal parece uma autêntica sucursal da Televisão americana. O Telejornal é a menina bonita da penetração ideológica ianque. Para os americanos, o Telejornal porta-se bem.

Lá tivemos Frank Carlucci, familiarmente, como se fosse da casa.

Lá tivemos as notícias importantes e impressionantes da peregrinação de Cyrus Vance, herdeiro de Henry Kissinger, por terras arábicas.

Lá tivemos o Carter, isto de um Telejornal que não fale e

não dê a presença de Carter, nem é Telejornal, nem é nada. Não haverá neste negócio de macaquices suborno de amen-dóis?

Lá tivemos o caso do urânio roubado. Quatro toneladas. Imaginem só! suficiente para fabricar doze bombas atómicas! Mas nada de preocupações, está posta completamente de lado a hipótese de roubo. O urânio falta mas tão somente por uma questão de engano nas contabilidades.

Ná. Não vou nessa. Se assim fosse, qual o interesse da notícia? Espera-se que o dr. Mário Soares faça em breve uma declaração sobre o assunto, com a menção do verdadeiro culpado: o capitalismo.

O MAR TRANSPORTA A CIDADE

1 Não peçam a Augusto Cabrita nada que não tenha poesia.

2 Em tudo ele a inventa ou simplesmente a encontra

3 Para nos dar o mar Augusto Cabrita sabe como: dá-nos a respiração das ondas

4 As imagens de Augusto Cabrita são lentas têm o ritmo da natureza das coisas que nunca se apressa

5 A fotografia deve respeitar o material. Uma simples questão de ética do essencial.

6 A madeira: rugosa os veios resduos da resina. nenhum alibi.

7 ferro protegido na tinta ou ferrugento nas âncoras comprometido sempre com as formas efêmeras.

8 Para Augusto Cabrita todos os caminhos

vão dar ao Homem

aprenda-se com os olhos (diz-nos ele) que nada lhe é estranho.

9 Ainda o material: os gestos. A ciência milenária do quotidiano. Dentro de todas as coisas o segredo.

10 «E a mão do homem pairou sobre todas as coisas e disse: aqui estou».

(«Evangelho» segundo Augusto Cabrita)

11 «Os barcos parecem-se com a gente Mansamente chegam partem mansamente.

E olham-nos como se soubessem.

12 «que é o real senão lutar com ele corpo-a-corpo

sem a corrupção da metafísica?

13 Assim, Augusto, assim numa noite de trevas vens

e instauras a promessa ressuscitada.

VINHAS: INFELIZMENTE

Não quis a Televisão portuguesa terminar em beleza com o documentário de Augusto Cabrita «O Mar Transporta a Cidade», exemplo vivo de como o efêmero do utilitário pode permanecer na descoberta das imagens.

Não quis. Preferiu os toiros. Com Sebastião Saraiva. Com Fialho Gouveia, pois claro, tradição é tradição.

...A certa altura vieram à baila os toiros, os toiros propriamente ditos. Alguns dos quais (não todos, devido a acidente de viação) pertenciam à ganadaria de Manuel e Mário Vinhas.

Então foi que, com uma grave solenidade na voz untuosa, Fialho Gouveia se saiu com esta:

Desde 1946 até hoje temos-nos habituado a ver nas principais praças portuguesas touros da ganadaria de Manuel e Mário Vinhas, uma ganadaria que ultimamente tem estado ocupada mas que muito recentemente, há uma semana, quinze dias o máximo, foi devolvida aos seus proprietários. Uma notícia de que infelizmente Manuel Vinhas já não chegou a ter conhecimento, pois entretanto faleceu no Rio de Janeiro, vítima de uma intervenção cirúrgica, como entretanto os órgãos de informação noticiaram.

Ficaram, pela amostra, os

Continua na pág. 14

TEATRO LAURA ALVES

rua da palma

Tel. 864756

UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
COM IRENE ISIDRO BARROSO LOPES MANUELA MARIA LUIZ HORTA CARLOS MIGUEL TEREZA ZILC MARIA JOAO PAULA LIMAO

6.º

MÊS

MAIS DE 58 000 PESSOAS JÁ VIRAM ESTAS CALCINHAS

Todas as noites às 21,30
Matinées: domingos às 16 h.
(a 2ª feira não há espectáculo)

AS 20.30 e 22.45
MATINÉE NO DOMINGO
FOLGA NA SEGUNDA-FEIRA
ADÓQUE
Grupo de teatro

UM
EXITO
INVULGAR
DA POPULAR
REVISTA

**Ó CALINAS
CALA
A BOCA!**



UMA REVISTA DE RISO ABERTO

SENSACIONAIS CRIAÇÕES DE

ERMELINDA DUARTE

HENRIQUE VIANA * MAGDA NICHOLSON * MARIA TAVARES

E DE TODO O GRUPO ADÓQUE

MÚSICA * ALEGRIA * CRÍTICA * RISO

NÃO ACONSELHÁVEL A MENOS DE 18 ANOS

Autos no Estoril

Automobilismo no Autódromo do Estoril: amanhã, disputa-se a 6.ª prova pontuável para o Campeonato Nacional e de «Promoção de Velocidade», assim como a 4.ª do «Troféu de Fórmula Livre». Juntamente com estas provas automobilísticas, e a exemplo do que aconteceu há 15 dias vai efectuar-se, também, uma prova destinada a automóveis antigos.

Segundo o estipulado pelo programa do «Circuito de Verão», os treinos cronometrados realizar-se-ão a partir das 13 horas, começando a corrida dos Grupos 6 e 8, às 16 horas. A segunda corrida da tarde terá início às 16 e 45 e é destinada aos Grupos 1 até 1300 cc, sendo seguida, às 17 e 30, pelos automóveis de Grupo 1, superiores a 1300 cc. Às 18 e 15 desenrolar-se-á a mais emotiva prova da tarde: reservada aos antigos automóveis Agrupamento B (Grupos 2/3/4/5), assistindo-se de imediato ao recordar da «belle époque», com as viaturas antigas, onde se terá a oportunidade de observar novamente a partida «estilo Le Mans», tão caracterizada e popular.

Como vão as coisas

BASQUETEBOL NA FIGUEIRA DA FOZ

Na Figueira da Foz, iniciou-se a disputa do «Torneio Internacional de Basquetebol». No jogo da noite, o Canadá bateu Portugal (91-55), alinhando as turmas do modo que indicamos:

PORTUGAL: — Parente (10); Aniceto (3), Singue (7), Leiria (6), Jorge Ramos, José Luís (15), Monoa, Marques, Santiago (14), e Quintela. **CANADÁ:** — Jurunliane (6), Riley (8), Ryane (10), Skerlak (5) Bishop (6), Allison (8), Visser (6) Russell (8), Volt (16), Quackenbush (2), Hansen (14) e Bell (2). Assinalam-se os pontos logrados por cada jogador.

Hoje (22 horas) compete o Ginásio Figueirense com a selecção nacional. Amanhã, à mesma hora, os figueirenses (campeões de Portugal) actuam frente aos canadianos.

CONGRESSO PARA ELEIÇÃO

O ténis de mesa em hora eleitoral. Na Casa do Campino (Santarém) vai processar-se, este fim-de-semana, um duplo congresso da modalidade. Ponto mais alto: a eleição da nova gerência federativa, que deve ter no comando Mário Patrício.

NACIONAIS DE NATAÇÃO

Coimbra vai ser, de hoje até terça-feira, a sede da natação portuguesa: 500 nadadores vão competir pelos títulos de campeões nacionais, por medalhas de ouro, prata e bronze, além (muito logicamente) pelos aplausos dos que emoldurarem as bancadas da piscina olímpica da Lusa Atenas.

TÉNIS DE 1.ª

Nos encontros de ontem para o Campeonato Nacional de Ténis de 1.ª categoria (singulares-homens) que se efectua no Clube de Ténis do Estoril verificaram-se os seguintes resultados: Arsenio Marta, Alfredo Vaz Pinto, 5-7, 6-4, 6-2 e 6-4; João Lagos, Manuel de Sousa, 6-2, 7-6 e 6-3; Luis Cruz, Luis Filipe, 6-4, 6-4 e 6-4; José Vilela, José Cordeiro 5-7, 6-2, 6-0 e 6-1.

«VOLTA» APRESENTA-SE

Os patrocinadores publicitários da 39.ª Volta a Portugal em bicicleta, aquilo que (afinal) permite sair para a estrada a

Continua na pág. 14



Estoril Praia no Guincho, sob o comando de José Torres. O novo presidente da colectividade (Jorge Dias) vem da África do Sul, depois de contratar em Joanesburgo um dianteiro chamado Kongo. Para o «team» da Amoreira, algumas novidades: o regresso de Abrantes (que estava emprestado ao Sintrense), o contrato do moçambicano Wilson (primo do benfiquista Mário Wilson), o retorno de Eloi e Paris (que alinhavam no Alba) e a promoção dos juniores Santinho e Fernando Teixeira, além do prosseguimento de Óscar e Cepeda, que não concretizaram transferências para o estrangeiro



Portimonense (dirigido por José Augusto) treina no Jamor. Novos reforços dos algarvios: Diamantino, Sardinheiro e Nelson (Benfica), Arnaldo (Marítimo), Soares (Olivense), Avelino (Vasco da Gama de Sines), Vicente (Oriental), João Cardoso (Vitória de Setúbal), César (Esperança de Lagos), Helder (Torralta) e Manuel Fernandes (Estoril), para as vagas deixadas por Silva Morais, Lapa, Matine, Adolfo, Helder, Hilton, Seidi, João Paulo, Airton e Lucas

Futebol pede passagem

VISEU ESCOLHE A GUARDA

De ontem até 14 do corrente, o Clube Académico de Futebol, de Viseu (treinado por José Moniz) mantém os seus jogadores de futebol em concentração na cidade da Guarda. No dia 12 (20 horas) um jantar-convívio com representantes dos órgãos de Comunicação Social servirá para apresentação do «plantel» que vai bater-se para manter o prestígio do emblema visense.

UNIÃO DE COIMBRA JÁ TREINA

Com o seu «onze» futebolístico entregue ao cabo-verdiano Djunga, o União de Coimbra começou a fase de treinos.

COELHO FORA DA TOCA

Parece estar a criar-se um contencioso entre o defesa Coelho e o Atlético: o jogador, alegando falta de pagamento de vencimentos, resolveu mudar-se para o Sporting de Espinho, embora o seu contrato com o emblema da Tapadinha

tivesse validade por mais uma época.

LEIRIA QUER MAIS SÓCIOS

O União de Leiria prossegue na campanha para atingir 5000 sócios. A turma de futebol (orientada pelo espanhol Miguel Bertral) é chamarriz, especialmente após ter ganho alguns reforços: Vítor Manuel (ex-«internacional» esperança, do Marinhense), Araújo (vindo do Académico de Coimbra) e Cavaleiro (que comandava o ataque do Académico de Viseu).

SETÚBAL AO TRABALHO

Os clubes completam os «napias»: Jorge (ex-Barreirense), José Mendes, Palhares e Libânio (idos do Sporting), Rachão (que jogava no Académico de Coimbra), Madeira (ex-Vasco da Gama, de Sines), Delfim (antigo Peniche) e os juniores Gamboa e Francisco Silva, trabalham no Vitória de Setúbal.

Pedalada no Norte

Correram-se, ontem, mais duas etapas do «I Grande Prémio do Porto», promovido pela Associação portuense de ciclismo.

ETAPA, Porto-Sualhães (62 km) — 1.º Venceslau Fernandes FCP, 1h 57 m 37 s; 2.º José Sousa Santos, Bombarralense (1.57,51); 3.º António Alves, FCP m.t. Média 31,628 km.

Ligação Marco de Canavezes-Tibaldinho (118 km) — 1.º João Marta, Bombarralense 3h 55 m 32 s; 2.º Venceslau Fernandes FCP, m.t.; 3.º João Costa, Bombarralense m.t. Média: 30,059 km.

Classificação Geral Individual: — 1.º António Alves, FCP, 9 h 32 m 20 s; 2.º José Sousa Santos, Bombarral m.t.; 3.º Venceslau Fernandes F.C.P. 9,32,34; 4.º João Costa,

Bombarralense, 9,32,38; 5.º Joaquim Sousa Santos, Bombarral, 9,32,59. Estão em prova 28 corredores. Equipas: — 1.º Bombarralense, 28 h 37 m 57 s; 2.º F.C. Porto 28,38,39; 3.º Lousa, 28,42,21; 4.º Coimbrões 29,29,00; 5.º Fascar 29,44,27.

Montanha — 1.º Venceslau Fernandes FCP 20 pontos, Por pontos — 1.º Venceslau Fernandes, FCP 22 pontos, Metas Volantes — 1.º António Alves FCP, 7 pontos.

Houve 9 desistentes na etapa da tarde, António Valente, António Castro, Flávio Henrique, António Brás, Joaquim Silva, Carlos Conceição, Vasco Belizário, Páris Silva e Manuel Gomes. Hoje corre-se a tirada Mangualde-Feira, do C6 (Paços de Ferreira) com 170 km.

A DGD esclarece uma notícia

Por lamentável lapso, derivado do responsável pela secção desportiva do «D.L.» se encontrar em período de férias, andou perdido o ofício n.º 59/77 da Direcção-Geral da Educação Física e Desportos, que a seguir publicamos, na íntegra, com as desculpas pelo involuntário atraso:

Exmo. Senhor Director

«Em 21 de Junho/77 publicou o jornal de V. Exa. o nosso comunicado n.º 74/77, de 15 de Junho/77, referente ao VI Congresso Internacional de Informação Desportiva, tendo-lhe sido atribuído o seguinte título: «Jornalistas ficaram de fora».

«Debatida por membros da DGD a «Informação Desportiva», que dá ideia de que deveria ter havido participação de jornalistas.

Para além deste facto, a notícia contém ainda uma falha de 1 linha e uma «gralha», que poderão contribuir para uma informação menos correcta.

Na realidade:

— O referido Congresso abordou matérias de documentação e de informação técnico-científico do âmbito próprio de especialistas de Centros de Documentação e Informação, não se tendo debruçado sobre assuntos normalmente dentro do âmbito dos órgãos de comunicação (informação desportiva).

— O Congresso foi promovido e organizado pela Associação Internacional de Informação Desportiva (IASI), organismo do Conselho Internacional de Educação Física (UNESCO).

— O Centro de Documentação e Informação da DGD continua a fazer parte do IASI.

«Com a finalidade de uma melhor elucidação dos leitores, solicito a V. Exa. a publicação deste esclarecimento ao abrigo da Lei de Imprensa.

«Com os melhores cumprimentos.

(Rodolfo António Cabrita Bace-lar Begonha)

Pinheiro de Loures contesta castigo

O Sporting Clube Pinheiro de Loures, filiado n.º 122 do Sporting, está francamente aborrecido com o comportamento da Associação de Ciclismo do Sul, que, no entender da colectividade, faz justiça de maneira muito especial, castigando sem um simples inquérito um dirigente do Pinheiro de Loures.

Em torno de um incidente ocorrido em S. João das Lampas, nasceu o imbróglio que a Associação ciclista sintetizou no ofício que remeteu para Loures e onde pode ler-se:

«Por ocorrência grave no que é reincidente, em S. João das Lampas — Prova «Hóquei Clube de Sintra» (injúrias graves na pessoa do presidente da Associação de Ciclismo do Sul), fica suspenso de toda a actividade desportiva a partir de 26 de Julho de 1977 e pelo prazo de um ano, o senhor Manuel João Tiago, ao abrigo do n.º 35 da Tabela de Penalidades do RGTC.»

Ao castigo aplicado pela ACS, o Pinheiro de Loures respondeu assim:

«Aclamamos a recepção da v/carta de 27-7-77 ref.º n.º 336/77 e sentimos informar que com a qual não concordamos. Em primeiro lugar, o n.º director desportivo, sr. Manuel João Tiago, nunca tinha sido castigado, portanto não é reincidente. Aclamamos também que, antes de ser castigado, devia de ser ouvido pela Direcção dessa Associação, o que não aconteceu.

«Tem esta o fim de contestar a punição aplicada ao n.º director desportivo pedindo a abertura de um inquérito. Pois ao abrigo da Constituição da Re-

pública Portuguesa, todo o cidadão antes de ser castigado tem o direito de se defender.

«O n.º director desportivo tomou esta atitude, depois do presidente da Associação de Ciclismo do Sul dizer em público que o Pinheiro de Loures, não fazia falta, e que só tinha ciclistas para disputar o 7.º e 8.º lugares, o que achamos rebaixar os nossos atletas 100 por cento amadores e o nosso clube.

«Aclamamos não poder ser castigado ao abrigo do n.º 35 da Tabela de Penalidades, pois o referido presidente da Associação na Prova Hóquei Clube de Sintra não fazia parte de nenhum cargo oficial.

Lembramos também a Direcção da Associação que, pela primeira vez que seja castigado por este artigo, a pena é de seis meses e não de um ano.»

Hóquei em efervescência

Enquanto os italianos do Monza contratam António Gomes da Costa (Infante de Sagres), pretendendo ainda Picas (Salesiana) e o treinador Correia de Brito, a Federação mostra mão dura, tornando pública a seguinte lista de castigos: 12 jogos de suspensão a Jorge Chalupa (Física de Torres); 8 jogos a Cristiano Pereira (F. C. Porto) e Mário Sampaio Viveiros (júnior da Salesiana); 4 jogos a Luis Manuel Brandão Lopes (Carvalhos); 2 jogos a José Almeida (Física de Torres); Interdição do Pavilhão das Antas, por dois jogos, devido a desacatos, no jogo com o Carvalhos, que

De facto (mesmo para quem estiver por fora dos factos) há aqui qualquer coisa que não soa bem. O dirigente Manuel João Tiago nunca sofreu qualquer castigo desportivo: logo, não pode ser «reincidente».

Foi castigado sem ter deposto a respeito do seu comportamento: o que, pelo menos, contraria frontalmente o conceito de democracia. Não houve inquérito nem processo disciplinar aos acontecimentos que originaram o diferendo: portanto, não podem ser extraídas conclusões, por muito apressadamente que se queira vingar qualquer afronta. Sintetizando: a Associação de Ciclismo do Sul foi precipitada e, agora, só lhe resta emendar a mão, pedir desculpa dos seus juízos antecipados e nomear um inquiridor idóneo para ouvir as partes em confronto.

O traço de Pargana



Artur: afinal, sempre havia qualquer coisa com o Sporting. Pelo menos um contrato que vai dar mais de 100 contos mensais...

Esta vida é uma festa

A menos que surja um pé atrás, colocado por alguém com poderes nesta terra, o aumento de divisões em que está escalonado o futebol português será uma dura e triste realidade. A ampliação do bloco de concorrentes para 20 emblemas, no grupo superior, implica a recuperação de poiso pelos quatro clubes que, em campo e em duelo desportivo, tinham sido despromovidos, pela força de deficientes resultados, alinhados ao longo de toda uma época em que raramente puderam ombrear com os seus pares.

O Porto (impulsorado pelas quedas faciais do Leixões, do Paredes, do Salgueiros, do Tirsense, do Vilanovense e do Leça), apareceu, generosa e abnegadamente, o mais desinteressadamente que se pode imaginar, a levantar a luva, pronto arrastando outras Associações que também sentiam na pele as agruras de despromoções: Aveiro, Braga, Leiria, Santarém, Viseu, Évora e Setúbal. Logo, num máximo absoluto de 377 vo-

tos, os contestatários à lei e à legalidade da regulamentação em vigor já bateram qualquer oposição: têm 220 votos ao dispor, andam todos ufanos, conseguiram calcar a pés juntos a luta esforçada dos que conquistaram, entre as quatro linhas de jogo, o direito a continuarem de cabeça erguida.

Não vale a pena emitir aqui mais um protesto, veemente e firme, contra a autêntica «cowboyada» que assola os bastidores do futebol: o jogo do pontapé na bola está na linha directa, em pleno acordo, com muito do que diariamente acontece por esse Portugal fora. Cada manhã há uma surpresa. A cada hora, um sobresalto. Mudam-se os minutos, alteram-se as vontades. E a casca de noz lá vai vogando, como as garrafas vazias que são (realmente) o melhor símbolo deste País: e andam por esses mares fora, com cartão de visita de Portugal curiosamente o segundo país mundial um consumo de vinho.

NEVES DE SOUSA

Oeiras marcha atleticamente

Pode escrever-se: foi um êxito o «Il Grande Prémio de Marcha Atlética do Sport Lisboa e Benfica», não apenas devido ao entusiasmo colocado na competição por todos os participantes, mas, em medida decisiva, pelo nível das representações clubistas, com muito especial preponderância para a turma da Associação Desportiva de Oeiras, a mais numerosa e a que melhores frutos recolheu, embora haja (por justiça) que destacar-se, igualmente, o apurmo das formações dos Olivais (Norte e Sul), Santa Iria de Azoia, Estoril e Benfca.

Mas houve unanimidade no aplauso à equipa de Oeiras (treinada graciosa e devotadamente por Albino Silva), pois os tempos realizados pelos atletas oeirenses à compita com atletas ostentando vários títulos nacionais da especialidade (dentro dos diferentes escalões etários) foram de bom prenúncio e de correcta análise do meritório trabalho já realizado pela secção de Atletismo da ADO.

Curioso foi (também) o facto da adequada escolha dos prémios ter recaído em livros, sabonetes, pastas dentífricas, «shampoos»: o lado didáctico, de braço dado com a higiene, para não aliciar a juventude com medalhas ou taças, mas, muito especialmente, encaminhá-la para a cultura do espírito e do corpo.

O Benfca ofereceu a sua «lista de tartan» a todos os concorrentes: alguns (certamente) irão aproveitar a camaradagem «encarnada». Mas, até lá, vão recordar a classificação, que ficou assim ordenada, para que conste aos vindouros:

800 metros para rapazes até 9 anos: 1.º Jorge Costa, (ADO) 4,47; 2.º Nuno Miguel Machado, (ADO) 4,54; 3.º João Gentil, (SLB) 4,56; 4.º Paulo Lopes, (SLB) 5,09; 5.º Rui Jorge, (ADO) 5,21; 6.º Bernardo, (ADO) 5,26; 7.º Carlos Neves de Sousa, (ADO) 5,38.

1600 metros para rapazes até 13 anos: 1.º Ramiro Fernan-

des, (SLB) 8,48 (Camp. Nacional); 2.º Pedro Fernando Machado (ADO) 8,58; 3.º Paulo Jorge Machado (ADO) 9,00; 4.º Nuno Costa (SLB) 9,03 (vice-camp. nac.); 5.º António Jerónimo (SLB) 9,03; 6.º Mário Santos, (SLB) 9,03; 7.º António Lopes, (Olivais) 9,08; 8.º José Borges, (ADO) 9,15; 9.º Manuel Oliveira, (Olivais) 9,23; 10.º Carlos Silvestre, (ADO) 9,33.

3200 metros para rapazes até 15 anos: 1.º João Carvalho, (SLB) 18,20; 2.º Fernando Manuel, (ADO) 18,42; 3.º Pedro Santos, (SLB) 19,01; 4.º João Ventosa, (ADO) 23,13.

4800 metros para rapazes até 17 anos: 1.º Luís Correia, (SLB) 26,43; 2.º João Lima, (SLB) 27,07; 3.º Vasco Santos, (SLB) 29,25; 4.º Fernando Costa, (Olivais) 29,38; 5.º Rui Frias, (SLB) 29,49; 6.º Emílio Leite, (Olivais) 30,09; 7.º Carlos Alberto Ramalho, (ADO) 35,01.

8000 metros para rapazes a partir dos 17 anos: 1.º José Tavares, (Santa Iria) 46,37; 2.º Luís Dias, (SLB) 47,49; 3.º Carlos Faustino, (ADO) 51,03.

8000 metros para veteranos: 1.º Albino Silva, (ADO) 55,16; 2.º José Elias, (Veteranos) 55,18.

800 metros para raparigas até 9 anos: 1.º Maria Fernanda Teixeira, 5,17; 2.º Elizabeth Neves de Sousa, 5,29; 3.º Maria João Neves de Sousa, 5,43; 4.º Paula Ramalho, 5,45; 5.º Anabela Leiria, 5,45; 6.º Anabela Aires, 5,50. Todas as concorrentes eram da ADO.

1600 metros para raparigas até 13 anos: 1.º Carla Martins, 10,06; 2.º Ana Paula Machado, 10,15; 3.º Cristina Machado, 10,22; 4.º Paula Martins, 10,26; 5.º Maria José Neves de Sousa, 11,03; 6.º Susana Teixeira, 11,26; 7.º Paula Santaclara, 11,33; 8.º Fátima de Sousa, 11,33. Todas as meninas representavam a ADO.

2400 metros para raparigas com mais de 14 anos: 1.ª Antónia Portal (ADO) 16,55; 2.ª Maria Trindade, (Estoril) 17,13; 3.ª Ida Maria, (ADO) 18,10.



Atletismo em alta competição

Hoje e amanhã no Estádio Nacional, processa-se o campeonato nacional de equipas de Atletismo (1ª divisão), no culminar de uma temporada que tem tido bastos motivos de interesse, muito embora as lesões de Carlos Lopes e Aniceto Simões, lado a lado com a ausência de Anacleto Pinto (difícil de entender num praticante com óptimas condições naturais para a prática desportiva) sejam impeditivas de algumas marcas que poderiam ser sensacionais.

Estão em prova as tumbas femininas do Sporting, Benfca e Foz, enquanto o naipe masculino inclui as formações do FC Porto, Sporting e Benfca. Programa para hoje, a partir das 17 horas: vara, martelo, 110 m. barreiras, comprimento (m.), altura e peso (f), 100 m. (m), 400 m. (m), 100 m. barreiras (f), disco (m), 100 m. (f), 400 m. (f), 1500 m. (m), 1500 m. (f), dardo (f), 4x100 m. (m), 4x100 m. (f) e 5000 m. (m), com uma corrida extra de 300 metros para iniciadas femininas. Amanhã, também com início às 17 horas: 400 m. barreiras (m) triplo e altura (m), disco (f), peso (m), 400 m. barreiras (f), 200 m. (m), 200 m. (f), 800 m. (m), 800 m. (f), 3000 m. obstáculos (m), dardo (m), comprimento (f), 3000 m. (f), 4x400 m. (m), 4x400 m. (f), e 10000 m. (m).

No Estádio «Universidade Laboral Feminina», de Saragoça (Espanha) vai decorrer, a 13 do corrente, um «triangular» de Atletismo em que estarão presentes raparigas de Portugal da Grécia e de Espanha. Assistida tecnicamente pelos professores Mário Moniz Pereira e Fernando Mota, a selecção portuguesa apresenta-se assim constituída:

100 metros: Vera Lisa (Benfca) e Maria João Lopes (Sporting), 200 m.; Vera Lisa (Benfca), e Maria João Lopes (Sporting); 400 m.; Conceição Moura (Santa Clara) e Zaida Camalhão (Vitória de Setúbal); 800 m.; Glória Marques (Estoril) e Rita Borralho (Benfca); 1500 m.; Rosa Mota (Foz) e Isolina Pinhal (C. A. Porto); 3000 m.; Aurora Cunha (Ronfe) e Conceição Pereira (Olivais Sul); 100 m. barreiras: Nora Araújo (Benfca) e Lurdes Macedo (Benfca); 400 m.; barreiras: Ana Cardoso (C. A. Porto) e Ana Paula Mota (Foz); altura: Cristina Abreu (Vitória de Setúbal) e Maria José Sobral (Belenenses); comprimento: Elisa Santos (F. C. Porto) e Nora Araújo (Benfca); peso: Adília Silvério, «capitã» (Sporting) e Esmeralda Mota (Belenenses); disco: Adília Silvério (Sporting) e Ana Paula Soler (Belenenses); dardo: Fátima Pinto (Leixões) e Maria Manuel Ferreira (Foz); 4x100 m.: Vera Lisa (Benfca), Maria João Lopes (Sporting), Nora Araújo (Benfca) e Cristina Lourenço (Belenenses); 4x400 m.; Conceição Moura (Santa Clara), Ana Paula Mota (Foz), Ana Cardoso (C. A. Porto) e Zaida Camalhão (Vitória de Setúbal).

portugueses a saber: Como e a favor de quem se restabelece a «ordem» e a «justiça» nos campos de Portugal. Ficaram todos os portugueses a saber: aquilo que os responsáveis lhes escondem ou enrolam em lindas palavras: Manuel Vinhas

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava geralmente limpo. O vento era fraco excepto na faixa costeira a Sul do Rio Mondego, onde era moderado de Noroeste e havia neblina nalguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 33,0.º
MONTALEGRE
Mínima 9,0.º

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento fraco, temporariamente moderado de Noroeste no litoral oeste e neblina matinal na faixa costeira a Norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H
PORTO 14.º
PENHAS DOURADAS 20.º
COIMBRA 16.º
PORTALEGRE 25.º
LISBOA 20.º
SAGRES 19.º
FARO 26.º
FUNCHAL 21.º
VIANA 18.º
BRAGANÇA 22.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
0.38 3,3 m 6.11 1,6 m
13.01 3,5 m 18.44 1,4 m
Dia 7
5.42 3,9 m 11.19 1,0 m
17.59 3,9 m 23.45 1,0 m
Dia 8
9.53 3,2 3.02 1,9 m
22.29 3,1 m 15.49 1,9 m

AMANHÃ
NASCER AS 5.43
OCASO AS 20.41
DIA 6 DIA 14 DIA 22 DIA 28

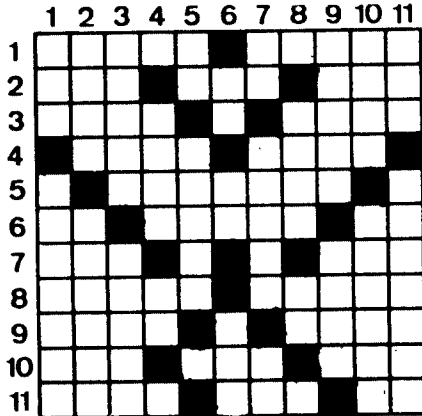
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA Nº 11809

HORIZONTAIS:

- Exército Vila e sede de concelho (Lisboa)
- Suspiros. Transpira Cidade da Alemanha.
- Disse mal (fig) lavar
- Senhoras. Ilha do mar Egeu, uma das Espórades.
- Abanara
- Concede Rezara. Rio de Itália.
- Falda. Ente.
- Tira estreita. Costumara.
- Fito. Fragância.
- Rio de Portugal. Figura que simboliza o povo americano Fileira.
- Apel! Passado. Artigo definido



VERTICAIS:

- Bigorna de ourives. Golpe de adaga.
- Esteiros. Sacudir.
- Gênero de moluscos acéfalos, comestíveis. Ribeira de Portugal
- Personagem do «Otelo» de Shakespeare. Preposição e artigo definido
- Carta de jogar Habitante da Síria.
- Artigo indefinido Basta. Vai para fora
- Miriare. Rostos. Muito Digno
- Artigo definido Encoteriza. O sono das crianças.
- Divertimento (Bras) Carimbado
- Cidade de França. Camarinha de orvalho.
- Prefixo que designa ar. Enrubescera.

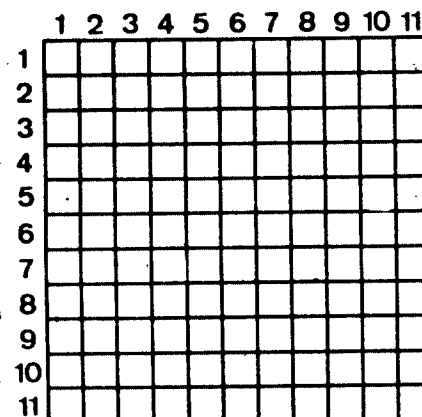
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA Nº 7870

HORIZONTAIS:

- Teime. Lombriça.
- Dais mios. Instrumentos para atrair setas.
- Crómio (s.q) Césio (s.q) Pronome pessoal. Em a.
- Antiga moeda de prata. Cachoeira do rio Negro, no estado do Amazonas.
- Saudáveis. Pronome pessoal.
- Fluido aeriforme. Ruim Nome de mulher
- Vasilha com asas. Operário salineiro que conduz a água para os viveiros.
- Pronome reflexo. Moderato.
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Niquel (s.q) Abreviatura que se usa em música. Quinto filho de Jacob.
- Prenderíamos
- Descerras. Tremor de terra.



VERTICAIS:

- Dois mil e duzentos em romano. Da Galiza.
- Elegantes.
- Batráquio. Níveis. Brisa.
- Férteis. Defesa do elefante e de vários outros animais.
- Catafalco. Ruim. Seguras.
- Bário (s.q)
- Explore. Cidade da antiga Caldeia. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- Imperatriz de Bizâncio, morta em 803, no exílio. Sustentada com estacas, ou ligada a estas as vidéas.
- Duzentos em romano. Abreio. Manuscrito
- Casto. Dávida
- Guarnecei de asas. Destruo

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 11808

HORIZONTAIS:

- A. RAZÃO. Mar.
- Suino. Uleda.
- Nico. Idos.
- Ivo. Ask. Ora.
- Lo. ED. NS.
- Sem. Aba.
- Cas.
- Atina. Argem.
- Fito. Late.
- Arena. Macei.
- Rasar. Amora.

VERTICAIS:

- Ansil. Safar.
- Uivos. TIRA.
- Rico. Elites.
- Ano. Em. Nona.
- Zo. AD. Ca. Ar.
- Ps. Ba. O.
- Ou. Sa. Ma.
- Li. Na. Riam.
- MEDO. Bagaço.
- Adorna. Éter.
- Rasa. Ameia.

PROVÉRBO: Arazão tira o medo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 7869

HORIZONTAIS:

- Taper. Saram.
- Relva. Odai.
- Or. Ra.
- Veias. Poder.
- Aal. Oca. Sa.
- Oriarlas.
- Mat. Rs. As.
- Etal. Meca.
- Dó. Imacara.
- Alugados. Ma
- Só. Ar. Sás.

VERTICAIS:

- Trova. Medas.
- Aérea. Atolo.
- Pl. Iliota.
- Avia. Liga.
- Ra. Sola. Mar.
- Ca. Mad.
- Só. Parécas.
- Adro. Iscas.
- Riad. Ar.
- Ha. Essa. Ama.
- Miara. Sa. As.

Andebol emenda a mão

O Conselho Jurisdicional da Associação de Andebol de Lisboa merece uma palavra de aplauso: tendo laborado num erro, não hesitou em rever a sua posição e, depois, aparecer publicamente a denunciar a falha própria.

Foi o caso que Fernando António Lucas Tavares, treinador da turma do Caramão, era acusado de ter agredido a pontapé o árbitro Costa Vaz, no decorrer de um encontro disputado a 11 de Novembro de 1976, no pavilhão de Paço de Arcos. Então, foi organizado um proces-

so de inquérito que conduziu à aplicação da pena de irradiação ao técnico.

Não se conformando com a sanção que lhe foi aplicada, Fernando Tavares recorreu da decisão, alegando que não recebera qualquer nota de culpa e, assim, não tinha asseguradas as normais garantias de defesa e, para além disso, o «facto punível era inexistente», requerendo-se portanto a anulação da irradiação desportiva.

Dois membros do Conselho Jurisdicional da AAL (drs. Hercúlo Lourenço e Amadeu Costa) trouxeram agora a lume um parecer que concede provimento ao recurso e anula o castigo impugnado, por «o processo de inquérito não ser meio idóneo para a aplicação de sanções, mas, apenas, para o esclarecimento de certos factos, permitindo um subsequente tratamento disciplinar». Ora como não houve processo disciplinar, não pode haver castigo. Ilibado de qualquer falta, Fernando Tavares recebeu a justiça que desejava.

Como vão as coisas

Continuação da pag. 13

corrida, têm honras de apresentação, pelas 19 horas, do próximo dia 8. No Hotel Penta, a Federação e Tomé de Barros Queiroz («Publirama») vão encontrar-se com a imprensa, para falarem a respeito do assunto.

Canal da Crítica

Continuação da pag. 12

portugueses a saber: Como e a favor de quem se restabelece a «ordem» e a «justiça» nos campos de Portugal. Ficaram todos os portugueses a saber: aquilo que os responsáveis lhes escondem ou enrolam em lindas palavras: Manuel Vinhas

voltou à posse das suas terras, infelizmente ele já não viu isso, mas uma alegria, que diabo, mesmo póstuma, não deixa de ser uma alegria...

Fez-se justiça a Manuel Vinhas. Seja tudo a bem da Democrazia.

Farmácias de Serviço

LISBOA

Até às 22 horas
AEROPORTO -- Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D Tel. 722384.
ALBANO -- Rua Escola Politécnica, 59 -- Tel. 326750.
ALEGRIA -- Estr. de Benfica, 180-A-B Tel. 780511.
ANUNCIADA -- Rua do Vigário, 74 Tel. 806360.
ANTUNES ROSAS -- Praça Cidade do Luso, lote 199, Tel. 313610.
CÂNDIDO MONTEIRO -- Av. Almirante Reis, 121, Tel. 45751.
CARTAXO -- Av. da Igreja 21-C Tel. 897958.
CASTRO FONSECA -- Rua 4 de Infanteria, 28-A Tel. 688857.
DALTON -- Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A Tel. 843571.
FERNANDES -- Rua de S. José 187, Tel. 326476.
FIGUEIRAS -- Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 44995.
FONTOURA CARVALHO -- Rua Santos-o-Velho, 12 Tel. 682075.
GRUJO -- R. do Grilo, 25 Tel. 385264.
HIGIENICA -- Rua Heliodoro Salgado 20-A Tel. 844361.
IBERIA -- Rua Barão Sabrosa, 235-A Tel. 728277.
LISBOA -- Rua Cláudio Nunes, 73-A Tel. 703393.
LISBOENSE -- Rua Leão de Oliveira 2-B Tel. 637020.
MIRANDA -- Campo Pequeno, 36-B-C Tel. 770776.
MOURA -- Trav. de Memória, 55 -- Tel. 630944.
NOVA IORQUE -- Av. E.U. da América 140-B Tel. 760658.
PATULEIA H. -- Alameda Lavinhas de Torres, 262-B Tel. 790332.
PENINSULAR -- Campo Mártires da Pátria, 117, Tel. 553308.
PATULEIA H. -- Alameda Li-valhão 5-A-B Tel. 651721.
S. JOÃO DE DEUS -- R. Pedro Ivo, 1-A-B Tel. 725140.
TEIXEIRA LOPES -- Rua Aures, 154, Tel. 324816.
UNIVERSAL -- Rua Actor Tabor-da, 5-7, Tel. 44158.

Permanente

ALBANO -- Rua Escola Politécnica, 59 Tel. 326750.
ANTUNES ROSAS -- Pr.ª Cidade do Luso, lote 199 Tel. 313610.
FIGUEIRAS -- Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 44995.
MOURA -- Trav. de Memória, 55, Tel. 630944.
NOVA IORQUE -- Av. E.U. da América 140-B Tel. 760658.
TEIXEIRA LOPES -- Rua Aures, 154 Tel. 324816.
LISBOA -- Rua Cláudio Nunes 73-A Tel. 703393.
DALTON -- Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A Tel. 843571.
S. JOÃO DE DEUS -- Rua Pedro Ivo, 1-A-B Tel. 725140.
LISBOENSE -- Rua Leão de Oliveira 2-B Tel. 637020.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS -- Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161)
CARCAVELOS -- Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147)
PAÇO DE ARCOS -- Pargana, Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 horas
OEIRAS -- Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas
NOVA OEIRAS -- Leal
PAREDE -- Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 horas; Junqueiro Mendes, das 0 às 9 horas
MURTAL -- Primavera, R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA -- Amoreira, Telef. 262313 287314) Até às 22 horas
CASCAIS -- Cascais, R. Conde de Monte Real -- B.ª Cascais (Tel. 282407) Até às 22 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA -- Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 -- Reboleira (Tel. 938424) Permanente; Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149) Até às 22 horas
DAMAIA -- Lemos, R. de Goa, 2 -A (Tel. 971121)
QUELUZ -- Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM -- Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
ALGUEIRÃO -- Rodrigues Rato, (Tel. 2912938) 2912038)
MERCES -- Claro Russo
RIO DE MOURO -- Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA -- Misericórdia, Vila (tel. 2930391)
COLARES -- Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE -- Gamaleiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS -- Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)

ALMADA

Central, R. de Olivença, 11-B (Tel. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA -- Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)

BARREIRO -- Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212) Até às 19 horas; Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett, 1 (Tel. 2072454) Permanente

COVA DA PIEDADE -- Garcia Reis, R. dr. Alberto de Araújo, m.9-A

MOITA -- Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO -- Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370)

SESIMBRA -- Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)

SETÚBAL -- Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408) Permanente; Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (Tel. 23211) Até às 22 horas

SEIXAL -- Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

COSTA DA CAPARICA -- Carlos, Av. do Mar, 34-A (Quinta de St. António)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

PASTELEIRA -- Rua André de Resende, 92 Tel. 667011; **ALMEIDA CUNHA** -- Rua Formosa, 327, Tel. 24874; **CONTUMIL** -- Rua de Contumil, 540, Tel. 465755; **SAMPÃO** -- Rua de Cadofeita, 636, Tel. 21782; **VAZ TEIXEIRA** -- Rua do Heroísmo, 56, Tel. 52782; **COSTA LIMA** -- Avenida da Boavista, 855, Tel. 60606; **MARQUES DE MENDONÇA** -- Rua do Ameal, 251, Tel. 487118; **SÃO JERÓNIMO** -- Rua de Santos Pousada 622 Tel. 54526.

(De dia e toda a noite)

ORIENTAL -- Rua do Bonjardim 727 Tel. 27878; **CARDONA DOS SANTOS** -- Rua D. Manuel II 90 Tel. 315051; **BARRA** -- Praça da Liberdade 125 Tel. 20463; **MONTE CATIVO** -- Rua do Monte Cativo, 444 Tel. 481687.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

ADRIANA -- Praça da República, 20 Tel. 23609; **ESTÁDIO** -- Rua do Brasil 348 Tel. 72710.

Cinemas

Cinemas

Cinemas

ab CINE

13.15, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15

SALA A
MENTIRAS DO MEU PAI
 (Para todos)

SALA B
SERENATA A CHUVA
 12.30, 14.30, 16.30
 18.30, 21.30, 23.30
CARRIE
 Int. m. 18 anos

LIVELDE

T. 897480 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

Walt Disney Productions apresenta
NO FANTÁSTICO REINO DA FANTASIA
 Para todos

APOLO 70

Tel. 763319 14, 16.30, 19 e 21.30

Barbara Seagull, Kitty Janssen
ANGELA
 EastmanColor
 Não acons. a men. de 13 anos
 Hoje às 24h. Terror, Ficção Científica
O SEGREDO DO PLANETA DOS MACACOS
 de Tod Post
 Amanhã às 11 horas Manhã Infantil
 Desenhos Animados
ASTERIX O GAULTE
 Para todos

AVIS

Tel. 47163 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
 Mentir. Pecar. Amar. Viver.
SOFRIMENTO DE AMOR
 o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BENTIA

Tel. 776098 15.00, 18.00 e 21.15

Richard Burton/Clint Eastwood
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
 um filme de Brian G. Hutton
 não acons. men. 18 anos
 3.ª Semana

Tel. 795093

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 Charlton Heston-John Cassavetes
 Martin Balsam
 5.ª Semana
PÂNICO NO ESTÁDIO
 um filme de Larry Pearce
 Não acons. men. 18 anos

Tel. 795093

1.º Programa:
 16.00: Sinal Horário -- Noticiário, Música Variada; 17.00: Sinal Horário -- Noticiário, Conjuntos; 18.00: Sinal Horário -- Noticiário, Resumo do Programa. A orquestra ligeira convidou... Simone de Oliveira. Participam ainda: O Quarteto Vocal Feminino, o violista Jorge Barradas e a Orquestra Ligeira da RDP, dir. pelos maestros Tavares Belo e José Mesquita; 18.30: Orquestras; 19.00: Sinal Horário, Notícias, Cantorias; 19.30: «O que tenho para dizer», pelo Professor Vitorino Nemésio; 19.40: Música Variada; 20.00: Junção. Sinal Horário, «Jornal da Noite», Boletim Meteorológico; 20.30: Resumo do Programa; Orquestras; 21.00: Sinal Horário, 19.º episódio do folhetim «A verdade por um fio», de René Floriot, numa adaptação de Jorge de Sousa Costa; 21.20: «Contraponto»; 22.00: e 23.00: Sinal Horário, Noticiário; 24.00: Sinal Horário, «Último Jornal».

2.º Programa:
 15.55: Cravistas; 16.30: Música de Schubert; 16.30: Música de Schubert; Schubert; 13.º Chant de terre et de ciel, de Messiaen, pelo soprano Colette Herzog, Ao piano Jean Laforgue; 18.00: os grandes solistas. O violinista Leonid Kogan no concerto em Ré Maior (Brahms); 18.45: Pianistas. Vladimir Horowitz no momento musical em Si Menor; 19.30: Efeméride: Morte François Francoeur. Segunda suite, pela Orquestra de Câmara «Gérard Cartigny»; 20.00: Interpretação do quarteto italiano; 21.00: Efeméride: Nasce Heinrich Schumann; 21.20: Solos de instrumentos; 21.30: Transmissão directa de Azeitão de um concerto pela orquestra simfónica da Rádio Iúlio de Portugal; 23.00: Intercâmbio Musical. Concertos públicos da Rádio do Sarre 1976/77 -- gravações cedidas por aquela emissora alemã. 01.00: Fecho.

3.º Programa -- Nacional e Regional
 16.00: «Variante»; 16.10: Casos go acasos, por Orlando Dias Agudo; 16.20: Cinema em variante, por Carlos Pina;

4.º Programa -- Emissão Total em Estereofonia
 16.00: «Gong». Realização de João David Nunes; 17.00: Sinal Horário; 19.00: «Em Órbita»; 20.00: «Forum». Realização de Jorge Lopes; 22.00: «Auditório»; 00.00: «Prisma». Realização de Fernando Quinas; 02.00: Fecho.

CASTIL

Tel. 537194 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

Não acons. men. 18 anos
 Eastmancolor
 Uma estupenda comédia italiana!

UMA VIRGEM NA FAMÍLIA
 Franca Gonnella/Femi Benubbi
 Hoje às 24 h.
 Antestreia
A RAPARIGA DE PELE QUENTE
 Int. men. 18 anos

CONDES

Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos
 Colorido

A LEIDO ÓDIO

Com Charlton Heston, James Coburn

EDEN

Tel. 320768

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 Bruce Lee é

BIG BOSS, O IMPLACÁVEL
 Um filme de Lo Wei
 Interdito a menores de 18 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 14.15, 16.45, 19.00 e 21.30

Não acons. m. 18 anos
 Melhor actor: Jack Nicholson
 15.ª Semana
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45, 19 e 21.45

Não acons. a menores de 13 anos
CORRIDA LOUCOS
 Hoje às 24 h.
HERANÇA EROTICA
 Int. men. 18 anos

IMPÉRIO

Tel. 5551345 15.00, 18.15 e 21.30

Maiores de 10 anos
 em 70 mm

O DIAMAS LONGO
 O começo do fim da grande noite nazista

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15

Para todos
A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS
 c/ Liza Minnelli
 A melhor comédia dos últimos 50 anos
 As 24 h.
 Não acons. men. 18 anos

LUCKY LADY

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30 e 21.30

Int. men. 18 anos
 um extraordinário filme de suspense
O TRIÂNGULO DA MORTE
 Agneta Ekman, Fres Lindqvist
 17.10: Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira; 17.25: «Pão-pão, queijo-queijo»; 18.00: «Contacto»; 18.20: Títulos de 1.ª página; 18.30: Actualidade; 18.45: Fórmula 1; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.35: A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes (repetição); 20.10: Antologia; 20.30 Pesquisa; 21.00: A Música e as vozes; 21.15: Hora Literária; 21.30: «Quando o telefone toca»; 22.03: «Nocturno»; 24.00: «Nocturno»; 00.15: «Dia a dia com o passado»; 02.00: Fecho.

3.º Programa -- Local 1 (187,5m)
 16.00: Emissão Nacional. «Variante»; 18.15: Sal e pimenta; 18.30: Brica-brac; 19.03: Implacável, por Carvalho Ramos; 20.10: Turismo: temas e problemas, por Júlio Padesca; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa -- Emissão Total em Estereofonia
 16.00: «Gong». Realização de João David Nunes; 17.00: Sinal Horário; 19.00: «Em Órbita»; 20.00: «Forum». Realização de Jorge Lopes; 22.00: «Auditório»; 00.00: «Prisma». Realização de Fernando Quinas; 02.00: Fecho.

NIMAS

Tel. 574362 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos
DAISY MILLER
 um filme de Peter Bogdanovich
 c/ Cybill Shepherd-Barry Brown

Às 24.00

OS LAÇOS DO MATRIMÓNIO

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

em 2.ª Semana
 Int. men. 18 anos
 Colorido
EMANUELLE NEGRA N.º 2

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21 h.

Não acons. men. 18 anos

JURAMENTO DE AMOR
 c/ Hema Malini, Ferroz Khan

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

O BORRACHINHO

RESTELO

Tel. 610275 15.00 e 21.30

TAXI-DRIVER
 Int. men. 18 anos

ROMA

Tel. 887778 15.00 18.15 e 21.15

OS COMEDIANTES
 A fúria, o desejo, a violência, a Paixão!
 Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guinness, Peter Ustinov

ROXY

Tel. 48560

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 Louis de Funès em
 2.ª Semana

O GENDARME EM FÉRIAS
 Um filme de Jean Girault

S. JORGE

Tel. 579144 15.15, 18.15, 21.30

CARRIE
 de Brian de Palma
 em 2.ª Semana
 Interd. a men. de 18 anos

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.30h

Jane Powell/Howard Keel em
SEI ENOVAS PARA SETE IRMÃOS
 um filme de Stanley Donen

Para todos

3.ª Semana

UNIVERSAL

Tel. 774402

Homenagem a Charles Chaplin
 Para todos
 15.00, 21.00

O GRANDE DITADOR
 17.00, 23.00

O REI EM NOVA IORQUE
 19.00

LUZES DA CIDADE

3.ª Semana

D. JOÃO V DAMAIA
 Tel. 971794

às 16 h. Grupo A (M. 6 anos)
JOVENS AVENTUREIROS
 Às 21.15

O HOMEM DA MARATONA
 Não acons. men. 18 anos

LISBOA/Teatros

QUARTETO
 23.45 (18 anos)
 «A Verdadeira História de Jack o Estripador»

ADOCQUE
 20.30 e 22.45 (18 anos)
 «Ó Calinas cala a Boca»

MONUMENTAL
 21.15 (13 anos)
 «Aqui quem manda sou eu»

VARIADA
 21.30 (13 anos)
 «De culpa ó Caetano»

AURA ALVES
 21.30 (18 anos)
 «Calcinhas anarrelas»

ABC
 20.30 (18 anos)
 «Em águas de Bacalhau»

TEATRO DO BAIRO ALTO
 21.30 (13 anos)
 «Casimiro e Carolina»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
 «A Garganta Funda»

MONUMENTAL
 21.30 (10 anos)
 «O Ouro de Mackenna»

CINE AUDITÓRIO
 21.15 (18 anos)
 «Com jeito Vai... Marujo»

SATÉLITE
 21.30 (13 anos)
 «O Incongruente»

CALEIDOSCOPIO
 21.30 (18 anos)
 «Pânico no Estádio»

EUROPA
 21.30 (13 anos)
 «Os Maridos de Elizabeth»

VOX
 21.15 (18 anos)
 «Borsalino e C.ia»

CINEBOISO
 21.30 (18 anos)
 «Fogo no rabo»

CINEARTE
 21.30 (13 anos)
 «Irmão contra Irmão»

RESTELO
 21.30 (18 anos)
 «Taxi Driver»

PROMOT



RENASCENÇA GRÁFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
FND TEL. DIBOA TELEF. 17363
LISBOA PORTUGAL

O ovo vazio

O comício do PCP de terça-feira última encheu o Pavilhão dos Desportos. Estava cheio como um ovo e ainda havia uma multidão no exterior. É um facto.

Agrade-nos ou não, a verdade é esta. Há milhares de pessoas que podem testemunhá-lo, que ali suaram com o calor e com o aperto. Há centenas de fotografias e a própria Televisão o disse e mostrou. O Pavilhão dos Desportos encheu-se de gente. A deitar por fora. Aliás, não é nenhuma lança em África. Tem enchido muitas vezes. Até com o hóquei em patins.

Para atacar o PCP, o secretário do PS podia dizer tudo o que lhe viesse à cabeça (e disse). Para atacar o PCP, o Primeiro-Ministro podia utilizar todas as armas (e utilizou). Mas não se per-

cebe porque disse aquela mentira. Que vantagem pode tirar de uma falsidade daquele tamanho?

O Primeiro-Ministro foi mal informado? O secretário-geral quis chamar a atenção para aquela inverdade evidente para estabelecer um aparente contraste com o restante?

Será um caso de miopia, a mesma que faz com que o Governo não veja os problemas do povo, dos operários, dos camponeses nem as movimentações dos outros partidos?

Estaremos perante a repetição da fábula de ra e do boi? Ou será que o secretário-geral descobriu o ovo vazio?

Não sabemos. O mistério continua. Até que alguém se decida a esclarecê-lo.

MANUEL DE AZEVEDO

Externato Marquês de Pombal

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA 1977/78

MODERNO CENTRO DE ENSINO

PREPARATÓRIO — LICEAL — COMERCIAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

RUA MORAIS SOARES, 93 (AO CHILE)
TELEF. 82 02 21 - 83 14 16 - 83 46 58

Estátua de Salazar continua a dar polémica em Santa Comba

A estátua de Salazar continua a ser motivo de controvérsia em Santa Comba Dão. Ainda na noite de anteontem foram retiradas as tábuas que escondiam a figura decapitada do ditador e na manhã seguinte alguns saudosos do passado colocaram flores na estátua, que se encontra na praça principal da vila, frente à Câmara Municipal.

Logo a seguir ao 25 de Abril, houve antifascistas que resolveram pintar a estátua com inscrições revolucionárias, o que irritou os admiradores locais de Salazar. Um dos que através da pichagem se pronuncia-

va contra as dezenas de anos de fascismo que o ditador de Santa Comba manteve no nosso País com a cobertura das forças repressivas só a muito custo conseguiu sair ileso da operação. Esteve cercado por uma parte da população e foi ameaçado.

Mais tarde a estátua apareceu decapitada. Assim tem permanecido: Salazar sem cabeça, encaixotado, sentado de costas viradas para a Câmara...

Como, na verdade, aquilo se tinha transformado num espectáculo insólito, a Câmara decidiu por unanimidade mandar remover a estátua de Salazar.

Segundo o actual presidente, sr. Lauro Gonçalves, elemento do PS, a deliberação foi transmitida à Assembleia Municipal, que a não ratificou. A resolução tomada pela Câmara, no entanto mantém-se — afirmou-nos o presidente.

Surgiu entretanto um movimento de saudosos do passado que acham que a estátua devia ser restaurada. Os mesmos que, com frequência, se deslocam ao cemitério a depositar flores na campa. Apesar de tudo, sublinhou o presidente da Câmara, «vive-se uma vida pacífica e normal em Santa Comba Dão...»

DEVIDO ÀS MÁS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Médicos abandonam Hospital de Soure

Soure, 6 — No cumprimento de uma medida tomada conjuntamente em reunião no passado dia 7 de Julho, os 30 médicos que diriam serviço no hospital desta cidade, decidiram suspender a partir da manhã de hoje toda a sua actividade, deixando os dez doentes internados sujeitos aos cuidados de apenas cinco enfermeiros e nenhum clínico.

Num comunicado enviado, entretanto, aos órgãos da Comunicação Social, aqueles médicos depois de historiarem as tentativas infrutíferas feitas junto do Centro de Saúde de Coimbra para resolver os graves problemas daquele estabelecimento em que, na sua opinião, «para além da falta de material mais diverso se registam sistemáticos atropelos e se depara constantemente

com má vontade e boicotes de várias ordens, em prejuízo manifestos da população que o utiliza», justificam a atitude agora tomada pelo facto «de nunca terem sido dadas pelas autoridades responsáveis respostas aos seus justos anseios».

Apesar dos graves inconvenientes provocados aos doentes internados e à população de Soure em geral, a decisão dos médicos, segundo frisou esta manhã ao «DL» um porta-voz da Comissão de Trabalhadores da Quilome Hospital, «é perfeitamente compreensível, dadas as manifestas más condições de trabalho, e nem se

pode dizer que pretendam regalias económicas abusivas na medida em que ao longo deste tempo nem sequer as deslocações de Coimbra lhes têm sido pagas».

Segundo conseguimos ainda apurar junto daquele elemento, os doentes que chegam ao banco do hospital estão a ser encaminhados para Coimbra, o mesmo podendo vir a acontecer proximamente aos dez doentes neste momento ali internados, caso o litígio que opõe os 30 médicos ao Centro de Saúde de Coimbra não venha a ser resolvido nas próximas horas.

Locutor alemão assaltado à bisnaga

Quando o locutor radiofónico alemão Ernest Roß Stiefel, de 57 anos, natural de Koblenz, se encontrava ontem à noite dentro do seu carro, estacionado na Praça do Império, foi abordado pelo sapateiro Pedro Neves, de 18 anos, que, num gesto rápido, lhe lançou aos olhos um líquido entorpecente expelido por uma bisnaga.

Valeu na circunstância a intervenção de um agente da PSP que se encontrava nas proximidades, que imobilizando o jovem sapateiro lhe viria a impedir a consumação dos seus intentos: o roubo (segundo confessou no Governo Civil) de tudo o que encontrasse com valor no interior do veículo.

Ladrão de automóveis ferido a tiro

Após movimentada perseguição uma Brigada da Secção de Trânsito da PSP deteve esta madrugada, no Bairro da Boavista, três jovens que se faziam transportar num carro roubado, tendo ferido um deles (José Alves, de 30 anos, mecânico) com um tiro na perna direita.

Enquanto o elemento ferido era transportado ao Hospital de S. José, os dois restantes (Francisco Conceição, de 27 anos, carpinteiro, e Francisco Damas, de 25, sem profissão) davam entrada nos calabouços do Governo Civil.

Na posse dos detidos foram encontradas várias ferramentas próprias para assaltos, nomeadamente um canivete preparado para abrir portas de automóveis e para ligar a ignição.

Aulas no ISCSF em Setembro

Por uma nota do MEIC são avisados os docentes e alunos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas que as aulas recomencem em Setembro próximo. A nota que é de cinco de Agosto informa que as aulas são interrompidas

a partir do dia um de Agosto. O recomeço do agitado ano lectivo do ISCSF destina-se, pelo aviso ministerial, aos alunos dos cursos de Economia, Ciências Sociais, Desenvolvimento Económico, Ciências Político-Sociais e Ciências Antropológicas.

Explosão de Moatize

Continuação da pág. 1

tério dos Negócios Estrangeiros de Moçambique a fim de obter informações completas sobre as circunstâncias em que se verificou a morte dos cidadãos portugueses. Nessa conformidade o embaixador de Portugal foi instruído no sentido de insistir pela averiguação completa dos incidentes.

Entretanto, refere a ANOP em «telex» de Dar es-Salaam, equipas de salvamento sul-africanas retiraram já seis cadáveres da mina.

gação ministerial moçambicana, liderada pelo ministro para o Planeamento e Desenvolvimento Económico, Marcelino dos Santos, encontra-se presentemente em Moatize para investigar o desastre e os motivos que se lhe seguiram, dos quais resultou a morte dos nove técnicos.

A AIM anunciou ontem que os ministros se tinham avistado com as famílias dos mineiros soterrados e dos técnicos estrangeiros para lhes apresentar condolências.

Comandante de regimento "alérgico" ao artigo 273.º da Constituição

Está a provocar controvérsia nos meios militares o incidente verificado há dias no Regimento de Infantaria de Vila Real, horas antes do juramento de bandeira a que presidiu o brigadeiro Pires Veloso.

Com efeito, no início da semana passada, o comandante daquela unidade, coronel Daniel Adão de Barros, teria vetado o discurso preparado pelo capitão David Martelo, oficial de Abril, mostrando-se incomodado com a transcrição do Artigo 273.º da Constituição. Face à oposição do comandante, e uma vez que o capitão Martelo se teria recusado a satisfazer os designios censórios daquele, acabou por ser lida outra alocução por outro oficial, já sem as alusões à Constituição que feriram a susceptibilidade do coronel Adão de Barros. Entretanto, o capitão Martelo apresentou queixa ao Conselho da Revolução, seguindo as vias hierárquicas.

Na alocução que havia preparado e para a qual tinha sido designado, o capitão Martelo citava o Artigo 273.º da Constituição como forma de melhor mostrar aos soldados que iriam jurar bandeira as múltiplas missões que cabem às Forças Armadas. Afirmava aquele oficial, antes de citar a nossa lei fundamental, que «os inimigos do povo português, hoje como no passado, não se encontram apenas além-fronteiras, pelo que são múltiplas as missões atribuídas às Forças Armadas, tanto na guerra como na paz».

Quanto ao artigo constitucional a que o comandante da unidade se mostrou «alérgico» recorda-se que ele refere que as Forças Armadas devem assegurar o prosseguimento da Revolução de Abril, garantir «o regular funcionamento das instituições democráticas e o cumprimento da Constituição» e que «as Forças Armadas têm a missão histórica de garantir as condições que permitam a transição pacífica da sociedade portuguesa para a democracia e o socialismo».

Antes de ir para Vila Real o capitão Martelo era o encarregado do Gabinete de Imprensa do Q.G. da Região Militar do Norte.

Militares expulsos das FAPLA

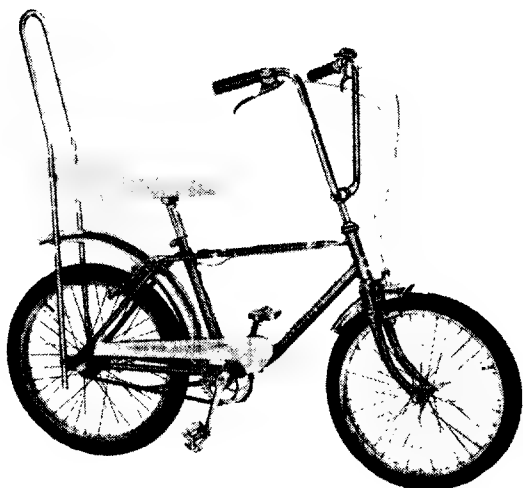
Uma «Ordem Militar» do Ministério da Defesa de Angola determinou a expulsão de treze militares das FAPLA, acusados de estarem implicados no golpe de Estado abortado de 27 de Maio último.

Trata-se de Jacob Caetano João (Monstro Imortal), Alves Bernardo Baptista (Nito Alves), Arnaldo José Lourenço Mesquita, Eduardo Ernesto Gomes, José Francisco Borges, Agostinho Katola, Raul Marques Pereira, Manuel Cassule Bajé, Baptista João Neto, Paulo Sebastião Pedro, Manuel José Veloso, Jacinto Joaquim Lima e António Gaspar de Pombal Neto.

VILAR MODELO BACANA

CAMPANHA DE FÉRIAS

2 300\$00



CICLO AREEIRO

Av. Almirante Gago Coutinho
n.º 1 - c (Junto Praça Areeiro)

Lisboa



Os
observadores
políticos

6 DE AGOSTO
DE 1977

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete
PONTO
setesuplemento
semanal

22

jorge leitão
ramos

cinema

3

luís de miranda
rocha

Livros

7



televisão

8

coordenação de
mário lindolfoLisboa, 6 a 12 de Agosto
de 1977palavras
cruzadas

Horizontais

1/3: Em entrevista concedida a «La Republica», de Roma, comunistas e militares são a grande preocupação deste governante; 7: Bário (s.q.); 9: O mais; 10: Torna murcho; 11: Amónio (s.q.); 12: Medida itinerária do Japão; 13: Verdadeiros; 14: Basta; 15: Cálculo (s.q.); 16: Caminhar; 17/39: Ele, é cabeça de cartaz em Évora; 21: Pronome pessoal; 24: Batráquio; 26: Duas das quatro letras que formam o nome do vulcão da Sicília; 27: Sufixo que designa estado; 28: Maroteira, patifaria. (Gir. Bras); 30/32: Na hora do pedido de adesão à CEE, as centrais Sindicais criticam o plano económico deste governante espanhol; 33: Moderato; 34: Rio de França; 35: Pequena lasca de madeira; 36: Resmungo; 37: Prefixo de privação; 38: O imperador da China, na Idade Média; 46: Sugara o leite materno; 48: Rodeara; 50: Érbio (s.q.); 51: Curai; 53: Acolá; 54: Prefixo que designa ar; 56: Antes do meio-dia; 57: Pronome pessoal; 58: Ave pernalta; 59: Foi vedeta no campeonato da Europa de Hóquei em Patins; 63: Aparência; 64: Aprecia; 65: O mesmo que até (ant); 67: Abreviatura de Santíssimo Sacramento; 68: Preposição latina que designa movimento; 69/72/74: Ele governou sob o impulso de Mao; 77: Arquejar de fadiga; 80: Erva-doce; 82: Divisão de uma casa; 83: Ripas.

Verticais

1: assinalaram; 2: Fêmea do elefante; 3: Costumara; 4: Agora; 5: Apelido; 6: Pista; 7: Roupão; 8: Governanta; 10: Diz-se da mulher que já tem trinta anos; 18: Apurara; 19: Laço; 20: Doutor; 21: Freguesia do concelho de A mariz; 22: Ma mifero pertencente ao género cugardo; 23: Ilhota inglesa no Mediterrâneo, perto de Malta; 25: Enfeitarei; 28: Pronome possessivo; 29: Ribeira de Portugal; 31: Rachas; 32: Sentidas condolências; 37: Freguesia do concelho de Coimbra; 40: Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ahl ohl; 41: Actínio (s.q.); 42: Pequena quantidade; 43: Brisa; 44: Universidade americana, fundada em 1701 em New Brazil; 45: Colegas; 47: Fio de latão; 49: Conclui; 52: Estimes; 55: Duas consoantes desiguais; 60: A vela grande dos navios (Naut e inv); 61: Em as; 62: Requeimar; 66: Aqui; 70: Tens; 71: Larva das feridas dos animais; 73: Recusa; 74: Nota musical; 75: O mais; 76: Papagaio da Amazônia; 78: Crómio (s.q.); 79: Rádio (s.q.); 81: Nosso Senhor.

TARZAN

O Macaco Branco de uma raça de colonizadores

TARZAN — 1929

Edgar Rice Burroughs, escritor norte-americano nascido em 1875, cria em 1914 uma personagem destinada a alcançar enorme sucesso (hoje) em quase todo o mundo: TARZAN. Primeiro título: *Tarzan of the Apes* (*Tarzan e os Macacos*), editado pela A.C. Mc Clurg and Co. de Chicago.

Quatro anos mais tarde seria adaptado ao cinema pelo realizador Scott Samsom, com Elmo Lincoln. O Tarzan mais famoso do cinema foi Jonny Weissmuller, que apareceu em 12 filmes entre 1932 e 1948.

Hal Foster, hábil desenhador de histórias aos quadrinhos, iniciaria em 1929 um trabalho fiel à narrativa de Burroughs. Em 1937, Burne Hogarth ocuparia o lugar de Foster. Outros desenhadores: Rex Maxon, Rubimor (Ruben Moreira), Dan Barry, Bob Lubbers, Joe Celardo, Cardy, Russ Manning.

Quem é Tarzan. Lord Greystoke e Alice, sua mulher, viajam no Furwilda. 1888. Os marinheiros, revoltados, deixam-nos alguns na costa africana. A vivência burguesa própria do mundo ocidental que haviam deixado em proveito dum passeio, resta-lhes como única alternativa a sobrevivência naturalista, despejada de preconceitos. Constroem uma cabana, onde nasceria sob emoções e apreensões, uma linda criança. Rapaz. Sujeitos às «leis da selva», à justiça dos animais, são atacados por gorilas... Alice morre doida e Greystoke assassinado com requintes de desprezo. Mas uma macaca apodera-se da criança, que passaria alimentar, a proteger e a divulgar-lhe os inúmeros segredos daquele habitat. Burroughs considera a inteligência do homem branco superior à do homem negro. Por isso coloca (racisticamente...) o pequeno lorde no cume duma hierarquia, ou seja, rei e mestre dos macacos... Ainda muito novo (18 anos).

Mas Tarzan cresce e necessita de uma companheira. Para Burroughs, de preferência branca. Mas como, esse aparecimento impossível? Novo motim perto do local anterior. E quis o acaso, que... como já se depreendeu, além de uma mulher..., aparecesse William Cecil Clayton, sobrinho e herdeiro de Lord Greystoke, o professor Archibald Porter e sua filha... a tal... Jane, noiva de Clayton, que viria a morrer, facto que facilitou o casamento com Tarzan. Nasce necessariamente um filho: Korak.

Se hoje a vida conhecida de Tarzan se desenrola na selva, sem compromissos, sem preocupações, deve-se ao facto de no início ter repudiado o parlamentarismo, que chegou a praticar, na Câmara dos Lordes. Tinha na altura também uma plantação em plena selva, que abandonaria gradualmente, bem como concepções aristocráticas.

Vejamos: «rei da selva», branco, descendente da burguesia britânica, lutador que vence-sempre... vamos defini-lo segundo Jacques Marny: «(...) não podemos deixar de pensar num outro arquétipo célebre, o de Hércules. Hércules é um homem nu, com uma musculatura poderosa, que afronta monstros (...). É o poder, mas também a «razão», que estabelece a ordem no meio do caos das forças infernais e quiméricas. Tarzan faz o mesmo; quando a Faca-lhe-Falha, parte os animais ferozes nos braços musculosos. Em alguns dos episódios de Tarzan, veremos mesmo o justiceiro afrontar monstros pré-históricos, e então aprendemos melhor as espantosas relações entre a antiguidade e a sua transposição moderna.

(...) O filho de Lord Greystoke é produto duma sociedade altamente sofisticada onde reinam a tradição e o conforto, onde o código de honra e da moral são o resultado dum longo conhecimento. Ora eis que a criança sociedade deve aprender, desde o princípio, outras leis e outros códigos. Regresso à natureza, à vida primitiva. Aqui contam, acima de tudo, a reacção mais rápida, o olhar mais

vivo, o músculo mais desenvolvido, que permitem vencer o inimigo, homem ou animal. Tarzan aceita este código que é condição de sobrevivência. Mas, apesar do calção de pele de animal, não deixa de ser filho de uma raça de senhores... Pressentimos por detrás do grande macaco branco a segurança tranquila

prática baseada numa ameaça concreta (...). Suponhamos que fazemos o mesmo a esses senhores, que é a vez de eles ficarem inquietos. Tão inquietos que eu, no lugar deles, deixaria a cidade». Mas não deixam. Porém, inquietam-se. Tentam magiar a destruição de Brazil, mas desistem, porque coisa impossível.



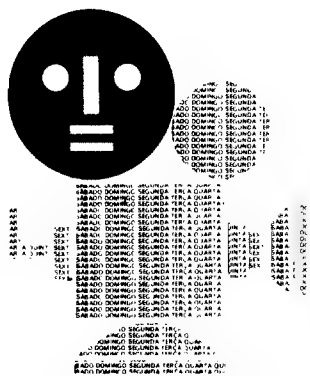
duma raça de colonizadores. Mesmo um branco sem armas mas com inteligência, consegue naturalmente recriar uma ordem em proveito próprio.

B.D. NOTÍCIA

Sambanda em Sacramento é das mais notáveis aventuras de BRUNO BRAZIL, personagem criada por William Vance e Louis Albert. A Brigada Caimão, que chefia, propõe-se acabar com a corrupção e com o crime cada vez mais organizado da Mafia-Cosa Nostra, representada por Leone e Sampa. Imperadores sobre quase tudo e todos, são advertidos por Brasil, via televisão: «Quando a Mafia se instala em qualquer parte, ela não anuncia o seu programa, mas todos começam a temê-la, sem poderem escolher uma defesa

Aguardam. E a Brigada Caimão pratica os seus objectivos, percorrendo os luxuosos salões de Leone e Sampa, que explode após visitas, do detetive particular ou dos seus amigos. Uma lei contra outras leis. Inteligentes, astutos e corajosos, conseguem forjar acontecimentos que colocam aqueles dois chefes da Mafia em conflito mútuo, evitando... como parece ser lema... trabalho desnecessário. E conseguem expulsá-los amigavelmente da cidade... William Vance, com este trabalho plástico, estilístico, arquitectural, coloca-se cada vez mais entre os grandes autores europeus de banda desenhada. (Edição em língua portuguesa da Livraria Bertrand. Excelente trabalho tipográfico).

Acaba de sair o «Manifesto Comunista» do italiano Ro Mancuso. Edição portuguesa da Editorial Teorema. Mais pormenores oportunamente. Entretanto, não perca.



CINE/PONTO

SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS
de Stanley Donen
(USA-1954)

Há filmes que envelhecem sem remédio. Tal parece ser o caso deste **Sete Noivas Para Sete Irmãos** de Stanley Donen que, vinte e três anos depois apenas guarda um sequência de nota, precisamente a do baile, ficando o restante como mero entulho ficcional. Isto para já não falamos na adulterante ampliação para 70 mm que arruina a cor original e destrói os enquadramentos por completo.

Cinema Tivoli (15.15, 18.30 e 21.30h)
(Para todos)

O FANTASMA DO PARAÍSO
de Brian de Palma
(USA-1974)

A descoberta (portuguesa) de um autor pleno

de uma força expressiva por vezes desbordante e incontida mas quase sempre eficaz. Mais que um **re-make** do «Fantasma da Ópera», com incursões faustianas, este filme procede a uma análise e a uma desmontagem do universo dos fabricantes da mediocridade. E evidentemente que o diabolismo é só um referente mitológico.

Cinema Quarteto — sala 4 (15, 17, 19, 21 e 23h)
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

A ÚLTIMA LOUCURA
de Mel Brooks
(USA-1976)

Agora em «últimas», **A Última Loucura** vai encerrar uma bonita carreira que não merecia. Nem o riso é muito nem a alegria suficiente. O que, está à vista, não impediu o público de acorrer ao Londres em número apreciável. Vá lá a gente saber porquê...

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h)
(Para Todos)

CARRIE
de Brian de Palma
(USA-1976)

Com **O Fantasma do Paraíso** às costas esperava-se de **Carrie** uma outra dimensão. Não se quer com isto dizer que este filme esteja no patamar da mediania mas que é sensível, sem grande esforço, que Brian de Palma não levou até onde podia as implicações do filme, socorrendo-se, por vezes, de expedientes fáceis (os *re-lents* ou a divisão do ecran em duas partes) e, para mais, sem grande justificação. De qualquer modo a interpretação de Sissy Spacek e a cena final vão ficar nas antologias do «fantástico».

Cinemas ABCine — sala b (12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30h) e S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30h)
(Interdito a menores de 18 anos)

O TRIÂNGULO DA MORTE
de Vilgot Sjöman
(Suécia-1975)

De Vilgot Sjöman (cineasta apreciável **ma non troppo**) podia esperar-se mais que um clássico triângulo amoroso (com tendência para quadrilátero ou pentágono) polvilhado de interessantes e desaproveitados apontamentos. Nem metafísico nem social este drama sentimental polígrafo decai para a mera história de amores clandestinos e perde-se numa banalidade sem peias.

Cinema Mundial (15.15, 18.30 e 21.30h)
(Interdito a menores de 18 anos)

DAISY MILLER
de Peter Bogdanovich
(USA-1974)

Muito boa gente tem torcido o nariz, por motivos vários e avulsos, a este filme. Sinal de que algo se vai perdendo. O gosto pelo cinema, pela encenação, pelos actores, a catarse sentimental, a lucidez. Sinal ainda de marcas indefectíveis de classe: a incompreensão de que a vulgaridade está longe deste filme e de que miss Miller é o seu contrário. O desejo, sobretudo insatisfeito, é difícil de ver em cinema. E em **Daisy Miller** nada mais acontece que rupturas em climaxes sucessivamente adiados. A inatingível utopia.

Cinema Nimas (14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(Não aconselhável a menores de 13 anos)

PÂNICO NO ESTÁDIO
de Larry Peerce
(USA-1976)

O filme-catástrofe na defesa da ordem fascizante mente reposta por uma polícia cujos fins justificam os meios. Um filme subtil e inteligente que não é um acto de identificação (o meu medo espelhado no modo colectivo da ficção) mas um acto de acção de graças à Brigada de Choque. Cassavetes no meio disto tudo ainda é o mais lamentável.

Cinema Caleidoscópio (14, 16.30, 19 e 21.30h)
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

VOLTAR A VIVER
De Claude Lelouch
(França-1976)

Entre um chá na praça de Londres e a plateia poltronizada do Star se faz muita vida de muita gente lisboeta. Este filme está por isso ao nível dos pãezinhos de leite, das torradas, dos *petit-fours*, da «Elle» e dos «Jogos Sem Fontesiras»: consola e preenche os ócios da burguesia mais acéfala.

Cinema Star (15.30, 18.30 e 21.30h)
(Não aconselhável a menores de 18 anos)

PERSONA
de Ingmar Bergman
(Suécia-1966)

Talvez a obra mais exemplar de Bergman, prodígio de rigor e humildade num olhar apaixonante sobre um certo silêncio e sobre as vampíricas relações entre as pessoas e os sentimentos. Liv Ullmann e Bibi Andersson absolutamente inextinguíveis.

Cinema Quarteto — sala 3 (15, 17, 19, 21 e 23h)
(Não aconselhável a menores de 18 anos)



Festival na Figueira da Foz

Como já vai sendo tradicional, Setembro abre com o Festival de Cinema da Figueira da Foz. Este ano será de 1 a 11 desse mês e as perspectivas quanto à sua programação são auspiciosas.

Alargado a três pontos de exibição (a sala do Casino Peninsular, a Biblioteca-Museu e o Grémio do Comércio) o Festival contará com duas secções competitivas (uma para filmes de ficção e outra — titulada de «Imagens e Documentos» — para documentários) para além de algumas iniciativas adicionais. Nestes se destacariam uma selecção de filmes sobre jazz, em 16 mm, propriedade do coleccionador John Bakere que parece constituir uma das mais completas existentes no mundo (segundo nos afirmou o secretário-geral do Festival, José Vieira Marques) e a existência de dois seminários-retrospectivos, com a presença dos realizadores, com a passagem integral das filmografias do suíço Daniel Schmid e do alemão ocidental Christen Ziewer.

Quanto aos filmes eis alguns dos títulos previstos: Secção de ficção: **Guerres civiles en France** de Joelle Farges (França), **A Repentina Solidão** de Konrad Steiner de Kurt Gloor (Suíça), **La Petite de l'Assistance** de Laszlo Ranody (Hungria), **Underground** de Emile de Antonio (USA), **Der Anfrecht Gong** de Christian Ziewer (RFA), **Rose c'est la Vie** de Hans C. Stenzel (RFA), **A Tenda dos Milagres** de Nelson Pereira dos Santos (Brasil), **Vera Romeyke ist Richt Tragher** de Max Willutzki (RFA), **Pleasant Ville** de Ken Lockner e Vicky Polon (USA), **A Queda** de Ruy Guerra (Brasil), **Barra Pesada** de Reginaldo Farias (Brasil), **Local Color** de Mark Rapaport (USA), **Ceddo** de Ousmane Sembene (Senegal), **As Bodas de Zein** de Khalid Siddik (Koweit), **The Sealed Soil** de Marva Nabili (Irão), **Chhatrabhang** de Nina

Shivdasani (Índia), **El Chergui** de Moumen Smihi (Marrocos), **Os Caçadores** de Theo Angelopoulos (Grécia), **The Royal Hunt** de Mrinal Sen (Índia).
Secção «Imagens e Documentos»: **Union Maids** de J. Reichert, J. Klein e M. Mogulescu (USA), **The Maternity Center Story** do

Colectivo Kartemquin Films de Chicago (USA), **Agripino** de Jan Lindquist (Suécia), **Ned aurons Toute la Mort pour Dormir** de Medondo (República do Sara), **Paraíso Invasido** de Affonso Beato (Porto Rico), **On The Line** de Barbara Margolis (USA), **Nós Somos Judeus Árabes em Israel** de Igal



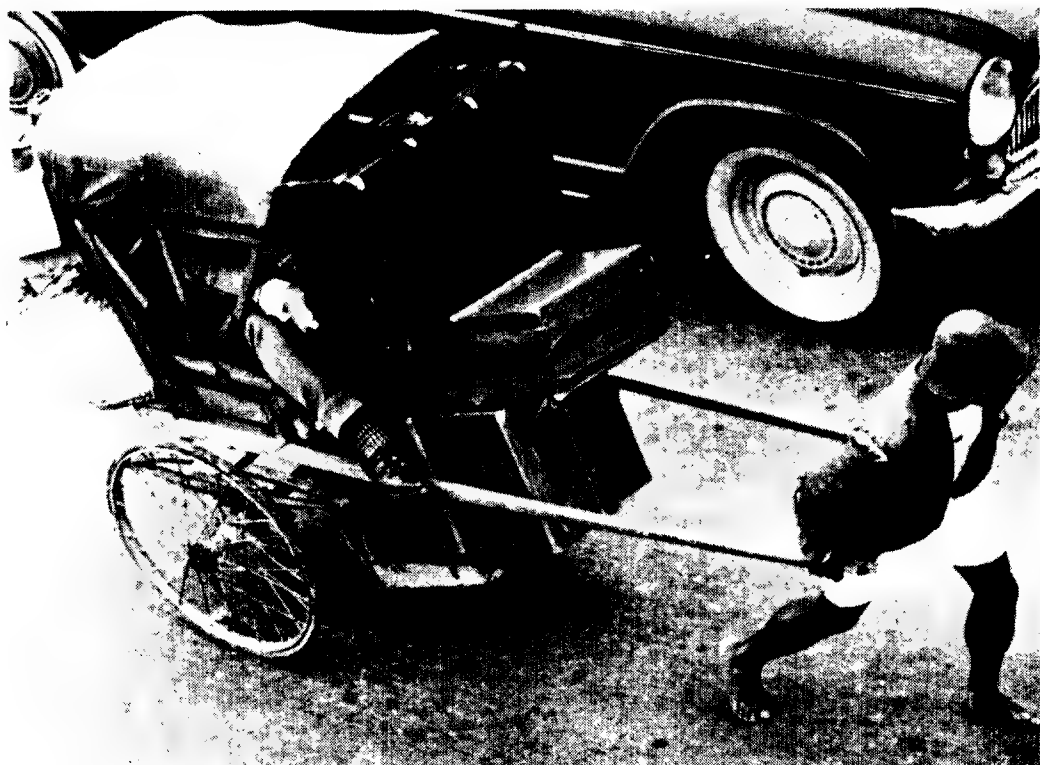
Niddam (Suíça), **Matti da Slegare** de Silvano Agosti, Marco Bellocchio, Sandro Petraglia e Stefano Rulli (Itália).

Entretanto, e paralelamente ao festival, a Figueira da Foz será cenário para a reunião anual da Federação Internacional de Cineclubes (Secretariado-Geral) com a presença de delegados da Suíça, Irlanda, Brasil, França, Hungria e Dinamarca, esperando-se ainda a presença de delegações dos cineclubes portugueses. O Festival da Figueira da Foz parece entretanto abrir-se a um certo cosmopolitismo europeu, à imagem de outros festivais. Consequência disso parece ser o substancial agravamento das condições de «participante» no Festival, condições que permitiram a largas dezenas de jovens estarem presentes nas suas anteriores edições e, com o seu dinamismo, promover fortemente a imagem e o espírito do Festival. Essa face, invulgar em manifestações deste género, parece estar em vias de cair para dar lugar a uma nova imagem. Procede-se assim a uma certa clarificação do Festival ao mesmo tempo que se criam novas contradições a resolver.

Uma das contradições que já sobra da passada edição é a do lugar que o Festival dará ao cinema português. Problema que excede o âmbito do Festival e se prende às próprias linhas com que se cose o poder e as influências no pouco claro e confuso panorama do cinema neste País. Uma coisa é certa, porém: não faz sentido que o único festival de cinema digno desse nome que existe em Portugal não tenha um espaço (eu diria privilegiado) para a nossa produção. Tenha um espaço (eu diria privilegiado) para a nossa produção. Que o IPC e o Festival não o esqueçam eis o que se exige.

Sem eles, você era o

O «Sete-Ponto-Sete» divulga aqui toda a verdade sobre os observadores políticos: meios, locais, posições e tempo de observação. Pela primeira vez, o leitor ficará a saber quem são e como actuam esses esforçados trabalhadores que hoje arrancamos do anonimato e da calúnia. Eles levam uma vida danada para apurar o que se passa nos bastidores e para que você fique ao corrente das coisas. Sobretudo, o leitor não tem o direito de gozar um homem que dedica toda a sua vida à observação dos fenómenos políticos, com espírito de sacerdócio e risco de ser um dia apanhado em flagrante.



Um observador atravessa o Rossio numa hora de ponta, tendo o cuidado de não dar nas vistas



Depois de observar em Portugal tudo o que queria, este observador regressa ao seu país de mala aviada. Só mais tarde o governo deu pela falta dos projectos que o homem leva ao dependuro



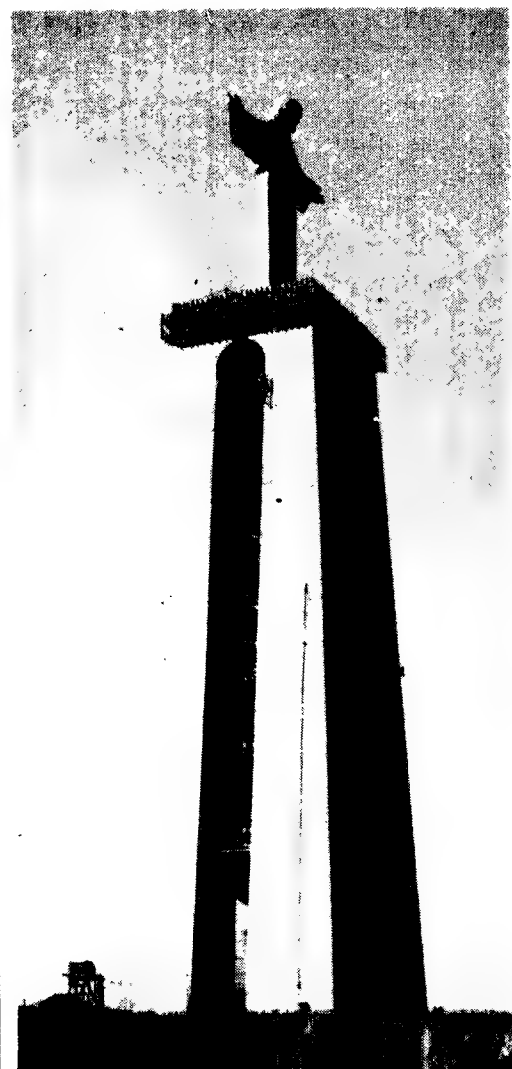
Trata-se aqui de um observador do «Diário de Lisboa», que vem seguindo a paripauta os movimentos do secretário de Estado da Cultura

Para já, convém dizer que Portugal é o país da Europa com mais observadores políticos e o segundo do mundo, logo a seguir ao Líbano. A capacidade destes profissionais, todos eles altamente qualificados, foi obtida na dureza do dia-a-dia, com muitos desgostos e algumas alegrias, mas sempre lutando contra a incompreensão dos visados nas suas observações. Acrescente-se que apesar do seu bom nível, os nossos observadores são geralmente autodidactas, pois a falta de professores universitários não permite o funcionamento de um curso superior. Ainda assim, é justo reconhecer que sem observadores políticos o nosso quotidiano era uma estopada, desenhado e sem sentido. Com

observadores, pelo contrário, as pessoas andam risonhas, trocam observações (vão ser lançadas em cromos) e ficam a saber tim-tim-por-tim-tim das manigâncias dos líderes dos seus partidos e dos outros. Além disso, sentem-se confortavelmente observadas. Para se ser observador político há que reunir condições especiais nomeadamente sangue-frio, pé leve, descontracção, influência, coragem e, sobretudo, muito boa vista. É claro que ao fim de alguns anos começam a surgir as doenças profissionais, com destaque para a deformação da coluna, que aqui se poderá chamar o principal osso do ofício: depois de milhares de espreitadelas, os observadores passam a sofrer de espinhela caída. Por ordem de



Disfarçado de anciã, este observador aprendeu muito com a Glorinha da série da Gabriela



Depois de observar o que se tem passado cá por baixo, Ele ficou simplesmente petrificado

importância nas doenças profissionais segue-se o olho, órgão fundamental dos observadores. Crê-se mesmo que as bichas para o oftalmologista estão a ser engrossadas por observadores no fim da carreira. Entremos agora pela profissão adentro. Qualquer observador encartado, com um mínimo de experiência, sabe que uma das regras fundamentais é não ser visto pelo político que tem debaixo do olho. Ou pelo menos, que o dito não reconheça nele um observador. Em qualquer caso a observação deve ser feita rapidamente e — embora não pareça — os passatempos das «sete diferenças» são uma boa ajuda, dão muito treino. Ele há observadores à vista desarmada, e aqueles que se servem



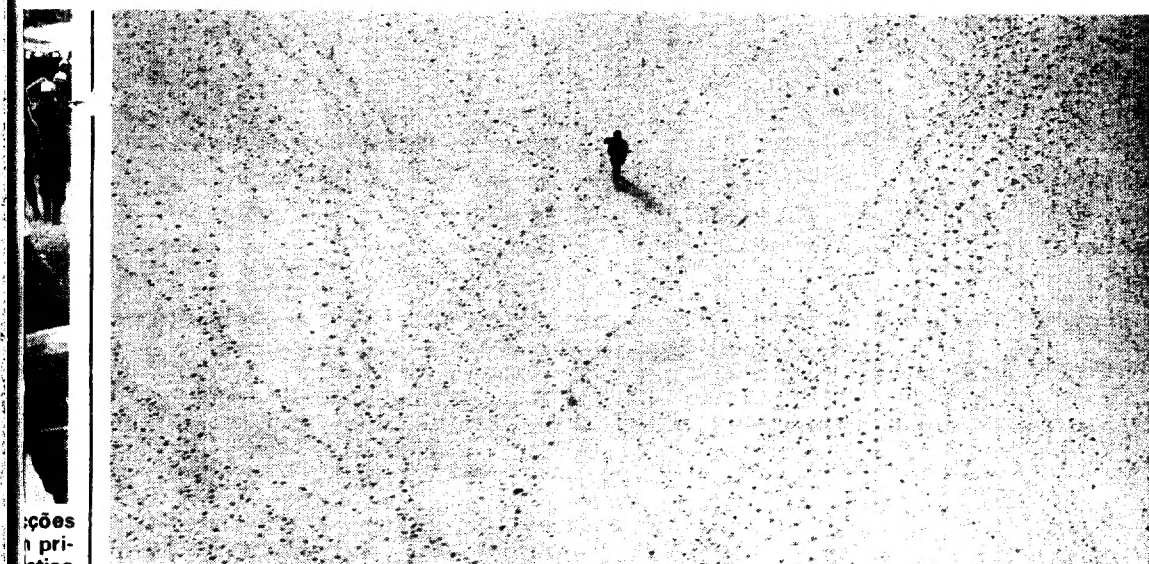
Pormenor de um encontro entre duas facções de observadores muito especializados. Em primeiro plano, vêem-se os escudos de plástico que servem para proteger as pessoas idosas da chuva e do granizo



Primeiro Congresso Nacional dos Observadores

de binóculos e outro equipamento sofisticado para ver os seus objectivos. Depois de os topar, o observador deve guardá-los na retina e transmiti-los ao órgão da Informação para onde trabalha. É evidente que nem todos vêm da mesma maneira: os observadores podem ser realistas, neo-realistas, surrealistas, cubistas ou meros pintores, quer dizer, cada um observa a coisa numa certa perspectiva, e por isso se diz que não há duas observações iguais. O que é muito bom, pois garante-se ao público vários estilos de verdade, ao encontro do nacional-pluralismo que é o enlevo da gente. Quanto aos locais, posições e tempo de observação: os sítios são os mais diversos e as posições também, como

O último a saber



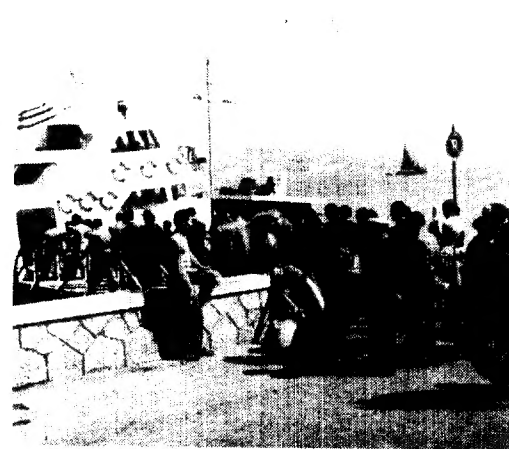
Na Serra da Estrela, ele observa as pegadas deixadas pelos comunistas após uma reunião para derrubar a democracia. (Espreitadela feita em rigoroso exclusivo para «O Dia»)



Políticos. Dá para pensar que os sujeitos «armaram barraca»

se pode avaliar pelas fotos que publicamos e onde se vêem observadores de alto gabarito. Sobre o tempo médio da observação, as estatísticas são muito imprecisas. No entanto, se o leitor é candidato a observador, aconselhamo-lo a ver tudo na braza. Se o topam, está frito. Nunca é de mais insistir neste aspecto: o observador deve ser um **gentleman** e não cair, por exemplo, na grosseria de querer despir um político com os olhos. É feio e não dá gozo nenhum. Já o disse Pulitzer, ninguém nasce jornalista nem coisa alguma. Em todo o caso, é de pequenino que se torce o observador e, sendo assim — se quisermos ter amanhã uma equipa de observadores que não nos envergonhe — é preciso começar a pôr as crianças à janela, estimulando-lhes o

sentido de observação. Depois, haverá que interpretar correctamente o que elas dizem, tantas vezes com uma subtilidade que nos escapa. Uma frase tão simples como «mamã», quero «xixi», pode significar um palpite para o totobola. No fundo, «pai, leva-me ao circo» pode ser um maneira subjectiva da criança pedir para a levarem à assembleia. A força de estar à janela, o putito acaba por conhecer todos os comunistas, socialistas, sociais-democratas, centristas e pides lá do bairro, e daquele vaivem tirar as suas ilacções. Então, arranja-se-lhe uma janela maiorzinha, depois uma varanda e mais tarde um terraço. Vai para a tropa já com uma profissão, e enquanto lá estiver poderá acumular com a de observador militar.



Observadores chegam à margem sul para dar uma olhada. Regressarão de Cacilhas com importantes observações



Desdita de um observador estagiário: chamam-lhe nouvel observateur



Para bom observador...



Um observador do «Jornal Novo», no momento exacto em que observava a actuação da KGB em Portugal

Vem a propósito dizer que a maioria dos observadores políticos se esconde sob a capa de alfaiates, embaixadores, bombeiros, jornalistas, empresários, negociantes e por aí adiante. Eles chegam mesmo a aprender estes ofícios, só para não levantar suspeitas. Entretanto, observam. Atente agora o leitor nas vantagens de uma comunidade que tem, como a nossa, os seus observadores. Se não fossem eles, não estaríamos no segredo da instabilidade. Haveríamos de supor que tudo corria calmamente, sem incidentes, e essa ideia tornar-se-ia insuportável para o nosso temperamento latino. Sem eles, não haveria açambarcamento, e muita dona de casa não aguentaria a pasmeira de

trazer do supermercado sempre as mesmas coisinhas.

Sem observadores políticos ninguém teria visto, há dias, um deputado do CDS cair da cadeira em S. Bento e levantar-se depois, muito corado, com medo que associassem o estampanço à queda do outro, já lá vão nove anos.

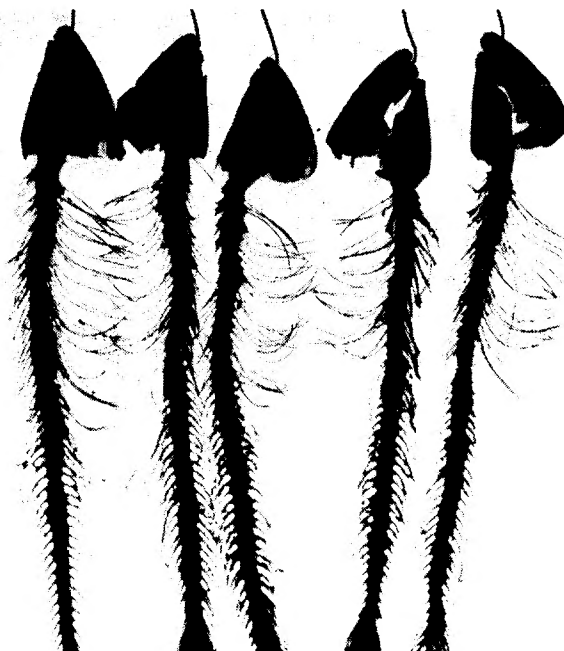
Sem os observadores políticos as pessoas nunca saberiam a tempo que vêm aí os russos, e que se torna necessário avisar os miúdos para não aceitarem rebuçados de forasteiros.

Concluindo, sem observadores você era o último a saber.

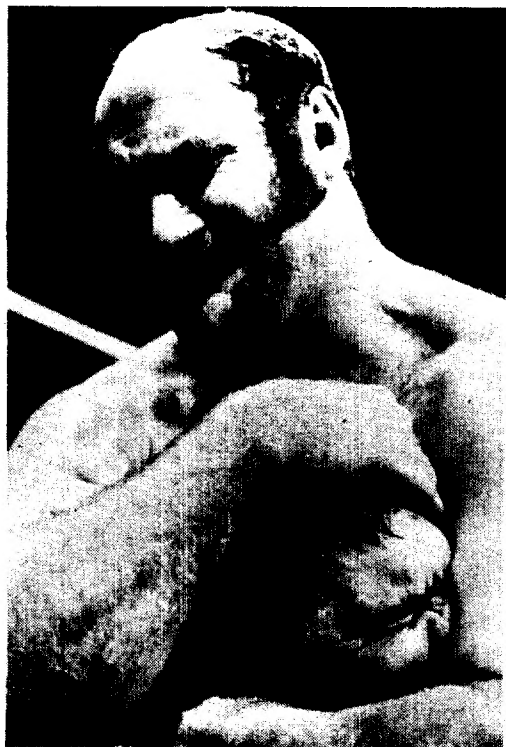




Observadores políticos chegados ao vespertino «A Luta», dizem que os comunistas continuam com ameaças e que, neste local, já «houve porrada de criar bicho». A imagem confirma



Observadores políticos no fim da carreira. A espinhela caída é a sua mais grave doença profissional



A imagem é elucidativa do que pode acontecer a um observador apanhado em flagrante



Observadores qualificados observam a Convergência in loco



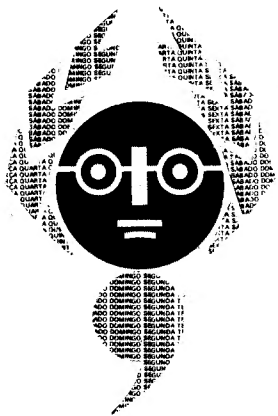
O maior fracasso dos observadores portugueses: ao preço que o chicharro está, eles nunca perceberam a razão do sorriso desta dona de casa



Um chico esperto acaba de montar negócio chorudo no castelo de S. Jorge: por cada espiadela no Socialismo, os observadores pagam um xis



Não é para nos gabarmos, mas este é o observador do nosso suplemento. Faça agora o leitor as devidas comparações e tire o seu juízo



aPONTO e virgula

«O NOME DAS COISAS»

São 54 poemas distribuídos por três séries. A primeira reúne poemas datados de 72/73. A segunda, de 74/75. A terceira, supõe-se que poemas mais recentes, embora a única indicação nesse sentido seja a data de um poema assinalado pelo ano de 76. Pode parecer que se trata dum pormenor sem interesse, mas talvez não. Há na obra poética de Sophia talvez não seja errado dizer-se que um processo, uma evolução, pelo menos, no sentido de uma inflexão a acentuar-se sobre as emergências da realidade e do concreto. É admissível que se estabeleça «Geografia» (sétimo livro da autoria publicado em 67) como correspondente àquele período onde uma tal evolução ou esse progresso se assume com uma consciência mais forte das suas implicações. Entre «Geografia» e «O Nome das Coisas» há apenas um conjunto de poemas novos a assinalar: «Dual», publicado em 72. Ali, uma poderosa consciência do real dá ao processo em curso horizontes ainda mais largos. Esta perspectiva reforça-se na medida em que Sophia mantém uma mesma linha de coerência e fidelidade em relação ao sentido inicial do seu projecto poético, mas sobretudo — através dum cuidado extremo em relação ao seu trabalho e no desembaraço das tarefas estilísticas que se lhe põem — uma assinalável consistência estrutural. O primeiro motivo de interesse com que desde logo este livro mais recente se nos propõe será, pois, o de saber como é que ele se situa em relação à tendência que o precede. Outro motivo de interesse, poder-se-á ser um pouco marginal e limitar-se ao âmbito duma relativa curiosidade. Tratar-se-á então de saber duas ou três coisas, como, por exemplo, o que e como escreve depois de «25 de Abril» alguém que já antes dessa data metonímica apontara tanto para horizontes que só depois se abriam. Ora, há na segunda série deste livro um poema na segunda intitulado «25 de Abril». É muito breve e pode transcrever-se na íntegra: «Esta é a madrugada que eu esperava/O dia inteiro e limpo/Onde emergimos da noite e do silêncio/E livres habitamos a substância/do tempo» — podemos ler. Na mesma sequência (poemas datados de

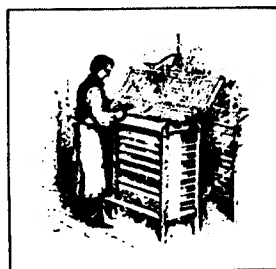
74/75), há outros poemas onde o temário pós-«25 de Abril» se encontra brevemente explorado. (E sublinhamos intensivamente explorado. (E sublinhamos intensivamente para significar como o que aqui se lê não é o processo histórico e social global, mas algumas das suas mais significativas (significantes), metonímicas, metafóricas, simbólicas, emergências. Não é por isto, evidentemente, que a mais recente produção poética de Sophia é um trabalho feito em sintonia com o seu tempo. Porque se trata dum trabalho de linguagem — escrever, e escrever poesia —, não é uma relação expressa (outras vezes, em tantos casos, de dependência) com a realidade do mundo que o torna por assim dizer vivo e actual. É necessário que, ao nível da escrita — do texto, do discurso — essa relação se encontre supra-estruturalmente elaborada. No caso pendente, os poemas de «O Nome das Coisas», há-de convir-se que nem sempre Sophia se detém em atenção sobre o seu trabalho o bastante para enfrentar sem risco a tendência para a facilidade, para a vulgaridade, e uma vez ou outra para a solução de gosto duvidoso. Quase sempre, porém, o poema se nos propõe como objecto conseguido por um labor minucioso e cuidado. E sempre, enfim, é a imagem dum grande dignidade (ou a dignidade dum grande poeta) que da leitura destes poemas se retira. Se se diz assim, e por uma razão clara: pensa-se, naturalmente, na concepção ética que Sophia tem do trabalho que faz e das relações que existem entre o trabalho que faz e a realidade do mundo. Radica aqui uma impressão, certo, de início espontânea, mas que a breve prazo e desde as raízes entronca no nosso confronto com a realidade estrutural (escritural, textual, discursiva) do poema — a sua força e a sua consistência, mas a sua fragilidade, também, apesar de, ou por isso mesmo.



«AS ZONAS QUENTES DO INVERNO», de Egito Gonçalves (INOVA)

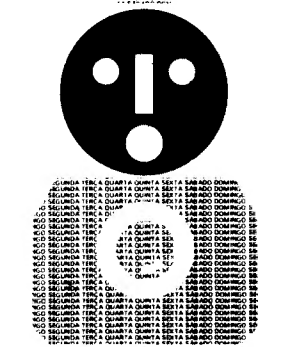
Doze poemas, ou um poema constituído por doze fragmentos — não é agora oportunidade para nos determos sobre conceitos que nem os manuais com ajudas de definições precisam. Se bem que sem data de feitura, admitamos que se trata de produção da mais recente do autor, posterior à incluída em «Luz Vegetal», em livro desde 75. Egito Gonçalves, é um poeta que vem dos anos 50 e dum âmbito de referências onde a intenção social da poesia de combate e resistência era já (mais do que numa fase

precedente da mesma poética, o neo-realismo) razoavelmente servida por preocupações de teor formal em muito concorrentes para a qualidade dos resultados textuais obtidos. Certo que, no caso de Egito, há uma primeira fase, e mais ou menos demorada, onde o que se conseguiu hoje parece um pouco distanciado de nós e das nossas exigências. Mas é hoje que isso assim nos aparece, e, antes de nos parecer a nós, já parece o autor se aperceber bem disso. A prova é que, mais tarde, e a partir de certa altura, vemos hoje como o trabalho do poeta passou a submeter a intenção social — o sentido do social sempre latente — a uma vigilância dominada, no trabalho verbal, por preocupações estilístico-expressivas cada vez mais absorventes, até ao encontro dum linguagem suficientemente autónoma e capaz de se impor, tanto como ou mais do que reflexo do real, lugar onde o real se produz e se lhe alargam os primeiros, iniciais limites. Isto merço dum decisiva tomada de consciência do próprio trabalho significativo em relação à sua vocação e às suas possibilidades. Em «Os Arquivos do Silêncio» (Sétimo título na bibliografia do autor publicado em 63, treze anos depois do livro de estreia), e talvez essa consciência que activa e decisivamente se assume. Sete anos depois (em 1970), um conjunto de poemas reunidos sob o título «O Fósforo na Palha» revela um poema finalmente dotado de largos e fortes recursos expressivos, trabalhando com uma grande desenvoltura entre um vocabulário uma metafórica e uma imagética ricas e abundantes até à exuberância, e um rigor expressivo procurando na moderação e na economia de meios e expedientes. Mais recentemente, em 75, os poemas que estão em «Luz Vegetal» mostram como as possibilidades desta poética são ainda mais largas e fecundas. Os doze poemas ou os doze fragmentos que constituem «As Zonas Quentes do Inverno» há-de parecer-nos por certo um prolongamento da fase ou do período a que pertence aquele livro. E isso pode significar que a obra poética que Egito Gonçalves tem vindo a escrever nos últimos tempos pode muito bem estar aqui a ganhar proporções por enquanto incalculáveis.



«COLÓQUIO — Letras»

Nas livrarias, o número 37 desta revista da Gulbenkian. Data de Maio, apareceu em fins de Julho, veja-se o atraso de dois meses para uma publicação, aliás bimestral. Todavia, a crescente-se, não está aqui questão nenhuma: o único sensível (mas mesmo assim relativo) prejuízo (eventualmente e para o leitor) é que as críticas aos livros saem ainda com mais sensível atraso. Dizemos ainda mais, porque algum atraso já é inevitável. Mas não raro sucede que, quando sai uma crítica a um livro, já entretanto o mesmo autor publicou outro, o que não deixa de se anotar com uma certa contrariedade. Isto de parte — que não nos compete resolver nem tal estará facilmente ao alcance dos responsáveis pela publicação — assinala-se que o presente número (como sempre acontece, aliás) traz material susceptível de interessar o leitor que habitualmente se interessa por estas coisas de literatura. Do sumário avulta o corpo de ensaios: cinco textos, e são eles uma apresentação da poesia de Sena feita por Fernando J. B. Martinho, um estudo sobre um aspecto pontual da poesia de David Mourão-Ferreira feito por Vasco Graça Moura, uma «Leitura finalizada dum texto infinito: «Galáxias, de Hiaroldo de Campos», da responsabilidade de Inês Oseki-Depre, «Reflexões sobre poesia», de Armindo Trevisan, «Herculano e o Tataro», de Luís Francisco Rebelo. Pelo menos.



PONTO, contra PONTO

Oito concertos numa semana

AZEITÃO

Dia 6, 21.30h

CONCERTO SINFÓNICO

Johann Strauss/Joly Braga Santos/Mahler/Beethoven
Orquestra Sinfónica da RDP
Direcção: Álvaro Cassuto

ERICEIRA

Dia 6, 21.30h

QUINTETO DE SOPRO

Mozart/Reicha/Joly Braga Santos/Nielsen
Instrumentistas de Sopro, professores dos Cursos Internacionais de Música da Costa do Sol

TORRE DE BELÉM

Dia 9, 21.30h

CONCERTO CORAL

Grupo de Divulgação de música Popular da Juventude Musical Portuguesa

ESTORIL

Pavilhão dos Congressos
Dia 9, 21.30h

DOIS PIANOS E PERCUSSÃO

Bartok/Lopes Graça/ Chostakovitch / Ravel
Pianos: Sequeira Costa e Tania Achot
Percussão: Juan Pedro Ropero e Xavier Benec

Concerto a não perder, onde avultam a célebre Sonata de Bartok e uma primeira audição pública de Lopes Graça.

RUÍNAS DO CARMO

Dia 11, 21.30h

CONCERTO SINFÓNICO

Joly Braga Santos/ Hulmmel/ Borodine
Bandolim: Tobias Cardoso
Direcção: Silva Pereira

PALÁCIO DE QUELUZ

Dia 11, 21.30h

RECITAL DE PIANO

Sonatas de Beethoven
Piano: Sequeira Costa

TORRE DE BELÉM

Dia 12, 21.30h

TRIOS

Locateli/ Haendel/ Telemann/ J.S. Bach
Trio Antiqua (Carlos Franco, Clotilde Rosa, Luísa Vasconcelos)

ESTORIL

Pavilhão dos Congressos
Dia 12, 21.30h

ZURESCO OLERKIA

(1.ª audição em Portugal)
de Luís de Pablo
Instrumentistas tradicionais bascos
Grupo de Percussionistas da TV espanhola
Grupo de Música Vocal Contemporânea
Direcção de Luís de Pablo

Chama-se especialmente a atenção para este concerto, em que será realizada pela primeira vez em Portugal uma obra de Luís de Pablo essencialmente ligada à cultura basca e às suas raízes étnico-musicais. Sem dúvida, um dos acontecimentos mais importantes do Festival da Costa do Sol.

S U R D O S
CASA SONOTONECHEGOU FINALMENTE A ÉPOCA
DAS FÉRIAS

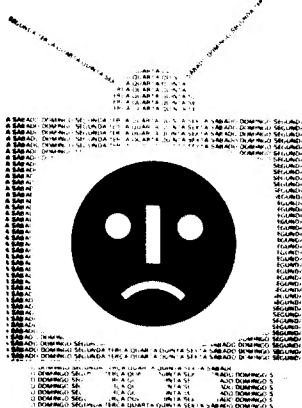
Como é bom descansar. Uns preferem a praia outros o campo... Todos gostam de ouvir bem. Que felicidade ter boa audição. Estamos aqui para os ajudar. Venham até nós para lhes fazermos um exame audiométrico e uma demonstração que é gratuita com os melhores aparelhos do Mundo. Temos o que há de mais moderno

para corrigir a surdez. Prestamos assistência técnica. Pilhas de todas as voltagens, de mercúrio e carvão. Também somos oculistas. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Esperamos a vossa visita com a qual ficamos muito agradecidos em:

LISBOA — Póço do Borratém, 33 S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 315602

ADMISSÃO DE FUNCIONÁRIOS/AS

Para grande empresa a funcionar em todo o País. Oferecemos inicialmente 11.200\$00. Candidate-se 2.ª feira, se tiver aptidões equivalentes ao 2.º ciclo e 21 anos como mínimo. Só das 9,30 às 13 e das 14 às 17 horas, na Av. Miguel Bombarda, 133-7.º Porto D



TV/PONTO

SÁBADO, 6

19.35 Espaço 1999



(a série de ficção científica que faltava. Viva!)

21.10 A Feira
(com a saída de Ivone Silva, «isto ainda vai dar bola»)

22.15 A vingança de César Borgia
(é um filme realizado por Henry King, com Tyrone Power e Orson Welles nos principais papéis)

DOMINGO, 7

13.40 Desenhos animados

15.55 Marco

21.05 Os Marretas
(um sábado destes, «Sete-Ponto-Sete» apresentará os marretas locais)

21.35 As origens da Mafra
(novo episódio desta realização de Enzo Muzzi. Interpretação de Fernando Rey)

19.40 Canções do Brasil
(Lilís Regina tá aí)

SEGUNDA, 8

18.32 Telejornal

18.35 As aventuras de um rato em Marte
(a história de Miguel no país dos bonecos de giz e do Pequeno Pirata)

19.00 Abre-te Sésamo
(O Egas ó Egas, ó sol da Azia)

19.30 La miré
(de magazine de música)

20.00 Telejornal
(e vão dois)

20.35 Gabriela
(ajuda a digerir o telejornal. Até por isso, não perca)

21.10 Boletim Meteorológico
(altas pressões, anticiclones, cristas de pressãoárias, etc., enfim, talvez não chova)

21.15 A visita da Cornéllia
(as opiniões dos jurados são de partir o coco. Deixe queimar o guisado mas não perca a vaca)

23.15 Telejornal

TERÇA, 9

18.32 Telejornal

18.35 «Havemos de lá chegar»
(supomos que se trata duma rubrica infantil)

19.00 1, 2, 3... É a tua vez!
(divertido. Deixe os miúdos verem)

19.30 Ligeiríssimo
(na linha habitual)

20.00 Telejornal

20.30 Gabriela
(um fenómeno social. A esta hora, não se vê viva alma nas ruas)

21.10 Boletim Meteorológico

21.15 Mosaico

22.50 Telejornal

QUARTA, 10

18.32 Telejornal

18.35 As aventuras de um rato em Marte

19.00 Abre-te Sésamo

19.30 Caminhos do Futuro
(«Na crista das ondas». É isso)

20.00 Telejornal

20.30 Gabriela

21.15 Boletim Meteorológico

21.20 Os três inocentes
(«três homens mais parecidos do que se fosse m gêmeos, vive mais

divertidas e complicadas situações». O filme é de Josef Mach. O telespectador reconhecerá prontamente os intérpretes: Marie Drahokoupilová, Katssina Burianová, Fratišek Filipovský e outro, também muito popular, Jiri Zahajsky)

23.10 Telejornal

QUINTA, 11

18.32 Telejornal

18.35 Espaço Arte

19.40 As aventuras de Robinson Crusó

19.30 Tropicália
(versão brasileira)

20.00 Telejornal

20.30 Gabriela



(o coronel Melk que diga)

21.05 Boletim Meteorológico

21.10 O Homem e a Terra

21.35 Colditz

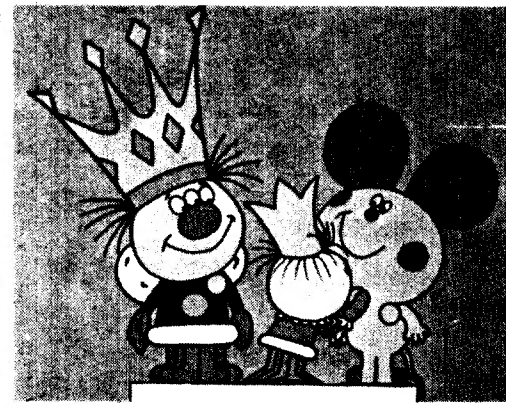
(com aquelas facilidades todas — num campo nazil — dá para pensar que o cativo se leva com uma perna às costas)

22.35 Telejornal

SEXTA, 12

18.32 Telejornal

18.35 Bonecos



(infantil)

19.00 Abre-te Sésamo

(infantil)

19.30 A Ideia e a Imagem

(«literário, aberto a todas as formas de cultura»)

20.00 Telejornal

20.35 Gabriela

(precisa não, seu coronel)

21.10 Boletim Meteorológico

21.20 «Um caso interessante»
(onde se conta que um célebre industrial francês leva uma vida de trabalho intenso e às tantas é forçado a baixar à clínica. Ali, é vítima do sistema implantado e sai pior do que entrou. O filme é da responsabilidade de Paul Roland)

22.45 Telejornal

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

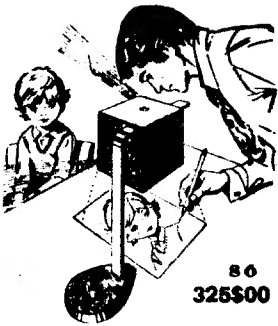
1-B-MÁRIO SOARES. 7-Ba. 9-AI. 10-Torra.
11-Am. 12-Ri. 13-Reais. 14-Ta. 15-Ca. 16-Ir.
17/39-FERNANDO GUARANY. 21-Te. 24-Rã.
26-Et. 27-Or. 28-Tribo. 30/32-ADOLFO SUAREZ.
33-Mo. 34-Ain. 35-Cavaco. 36-Rosna. 37-An.
38-Cã. 46-Mamara. 48-Acercara. 50-Er. 51-Sarai.
53-Além. 54-Aer. 56-Am. 57-Te. 58-Ema.
59-LIVRAMENTO. 63-Ar. 64-Pesai. 65-Ta. 67-SSS.
68-Ad. 69/72/74-CHU EN-LAI. 77-Arcar. 80-Anis.
82-Sala. 83-Sarrafos.

VERTICAIS:

1-Marcaram. 2-Aliã. 3-Soera. 4-Ora. 5-Ari.
6-Rato. 7-Bata. 8-Ama. 10-Trintona. 8-Refinara.
19-Nó. 20-Dr. 21-Travanca. 22-Eira. 23-Gozo.
25-Adornarei. 28-Tua. 29-Beça. 31-Lascas.
32-SC. 37-Ameal. 40-Uai! 41-Ac. 42-Resto. 43-Ar.
44-Yale. 45-Camaradas. 47-Arame. 49-Remata.
52-Ames. 55-RV. 60-Capa. 61-Nas. 62-Tisnar.
66-Cã. 70-Has. 71-Ura. 73-Não. 74-La. 75-AI.
76-Ia. 78-Cr. 79-Ra. 81-NS.

MAGIC ART

APARELHO DE DESENHO



80
325\$00

Agora TODO O MUNDO pode desenhar, o que quiser e no tamanho desejado, com um bom artista.

PEDIDOS A COBRANÇA + 25\$00 (portes)

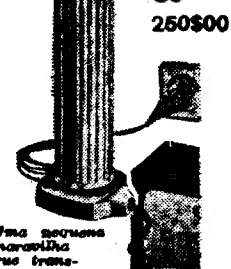
A SEX-SHOP

Apartado 292 - PORTO

SUPER STARK

ANTENA TV

ELECTRÔNICA



86
250\$00

Uma pequena maravilha que transforma a sua instalação eléctrica numa antena de recepção de TV e rádios com AM-FM.

PEDIDOS A COBRANÇA + 25\$00 (portes)

A SEX-SHOP

Apartado 292 - PORTO

FORMATE

TÉCNICA E INFORMÁTICA, LDA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Junho corrente, lavrada de fls. 31 a 32 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º A-420, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. LIDIA RODRIGUES MAIA DEVEISA, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, com a denominação de IMAGEM, com a sede em Lisboa, a qual se regerá pelo pacto social constante da fotocópia anexa, que com esta se compõe de três folhas e vai conforme o original.

Lisboa, vinte e um de Junho de mil-novecentos e setenta e sete.

U.º 3.º Ajudante,

António Borges Ferreira

PRIMEIRO: — A sociedade adopta a denominação de «FORMATE-TÉCNICA E INFORMÁTICA, LIMITADA», fica com a sua sede em Lisboa na Avenida Estados Unidos da América, número noventa e sete, décimo-quarto andar, direito, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

SEGUNDO: O seu objecto consiste nos estudos de Técnica e informática, representação comercial de Produtos de construção civil, podendo no entanto exercer qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e a lei permita.

TERCEIRO: O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de CEM MIL ESCUDOS e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: Rogério Cândido da Cruz, noventa e cinco mil escudos; Maria Manuela Teresa Henriques Gonçalves da Cruz, cinco mil escudos.

QUARTO: — A gerência e administração da sociedade e a sua represen-

tação em juízo e fora dele, activa e passivamente fica a cargo da sócia MARIA MANUELA e TERESA HENRIQUES GONÇALVES DA CRUZ, desde já nomeada gerente, sem caução e com ou sem remuneração conforme deliberado em assembleia geral, sendo SUFFICIENTE a sua assinatura para a sociedade ficar validamente obrigada em todos os seus actos e contratos.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — A gerente poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência em quem entender mesmo em pessoas estranhas à sociedade; igualmente a sociedade poderá constituir mandatários para os fins e efeitos a que se refere o artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — Ficavendo à gerente ou seus mandatários obrigada a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou em quaisquer outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

QUINTO: — A cessão de quotas a estranhos fica dependente de autorização da sociedade e de quem mais for sócio.

SEXTO: — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os sócios sobreviventes e os herdeiros do sócio falecido, sendo estes representados por um só deles enquanto a quota se mantiver indivisa, e no caso de interdição exercerá os direitos sociais o representante do interdição.

SETIMO: — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência quando a lei não exigir outras formalidades e prazos.

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA

DE OLHÃO

ANUNCIO

2.ª Publicação

— Pelo presente se faz saber que pela 2.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de seis meses e de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando, respectivamente, o requerido FIRMINO PIRES COSTA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida em Queilhes, freguesia do mesmo nome, concelho e comarca de Olhão, e quaisquer interessados incertos para, no prazo de vinte dias, findo que seja o dos editos, contestarem, querendo, os autos de acção especial movidos pela autora Raquel da Silva Costa Pedro, casada, doméstica, residente na Rua Caldas Xavier n.º 23, em Faro, cujo pedido consiste em ser julgada justificada a ausência para declaração de morte presumida do mencionado requerido.

Olhão, 29 de Julho de 1977

O Juiz de Direito

a) António Luís Gil Antunes Grancho

O escrivão de Direito

a) Joaquim Antunes Teles Pais

TRIBUNAL JUDICIAL

DA COMARCA

DE FARO

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

— Faz saber que na segunda secção do Tribunal desta comarca, com o n.º 176/77 correm termos uns autos de ACCAO DE DIVORCIO que MARIA DE DEUS TOMAS, casada, doméstica, residente na Rua dos Celeiros n.º 8, 2.º, Faro, (que) move contra o Réu JOÃO JOSÉ MACHADO, torneiro mecânico, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Aboim Ascensão n.º 35, Faro, e que por estes autos correm editos de TRINTA DIAS, CITANDO aquele Réu para no prazo de VINTE DIAS que se conta a partir do termo dos editos, que correm desde a publicação do segundo anúncio para, querendo, contestar os pedidos de divórcio e de assistência judiciária formulados pela Autora em sua petição inicial. A Autora funda o pedido de divórcio na separação de facto dos cônjuges.

FARO, 28 de Julho de 1977

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) Rui José Cardoso

Verifiquei:

O JUIZ DE DIREITO,

a) Raul Domingos Mateus da Silva

CARTAS DE CONDUÇÃO

PARA BEM SERVIR PROCURE A

GRANCOOP



COOPERATIVA DE ENSINO DE

CONDUÇÃO AUTOMÓVEL DE LISBOA

PREÇOS INFERIORES À TABELA GERAL

Av. João Casanova, 65-1 - DI

Lisboa - S. SEBASTIAO

LISBOA - 1

Tel. 535263

GITUS 77

FÉRIAS PARA

TRABALHADORES

PASSEIO DE BARCO

A TROIA

Dia 7 de Agosto 1977

(DOMINGO)

Partida Terreiro do Paço

8 h., Regresso, 20.30 h.

Preço por pessoa

Esc. 200\$00

Criança: Esc. 70\$00

(4 aos 12 anos)

Preço para a 3.ª idade

e reformados: Esc. 50\$

BILHETES A VENDA

no GITUS:

R. Victor Cordon, 1-3.º

T. 385286

Av. Sidónio Pais, 4-A

T. 539871

P. Restauradores, 14

T. 362501

R. do Alecrim, 10

T. 365782

e também nas Bilheteiras

de C. P. no Rossio e no

Terreiro do Paço

Bilhetes para Reformados

e senhas de Almoço

só no Gitus

INSCREVE-TE.

PARTICIPA.

PEDE PROGRAMA.

CONSULTA O TEU SIN-

DICATO.

PASSAPORTES

Aviso Importante

Os passaportes tirados há cerca de

5 anos ou mais deverão ser-nos

enviados para obtenção de novos

agencia abreu

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341